

A COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO, O GRÊMIO
RECREATIVO E O MUNICÍPIO DE RIO CLARO: RELAÇÕES DE TRABALHO E
LAZER – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

AMÉRICO VALDANHA NETTO

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade (Área de Pedagogia da
Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Agosto / 2007

**O GRÊMIO RECREATIVO DOS EMPREGADOS DA COMPANHIA PAULISTA
DE ESTRADAS DE FERRO: ESPORTE E LAZER NO TEMPO LIVRE – UM
ESTUDO EXPLORATÓRIO.**

AMÉRICO VALDANHA NETTO

Orientador: SAMUEL DE SOUZA NETO

Co-Orientadora: DAGMAR HUNGER

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade (Área de Pedagogia da
Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Agosto / 2007

*“TANTOS BAIRROS, TANTA HISTÓRIA EM TANTO TEMPO, SINCERAMENTE
EU SÓ LAMENTO QUE A INOCÊNCIA TEVE UM FIM”*

CARLOS PALHANO

- A todo cidadão rio-clarense, em especial aos ferroviários que muito contribuíram para a formação desse nosso Município.
- ***Ao Sr. José Américo Valdanha, meu pai, parceiro de toda a vida que nunca me deixou sozinho e me apoiou em toda essa investida universitária.***

AGRADECIMENTOS

Dois anos se passaram da data que realizei minha matrícula no programa de pós – graduação, e esse foi um tempo de muitas lutas e conquistas, altos e baixos e principalmente de muita aprendizagem. Mas esse trabalho não começou no dia 28 de março de 2005, ele começou em outubro de 2004, em minha casa, durante uma das visitas que recebi do Prof. José Roberto Gnecco.

Muitas noites, madrugadas e dias inteiros estudando inglês, outros tantos momentos me preparando para a avaliação de ingresso no programa, depois vieram todos os momentos que me trouxeram até esse, o principal, o momento de entregar a dissertação, a consagração de um trabalho árduo, porém prazeroso e feliz, que construí ao longo dos últimos dois anos e meio.

Mas a construção dessa dissertação não foi solitária, nem poderia, sem orientação qualificada eu não teria chegado até aqui. Dessa forma não posso deixar de agradecer quem me guiou durante esse tempo todo: Professora Leila Marrach, minha primeira orientadora, quem acreditou no trabalho e me deu a oportunidade de realizá-lo, sou muito grato a ela por isso, e jamais esquecerei tudo que aprendi em sua companhia, e esses momentos de alegria e conhecimento superarão sempre as diferenças que temos e descobrimos ao longo do trabalho. Aos professores Samuel de Souza Neto e Dagmar Hunger, a maneira como seguraram minha mão no momento que estive completamente perdido é algo que gostaria que toda pessoa pudesse experimentar. Vocês me devolveram não apenas a oportunidade de completar o que comecei, mas principalmente a

alegria de fazer algo apaixonante. Serei eternamente grato por tudo, muito desse trabalho se deve a vocês dois.

O caminho trilhado nessa dissertação também me trouxe muitas coisas novas, uma delas é o amor, e esse sentimento veio com o nome de Karla Santana, a quem não apenas entreguei meu coração, mas também dedico esse mestrado, pois muito me apoiou e soube superar e compreender os altos e baixos que o estresse causou em mim.

Aprendi nesse mestrado que nenhuma dor, decepção ou mesmo qualquer problema que exista não possa ser superado. E aprendi também que essas barreiras quando ultrapassadas valorizam mais seu esforço. Em momentos como esses, de superação, foi que descobri que tem mais pessoas que gostam de mim e quer meu bem do que eu imaginava. Assim tenho muito a agradecer o apoio e a torcida de algumas pessoas: Lílian e Sebastião Gobi, Angelina Zanesco, Clarice e Eduardo Kokubun, Afonso Maria Machado, Carlos José Martins, Claudio Gobatto, Giseli Schwartz, Luiz Normanha, Camila Moraes, Marcelo Papoti, Sandro Carnicelli, e diversos alunos de graduação que tive contato.

Outras pessoas de extrema importância, que tiveram ligação direta comigo e minha gratidão e sentimento de carinho é grande demais para ser expresso nesse agradecimento, são meus queridos e amados amigos Gleber Pereira e Larissa Benites. Nossas histórias serão para sempre! Obrigado por fazerem parte da minha vida.

Seria injusto de minha parte se não agradecesse a minha banca de qualificação. Vocês me ensinaram o que é ter sabedoria, como se comportar em

uma situação extrema e, principalmente, que toda pessoa merece crédito, que devemos acreditar em seu potencial e dar a ela todas as chances que pudermos. Dessa forma, professores André Cais e José Roberto Gnecco, têm certeza que parte dessa dissertação completa, deve-se a vocês dois.

Outra injustiça seria não agradecer aos Ferroviários que participaram desse trabalho, não apenas nas entrevistas, mas em todos os momentos de visita ao Grêmio, a UFA ou aos jardins públicos de Rio Claro. Não vou listar nomes, pois são muitos, e seria a coisa mais incorreta desse trabalho se eu esquecesse de agradecer alguém.

As pessoas que trabalham comigo, em meu dia a dia, principalmente a quem acreditou em mim e me deu a oportunidade de mostrar meu trabalho. Só tenho a agradecer a todos os funcionários e amigos da Whirlpool – Rio Claro, principalmente a Deborah, Lucimara, Amanha, Felipe, Silvia, Marcos e Lurdes, vocês que trabalham diretamente comigo, todos os dias, e souberam compreender minhas faltas e me apoiaram para a conclusão desse trabalho.

Por fim, quero agradecer minha família e meus eternos amigos, primeiro por acreditarem em mim e me apoiarem em minha investida acadêmica, segundo por entenderem minha ausência física, e mesmo assim manterem por mim toda a atenção e preocupação de sempre. Eliete, Carolina, Marcela, Flávio, Adriano, César, Iuri, Rogério e Lúcio.

A meu pai fica tudo, agradecimento algum comportaria ou qualificaria meus sentimentos. Sou o que sou, pois assim ele me ensinou. Amo você.

RESUMO

Este trabalho tem como foco as relações do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) com a história do Município de Rio Claro, tendo como objeto de estudo a questão do tempo livre relacionado ao esporte e lazer do ferroviário. A escolha dessa temática ocorreu após constatação de que na história social e política da cidade há uma lacuna quando se busca informações e estudos sobre os esportes, em geral, na cidade, bem como carência de estudos que tratem das atividades referentes ao tempo livre do trabalhador da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e do GRECPEF nas atividades do tempo livre dos trabalhadores da empresa.

Dentro deste contexto este trabalho teve como objetivo identificar as relações entre o GRECPEF, a CPEF e o Município de Rio Claro, no período compreendido entre 1940 e os dias atuais, a partir de três categorias de análise.

Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratório, tendo como técnica de coleta de dados a fonte documental e a fonte oral (entrevista). Na busca dos dados foram selecionados como participantes do estudo seis ferroviários. Entre os resultados coletados constatou-se que a CPEF constitui-se como um espaço social de trabalho e tempo livre. Nesta prática social do trabalhador ferroviário cabe ao GRECPEF registros de uma história social do tempo “liberado” vinculada à construção da “família ferroviária”.

No âmbito desse cenário o esporte e o lazer representaram não só a entrada da cidade e do clube nos modos de produção da modernidade, mas também configurou a perspectiva de uma história social do esporte e do lazer na cidade de Rio Claro.

SUMÁRIO

	<i><u>página</u></i>
1 – INTRODUÇÃO.....	1
1.1. O problema de estudo.....	1
1.2. Justificativa	3
1.3. Objetivo	4
1.4. Procedimentos metodológicos	5
1.3.1. Tipo de Pesquisa.....	4
1.3.2. Entrevistas.....	6
1.3.3. População e Amostra.....	9
1.5. Organização do Estudo	13
 2 – MODERNIDADE: O TEMPO, O TRABALHO, O CORPO, O LAZER E O ESPORTE	15
2.1. Organização social: as relações entre mão de obra, trabalho e tempo – o lazer	17
2.2. Corpo e atividade física - o esporte	24
 3 – A CIDADE, A CPEF E O GRECPEF	35
3.1. Rio Claro	35
3.1.1. História, tropeiros e ferrovia	37
3.1.2. CPEF: a construção da “família ferroviária”	42
3.2. GRECPEF: o esporte e o lazer do ferroviário.....	47

3.2.1 O trabalho de campo.....	49
3.2.2. Estrutura da Análise por blocos	50
3.2.3. Caracterização dos Depoentes	51
3.2.4 Análise dos Dados.....	52
3.2.4.1. CPEF: o trabalho e o lazer do ferroviário	52
3.2.4.2. GRECPEF: CPEF, o ferroviário e o não ferroviário	57
3.2.4.3. GRECPEF: o clube, a cidade e o esporte	60
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	68

LISTA DE FIGURAS

página

1 - Primeira Estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro	43
--	----

LISTA DE APÊNDICES

página

1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS	75
2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	76
3 – ENTREVISTA SR. Antonio Araujo.....	77
4 – ENTREVISTA SR. José Renato Gonçalves.....	84
5 – ENTREVISTA SR. Eduardo Santos Filho.....	93
6 – ENTREVISTA SR. José Roberto Gonçalves.....	96
7 - ENTREVISTA SR. Artur Marques Filho.....	103
7 – ENTREVISTA SR. Adalberto Soares Sobrinho.....	113

1. INTRODUÇÃO

1.1. O problema de estudo

O desejo de trabalhar com a história do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) nasceu de minhas experiências como rio-clarense, pois tive no clube minha referência para os momentos de lazer na infância e juventude. Isso aconteceu através de uma vivência periódica das atividades esportivas e sociais promovidas na instituição. No âmbito deste contexto comecei a observar o número de pessoas que freqüentavam o clube durante suas promoções sociais, sendo o que mais chamava a atenção era o envolvimento e a integração entre pessoas de idades distintas.

Passados alguns anos e ao ingressar no programa de pós-graduação retorno a memória de um passado não tão distante para investigar.

através de revisão da literatura e de entrevistas semi estruturadas, os indícios do desenvolvimento de uma cultura de ocupação do tempo livre na cidade de Rio Claro, evidenciados no GRECPEF e especificamente, identificar as atividades de lazer dos ferroviários e sua relação com o clube.

Excluído: investigar o significado das representações no universo das práticas sociais humanas

Excluído: a

Portanto, trata-se de uma investigação, de natureza exploratória¹, tendo como foco as relações do GRECPEF com a história do Município de Rio Claro. Esta cidade que já foi e é objeto de estudo para historiadores, sociólogos e cientistas políticos de abrangência nacional e internacional, como Garcia (1992 e 2001), Dean (1977), Diniz (1973), Tenca (2002), Marrach (1983), Bilac (1978), Queiroz (1986) e Santos (2002). No entanto são trabalhos que tiveram como recorte às particularidades da cidade, analisando seu desenvolvimento social e urbano, principalmente quando comparado com outros Municípios ou Regiões do país, através de estudos referentes ao período cafeeiro e o desenvolvimento da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF).

Embora haja esta produção acadêmica referente à história social e política da cidade na literatura histórica de Rio Claro, há uma lacuna quando se busca estudos sobre os esportes, em geral, na cidade ou que tratem das atividades referentes ao tempo livre do trabalhador rio-clarense. Esta questão se torna ainda mais significativa quando se contempla a realidade do trabalhador da CPEF e a importância do GRECPEF nas atividades do tempo livre dos trabalhadores da empresa.

¹ De acordo com Vergara (1998, p. 45), é uma investigação realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado por sua natureza de sondagem. Um estudo sobre o qual ainda não se acumulou bibliografia significativa.

1.2 – Justificativa

O tempo livre tem sido assunto de profundas discussões que ocupam e ocuparam considerável espaço entre as publicações acadêmicas, principalmente, a partir da década de 70, período relacionado à reabertura e aprofundamento das discussões sobre trabalho e repressão, como apontado por Tenca (2002).

Ensaaios, relatos de pesquisas, teses acadêmicas, começam a aparecer em grande quantidade discutindo, desde questões técnicas internas ao processo de trabalho, até as formas de resistência operária e lutas sindicais em torno do controle do trabalho,... (TENCA, 2002, p. 8)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Trabalho e tempo livre mantêm uma relação de dependência, onde o primeiro é quem dita os momentos do segundo. Assim, estudar o tempo livre do trabalhador se faz necessário para que seja possível conhecer caminhos que auxiliaram na construção da sociedade como a conhecemos nos dias atuais.

O Município de Rio Claro tem em sua história, como foi apontado no trabalho de Bilac (1978), uma evidente dependência da produção fabril no desenvolvimento de sua sociedade urbana. Dentro deste contexto a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) foi presença histórica marcante nos Municípios por onde seus trilhos passaram e estabeleceram estações e oficinas. Em Rio Claro a empresa, além de instalar sua malha ferroviária, também implantou suas oficinas de máquinas e vagões. Dessa maneira, como forma de ampliar seus interesses de organização do trabalho, a empresa incentivou e apoiou seus funcionários na fundação de um clube

recreativo, para que toda a “família ferroviária” (TENCA, 2002, pg. 260) pudesse se encontrar no tempo livre, desde o trabalhador menos graduado até os chefes da seção, sem distinção de qualquer natureza, o que ajudaria na construção de uma unidade fabril de relacionamento.

Excluído: os

Excluído: m

Excluído: e para que fosse possível

Excluído: ir

Numa época em que as grandes instituições voltadas para o lazer da classe trabalhadora ainda não tinham sido criadas no Brasil - O SESC e o SESI datam de 1946 e o Grêmio já do final do século XIX, 1896 - a Companhia Paulista procurava garantir o entretenimento de seus funcionários, nas escassas horas de folga, buscando fortalecer os laços da grande família. (TENCA, 2002, p. 261)

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 11 pt

No âmbito desse processo foi fundado o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) tendo como finalidade atender ao tempo livre dos ferroviários. Porém, ao longo dos anos, vai sendo descoberto pela população do Município e fazendo parte do dia a dia de Rio Claro. Os rio-clarenses começam a associar-se, na intenção de buscar atividades para seu tempo livre, ou para freqüentar um dos espaços sociais mais procurados, uma vez que parte da população era formada por ferroviários.

Desse modo um trabalho de construção com bases científicas, visando discutir as tendências e as necessidades de aprofundamento do problema, na intenção de que sejam oferecidos subsídios para posteriores trabalhos, se tornam imprescindíveis para interpretar a cultura de ocupação do tempo livre que foi construída ao longo da história de Rio Claro, através das influências de uma instituição, como é o GRECPE, descrevendo suas particularidades e avaliando o seu significado para a história do lazer e dos esportes na cidade.

Excluído: reinterpretar

1.3. Objetivo

Na presente pesquisa objetivou-se investigar as relações entre a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) e o Município de Rio Claro, no período compreendido entre a década de 1940 e os dias atuais, considerando-se as seguintes categorias de análise: A) o trabalho e o lazer do ferroviário da CPEF; B) as relações do GRECPEF com a CPEF, o ferroviário e o não ferroviário; C) O GRECPEF, sua história e relações com o tempo livre e esporte de Rio Claro.

Excluído:),

1.4. Procedimentos metodológicos

Considerando o objetivo proposto, na busca de repostas, apontou-se entre as possibilidades metodológicas a pesquisa bibliográfica sobre o conceito de tempo livre e a ocupação desse tempo pelo trabalhador; um estudo exploratório tendo como técnica a entrevista semi-estruturada, com a intenção de interpretar a memória, privilegiando-se o GRECPEF e a nova ordem construída na modernidade.

Excluído: não

Excluído:

Excluído: reinterpretar

1.3.1. Tipo de pesquisa

Entende-se que esse trabalho se apresenta como uma pesquisa de natureza qualitativa, e do tipo exploratória, tendo em vista que na

construção da dissertação o foco estará na intenção de fundamentar o problema e criar hipóteses.

Devido à própria natureza do estudo uma metodologia baseada na pesquisa exploratória apresentou-se como a melhor opção para nortear os trabalhos, considerando o pouco conhecimento acumulado e sistematizado a respeito do assunto. Segundo Selltiz et al (1974) em estudos exploratórios a ênfase acontece com descobertas de idéias e de intuições que tem por objetivo a familiarização com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, freqüentemente para poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou de criar novas hipóteses. No mesmo trabalho também são apresentadas outras funções de um estudo exploratório, como:

Aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar em estudo posterior, mais estruturado, ou da situação em que pretende realizar tal estudo; o esclarecimento de conceitos; o estabelecimento de prioridades para futuras pesquisas; a obtenção de informação sobre possibilidades práticas de realização de pesquisas em situações de vida real; apresentação de um recenseamento de problemas considerados urgentes por pessoas que trabalham em determinado campo de relações sociais. (SELLTIZ et al, 1974, p. 60).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Excluído: I

Segundo Malhotra (2001, p. 106) na pesquisa exploratória as informações necessárias são definidas ao acaso, o processo de pesquisa é flexível e não estruturado, a amostra é pequena e não representativa e a análise dos dados primários é qualitativa. Os resultados geralmente são seguidos por novas pesquisas exploratórias ou conclusivas.

No que diz respeito à pesquisa qualitativa Richardson (1989, p. 39) explica que essa tem como objeto situações complexas de determinado problema, e que esse modelo de pesquisa, entre outros pontos, é utilizado em

situações em que observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento de estruturas sociais.

1.3.2. Entrevistas

Selltiz, et al (1974), sugere que frequentemente a teoria é excessivamente geral ou excessivamente específica para que possa dar clara orientação para a pesquisa empírica. Richardson (1989) afirma que em todas as ações que envolvem indivíduos, é importante que as pessoas compreendam o que ocorre com os outros. O mesmo autor, ainda, salienta que

a melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos... A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A para uma pessoa B. (RICHARDSON, 1989, p. 161).

Por ser notória a limitação de estudos referentes ao tema proposto aumentou a importância da busca por informações a partir de pessoas que viveram a realidade pesquisada. Dessa maneira se fez necessário o uso de técnicas de entrevistas para realizar a coleta dos dados.

Pode-se definir que quanto ao tipo das entrevistas, elas foram as "semi-estruturadas", buscando obter informações sobre o entrevistado, sobre os fatos que ele conhece e de seu comportamento (conhecer a opinião do entrevistado, explorando suas atividades e motivações). Essa se caracteriza por seguir um roteiro de entrevista, elaborado previamente de acordo com os objetivos do estudo. Quanto à técnica seguimos o modelo de entrevista dirigida, onde as perguntas são precisas, pré-formuladas e seguem uma ordem

Excluído: i

Excluído: frequentemente

Excluído: escolhidas,

Excluído: não

Excluído: , tendo como objetivo a "pesquisa"

Excluído: (RICHARDSON, 1989, p. 162),

Excluído: (RICHARDSON, 1989, p. 162).

preestabelecida. Segundo Richardson (1989, p. 163), nesse modelo o entrevistador dirige o processo evitando o “desvio” do entrevistado. A intenção principal na escolha dessa técnica de entrevista foi a de permitir ao entrevistado uma maior liberdade em suas respostas sem permitir que o mesmo desvie do roteiro pretendido. Depois de realizadas a entrevista procedeu-se o processo de transcrição e análise.

Excluído: entrevistado

Excluído: as entrevistas
procedeu-se

O roteiro da entrevista foi organizado compreendendo três blocos de questões de acordo com o objetivo da pesquisa, como o que se apresenta a seguir:

- Bloco 1 – trata de questões que envolvem o trabalhador aposentado com sua antiga profissão e a imagem que o mesmo tem sobre Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e as oportunidades que a empresa oferecia.

Pergunta 1. Quando o Senhor começou a trabalhar na CPEF, quais foram suas funções e por quanto tempo trabalhou lá?

Pergunta 2. Como o Senhor descreve a sua vida como ferroviário, no tempo em que trabalhou na CPEF?

Pergunta 3. Quais eram as oportunidades de lazer, passeios e diversão, para os ferroviários da CPEF, em Rio Claro?

- Bloco 2 – nesse bloco são introduzidas questões sobre o Grêmio Recreativo dos empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF), a fim de conhecer o envolvimento do entrevistado com o clube.

Pergunta 4. O Senhor é sócio do GRECPEF? Desde quando? Fez parte de alguma diretoria?

Pergunta 5. O Senhor praticava esportes no GRECPEF? Fez parte de alguma equipe?

Pergunta 6. Quem eram os sócios do GRECPEF?

- Bloco 3 – as perguntas deste bloco buscam informações sobre a história institucional do GRECPEF e as relações do clube com o Município de Rio Claro.

7. O que o Senhor pode me contar acerca da história do Grêmio?

8. Como o Senhor vê o papel do GRECPEF no esporte de Rio Claro?

9. Como o Senhor descreve a convivência entre os associados do GRECPEF? E do GRECPEF com a cidade?

10. Do seu ponto de vista, quais foram os momentos mais significativos da história do GRECPEF?

1.3.3. População e amostra

No início da pesquisa pretendia-se trabalhar com a história oral. Porém, essa se mostrou, ao longo da construção dessa pesquisa, como uma opção a ser trabalhada depois desse mapeamento geral, considerando que o mesmo tem na raiz de suas pretensões um caráter exploratório. No entanto, mesmo não fazendo uso da história oral para coleta, análise e interpretação

dos dados, utilizou-se da entrevista não estruturada e dirigida, visando constituir “redes e colônias”, onde a “colônia” pode ser compreendida como um grupo amplo que tenha uma “comunidade de destino”, e as “redes” como subdivisões significativas da “colônia”. (MEIHY, 1996)

Como o ponto central da pesquisa são as relações de lazer e o uso do tempo livre dos ferroviários com o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF), o clube se apresenta como a “colônia”, a comunidade que todos os sujeitos partilham.

A “colônia” da pesquisa é formada por ferroviários do sexo masculino, aposentados pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e que fazem parte do quadro de associados do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF).

A definição da “rede” precedeu de uma análise das possibilidades de obtenção das informações, ou seja, encontrar qual o melhor grupo e em que local estão as melhores pessoas para que se possa colher um maior e melhor número de informações. Porém, durante o desenvolvimento do trabalho notou-se que havia três grupos interessantes para as investigações, ou seja, haveria a representação de três “redes”.

A primeira “rede” foi representada pelas pessoas que estão diretamente ligadas ao GRECPEF, e que vivenciam o clube dia a dia. São diretores, conselheiros e funcionários que tem em seu relato informações que valorizam mais as atividades de sua gestão administrativa no clube. .

A segunda “rede” foi formada por aposentados que frequentava a União dos Ferroviários Aposentados (UFA), uma associação fundada em 1951, tendo como objetivo ser uma entidade de apoio social ao ferroviário

Excluído: frequentavam

aposentado, mas não estando vinculada ao sindicato dos ferroviários, bem como não tem função similar à de um sindicato.

Porém, com cerca de 7.000 associados, a central da UFA está localizada em Rio Claro, e seu trabalho abrange todos os municípios que são cortados pelas linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). Em cada uma dessas cidades existe uma subsede responsável pelas atividades da UFA em sua micro região. Em sua proposta de contribuir com o apoio social ao ferroviário aposentado, a UFA oferece aos seus sócios suporte médico, odontológico, psicológico, fisioterapêutico e de assistência social, além de convênios com farmácias e outros estabelecimentos comerciais no município e empréstimo de aparelhos ortopédicos.

Atualmente a UFA não mais atende em seu quadro de sócios apenas os funcionários aposentados da CPEF, mas também os aposentados do INSS que possam se interessar pela Associação. Assim como acontece no GRECPEF a maioria dos associados da UFA não são mais os ferroviários.

O motivo da escolha de uma nova “rede”, a partir da UFA, vincula-se ao fato de que na associação está presente e atuante um grupo de ferroviários aposentados diferentes dos que trabalham diretamente nas atuais atividades administrativas do GRECPEF. Nos primeiros contatos, realizados através de conversas e apreciação de documentos, averiguou-se os nomes de antigos diretores do clube. Ficou evidente que essas pessoas já passaram por antigas administrações ou ainda participaram, ativamente, do clube em outro momento que não o atual.

Esse fato nos levou a buscar nas entrevistas respostas que reinterpretassem o momento em que esse grupo esteve no comando das

atividades do GRECPEF, bem como fornecessem algum tipo de apreciação relacionado ao trabalho atual da direção do clube, e informações de entrevistados que freqüentaram o GRECPEF em outro momento e que por debilidades físicas não mais o fazem.

A terceira “rede” buscou, através das entrevistas, informações que não caracterizariam discursos políticos da vida do clube, não agregando descrições relacionadas a quem fez a piscina? Reformou o campo de futebol ou demoliu alguma estrutura? Não que essas informações não sejam importantes para a construção da história estrutural e política do GRECPEF, mas essas não são o foco desta pesquisa. Assim, essa “rede” será representada pelos associados que freqüentam o clube diariamente, e fazem deste seu meio de lazer.

O que ficou evidenciado após a coleta e análise dos dados foi que as três “redes” se relacionam, estão imbricadas, podendo-se dizer também que há apenas uma única “rede”, e que essa apresenta facetas que formam as “sub-redes”, pois na diretoria e conselho do GRECPEF, assim como na diretoria e conselho da UFA e os freqüentadores do clube, os membros têm uma característica em comum: todos são ferroviários aposentados.

Tendo claro que a formação imbricada da “colônia”, apresenta facetas em seu interior, foram entrevistadas duas pessoas em cada um dos três segmentos, claramente definidos, sendo escolhidas aleatoriamente para representar as “sub-redes”. Como é de característica de uma pesquisa exploratória, a amostra é pequena e não representativa. No entanto essa implicação não invalida a pesquisa em face da carência de estudos sobre o

Excluído: de representatividade

Excluído: n

Excluído: ,

assunto, em função de ter por interesse dar subsídios para as novas investigações.

Dentro da proposição metodológica todas as entrevistas foram transcritas, tentando manter a sua fidelidade, inclusive das reações, de como as mesmas foram gravadas. Além disso, as fitas foram arquivadas e as transcrições estão apresentadas como apêndice nesta dissertação (apêndice 3, 4, 5, 6, 7 e 8), para que as mesmas possam ser devolvidas a comunidade, estudadas e também deixadas à disposição da comunidade acadêmica para futuros estudos.

É importante apresentar que o projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo comitê de ética, bem como o roteiro das entrevistas (apêndice 1) e o termo de consentimento do entrevistado [\(apêndice 2\)](#).

1.5. Organização do estudo

Este trabalho foi organizado tendo como premissa que no primeiro capítulo se apresentasse a revisão de literatura, apontando as transformações sociais provenientes da modernidade. Este momento se apresenta como de extrema importância por estar diretamente ligado com as mudanças da relação do homem com o uso de seu corpo, com as práticas de atividade física e com o surgimento da idéia de tempo liberado, tempo livre e esporte moderno. Fatores que estão relacionados diretamente aos motivos e objetivos da CPEF no apoio a fundação de um clube para seus funcionários.

O segundo capítulo apresenta a história do Município de Rio Claro, limitada no período que começa com a passagem de tropeiros e vai até

as primeiras décadas do século XX, buscando assinalar nesse processo a formação do núcleo urbano, o início do desenvolvimento econômico, a CPEF e a fundação do GRECPEF.

No terceiro capítulo são apresentados os registros da formação do GRECPEF e o seu desenvolvimento, estabelecendo um diálogo entre a literatura e as narrativas dos ferroviários. É nesse capítulo que se apresentam as formas de lazer do ferroviário, a maneira com que se relacionavam com seu tempo livre e a influência da CPEF nessa relação.

Na constituição desse capítulo foram percorridas diferentes naturezas de arquivo, como: arquivos públicos do município², atas de reuniões do GRECPEF³, fontes iconográficas do clube além de seu arquivo de fotos⁴, livros e papers de diversos autores.

Há ainda um ultimo capítulo que se apresenta as considerações finais do estudo.

Excluído: a conclusão

² Os arquivos públicos consultados fazem parte do acervo do Arquivo Municipal de Rio Claro e nessa dissertação estão representados por jornais e textos pessoais que fazem referência ao objeto de estudo. Esses foram consultados para auxiliar no mapeamento temporal e factual do objeto de estudo.

³ As atas do GRECPEF se mostraram muito ricas de informação. Durante os trabalhos essas foram consultadas para validação de algumas informações importantes, entretanto devido o grande número de registros e o caráter exploratório da pesquisa, as mesmas estão apenas citadas no corpo do trabalho e não foram aprofundadas.

⁴ As fontes iconográficas, representadas por troféus e medalhas, além do acervo fotográfico, foram úteis para uma ambientalização com as memórias narradas e os fatos encontrados na literatura. Essas fontes colaboram para o resgate das conquistas do GRECPEF, no entanto as mesmas não estão organizadas e seu acesso não é restrito, porém é dificultado pelo local que estão guardadas. Salvo alguns objetos.

Excluído: ¶

¶
¶
¶
¶

2. Modernidade: o tempo, o trabalho, o corpo, o lazer e o esporte

O nascimento da sociedade industrial é o marco das mudanças significativas nos modelos de organização do tempo e das atividades diárias que antes eram conhecidos. Essa nova sociedade surge a partir do movimento da Revolução Industrial, iniciado no século XVIII, na Inglaterra, e marca o período dos tempos modernos, conhecido na divisão histórica do tempo como Idade Contemporânea. É nesse período que ocorre a mecanização dos meios de produção, uma real oposição ao meio de produção artesanal conhecido e vivido na Idade Média. Uma possível explicação para o pioneirismo inglês pode estar na vasta reserva de carvão mineral em seu subsolo, além de possuírem mão de obra em abundância, e a burguesia ter o interesse e o capital suficiente para financiar estas mudanças.

Excluído: Moderna

Essas mudanças dos meios de produção promoveram profundas alterações nas relações do homem com seu trabalho. A partir delas, novos laços e modelos surgiram para guiar as relações entre as pessoas e construir uma nova cultura, como explica Camargo (1986):

O trabalho industrial impunha uma cultura própria, de economia de gestos, de produzir mais no menor tempo possível, de acumulação de bens, uma cultura absurda para quem vinha do meio rural, onde o trabalho, ainda que longo e cansativo, respeitava os ritmos naturais. (CAMARGO, 1986, p. 35)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

O momento da Revolução Industrial faz parte de um período de mudanças, ainda maior, conhecido como Modernidade. Segundo Berman (1986), compreende um longo período histórico, podendo ser dividido em três momentos: o primeiro começa no século XVI e vai até o século XVIII e é marcado pela transição, onde os primeiros passos das mudanças são dados, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna. A segunda fase começa com a Revolução Francesa, uma era que aflora os sentidos revolucionários nas pessoas, provocando diversas mudanças nos meios sociais pessoais e políticos. Porém, como afirma Berman (1986),

Excluído: “

Excluído: ”

...esse mesmo público moderno do final do século XVIII e início do século XIX, ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. (BERMAN, 1986, p. 16)

A terceira fase é marcada pela expansão da modernização no século XX, apresentando ao mundo a cultura do modernismo.

Essas passagens representam momentos de diversas modificações estruturais que ocorrem na organização social. O homem começa a vivenciar novas experiências em suas relações, seja com outras pessoas, com seu trabalho ou com o uso de seu tempo. A modernidade se apresenta como transformadora de valores, quebrando as particularidades encontradas em diversos grupos, rompendo com costumes, valores e relacionamentos, propondo uma uniformidade em todos os campos.

Excluído: o início

Sobre a inserção das pessoas no processo de modernização, Berman (1986) traz uma reflexão esclarecedora.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação, e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Excluído: temos,

Evidências dessas mudanças estruturais de organização social, oriundas da modernidade, podem ser claramente identificadas após a revolução industrial, quando ao sair de um ambiente rural para trabalhar nas cidades, o homem abandona um contexto de vida baseado nos laços de comunidade para viver no núcleo urbano através de um sistema de organização baseado nos laços de associação, em um ideal de sociedade.

Essa mudança será o ponto mais significativo que irá alterar a particularidade de vida, de cada pessoa, e representa, também, nesse momento, as transformações nas relações do homem com seu corpo na modernidade, e com as atividades que o envolve, apresentando uma organização social decorrente das relações entre mão de obra, trabalho e tempo.

Excluído: m

Excluído: o começo

Excluído: d

2.1. Organização social: as relações entre mão de obra, trabalho e tempo

Por definição, comunidade é um grupo de habitantes irmanados por um mesmo legado cultural e histórico. No dicionário (AURELIO, 1999, p. 165) podem ser encontradas definições como concordância, concerto, harmonia, ou, ainda, como estado ou qualidade das coisas materiais, ou das

Excluído: A organização social trata-se de um grupo de pessoas que formam uma comunidade.

noções abstratas, comuns a diversos indivíduos, comunhão. Em seu trabalho

Foracchi (apud Nisbet, 1978) afirma que...

... o termo comunidade abrange todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo. (NISBET in_ FORACHI, 1978, p. 255)

Excluído: Parece claro que o conceito de comunidade atende a necessidade de explicar o modelo de relação entre as pessoas existente até o momento histórico da revolução industrial.

Excluído: usa uma citação de Nisbet para fortalecer a idéia do conceito ao

Excluído: r

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Evidencia-se que o conceito de comunidade atende a necessidade de explicar o modelo de relação entre as pessoas existente até o momento histórico da revolução industrial, que gerou um processo de mudança que num primeiro momento rompe com as bases tradicionais de relacionamento conhecidos e vividos no âmbito da comunidade.

Essa transformação de valores ocorre pela implantação dos ideais capitalistas no trabalho e pela formação do Estado - nação, onde, entre tantas alterações, como as relações de vizinhança e compadrio, está a diminuição da importância do grau de parentesco entre as pessoas em relação às instituições e aos governos (HOBBSAWN, 1995, p. 333). É o desenvolvimento do individualismo que move as esferas econômicas e sociais nas sociedades industriais, pondo fim à segurança do coletivo em prol da liberdade individual.

As relações humanas são trocadas por relações quantificadas, subvertendo a ética, os valores e as normas tidos até então como universais. Um modelo "racional" e mecanicista, calcado em verdade científicas saídas dos laboratórios. (UGARTE, 2005, p. 4)

Excluído: Na realidade trata-se de um processo de agrupamento social tendo idéias e objetivos comuns. Porém, no caso em questão, trata-se do processo de Industrialização

Formatado: Recuo: Primeira linha: 2,5 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Excluído: , que eram conhecidas e vividas, de relacionamento entre as pessoas. A oferta de trabalho nas cidades, unida à possibilidade de acúmulo de riquezas, proposta do sistema capitalista que foi viabilizada pela revolução industrial, fez com que muitas pessoas migrassem para o núcleo urbano. As famílias são retiradas de seu território e levadas para trabalhar em fábricas, morando em cantos fétidos que marcaram o início do meio urbano, como afirma Ugarte (2005, p. 3).¶

Excluído: Essa transformação de valores ocorre pela implantação dos ideais capitalistas no trabalho e pela formação do Estado - nação, onde, entre tantas alterações, como as relações de vizinhança e compadrio, está a diminuição da importância do grau de parentesco entre as pessoas em relação às instituições e aos governos (HOBBSAWN, 1995, p. 333). É o desenvolvimento do individualismo que move as esferas econômicas e sociais nas sociedades industriais, pondo fim à segurança do coletivo em prol da liberdade individual.¶

O valor da palavra perde espaço, dando vez aos contratos. Fazer parte e conhecer o cotidiano de amigos e parentes passa a ser considerado invasão de privacidade. O apoio que antes se encontrava no seio da comunidade desaparece e é transferido para a sociedade, para o Estado ou o patrão.

Como afirma Dubet (1994, p. 41) a sociedade faz oposição à comunidade e é o modo moderno de se viver em conjunto. Dessa forma temos que seu próprio conceito é identificado com a modernidade e suas transformações, tendo a revolução industrial como eixo. No entanto faz com que o homem, ao encontrar e participar dessa nova ordem de estrutura social, não perceba que as mudanças não se limitam apenas à maneira de se relacionar com outras pessoas, mas também é alterado o modo com que o mesmo lida com o seu tempo diário e com seu corpo.

Na realidade, a idéia de tempo conhecida, e vivida no seio da comunidade, era resumida em dia e noite, ou ainda em estações do ano. Tudo era voltado para a colheita (CAMARGO, 1986). A distribuição do tempo, no decorrer do dia, pode-se considerar, acontecia de maneira natural. Os limites do corpo, do desejo e da necessidade natural do trabalho, era o que determinava o início e o fim das tarefas, bem como as pausas que seriam realizadas.

Ugarte (2005), relacionando em seu estudo o homem, o trabalho e o tempo, em uma de suas passagens apresenta um trecho de Elias.

Elias (1998), explica que nas sociedades mais simples, o código social não inclui grandes problemas com o tempo, mas à medida que aumenta a complexidade e a divisão de funções com a chegada da industrialização, concomitante ao aumento da necessidade de autodisciplina e do autocontrole, há necessidade de um controle do tempo, o relógio. (ELIAS, in: __UGARTE, 2005, p. 3)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Com esse novo pensamento, emergente dos limites impostos pelo tempo, ocorre à promoção de uma transformação dos valores, onde as relações de parentesco e de comunhão dão espaço para um processo

alienante de trabalho, que conduz a um crescente individualismo, característico dos laços de sociedade.

A Revolução Industrial trouxe para o homem uma carga muito grande de trabalho diário que era repetitivo além de exigir maior rapidez e sincronismo, o que causava uma fadiga mais acentuada do que a atividade artesanal ou agrícola. Antes, em uma vida no campo, na comunidade, o tempo era ditado pelo clima, pela colheita, pelas festas de louvores. O homem rural tinha seu dia distribuído de acordo com suas necessidades, e sempre havia espaço para os momentos de descontração, seja em família ou com outras pessoas da mesma comunidade. Não existia a idéia de lazer, nem atividades direcionadas para o mesmo, o que existia era a compreensão da necessidade de um período de descanso e o desejo em participar dos costumes de seu grupo em momentos que diferem do trabalho ou que sejam para comemorar os resultados do trabalho. Na lógica de racionalização do tempo não havia um momento dedicado para o Lazer. Esse era considerado desnecessário, pois era um tempo onde não haveria produção. Camargo (1986) aponta que as longas jornadas de trabalho deixavam o tempo apenas para o sono.

Este fato provocou uma reação por parte dos operários, através de greves e reivindicações, o que levou a reflexões sobre trabalho e o tempo, com exigências de maiores períodos determinados para descanso, dentro do período determinado do dia, e diferente do período determinado para o trabalho.

Uma nova mudança nos costumes do trabalhador aconteceu, pois, agora, mesmo com as lutas e a conquista de um tempo maior, fora do trabalho, o homem, antes acostumado em locar seu descanso no momento em

que fosse necessário, teria de adaptar-se ao momento que lhe era dado para isso. Esse tempo é conhecido como tempo liberado, que corresponde ao tempo que existe além das obrigações do trabalho.

Excluído: Surge à idéia de

O conceito de Tempo Liberado é definido por Dumazedier (1975) como tempo que não são dedicados a nenhuma obrigação. O tempo liberado estudado por Dumazedier (1975, p. 57), poderia cumprir algumas funções do ser humano como aprimoramento intelectual, artístico, social, familiar, religioso e político. Essa forma de ocupação do tempo teria como objetivo combater o ócio como um estado inerte, vazio. A pessoa que depois de todas as obrigações, poderia usar este tempo de forma que preenchesse suas necessidades existenciais. Esse tempo, onde há a ausência de obrigações, não somente do trabalho, mas também políticas, religiosas, artísticas, escolares e familiares, foi apresentado por Dumazedier (1975, p. 58) como Tempo Livre, esse é produto do tempo liberado, inserindo nele o lazer.

Excluído: momentos

Excluído: : propiciar o repouso através do envolvimento do indivíduo em atividades que permitissem o aprimoramento intelectual

Excluído: escolares, esportivas, religiosas, domésticas,

Excluído: ainda, tivesse um tempo liberado,

Dumazedier (1975) sugere em sua teoria que para o aparecimento do lazer duas condições se fizeram necessárias: uma datação do tempo livre, onde esse tempo livre saísse do conjunto das atividades rituais mágico-religiosas; e a outra condição diz respeito ao corte nítido entre as horas de trabalho e as horas de descanso, através de uma regulamentação da duração do ano de trabalho, com definição de final de semana, férias, aposentadoria,... Pertence ao mesmo autor a conceituação de lazer mais utilizada na literatura, onde é compreendido como...

... um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações

profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1979, p. 20).

A conceituação de tempo liberado, livre e de lazer faz parte da transformação pela qual a sociedade passa com a revolução industrial. Porém as mudanças não se restringem a uma nova organização temporal da vida do trabalhador, mas também são alteradas as relações do homem com sua mão de obra e o produto produzido. Para Camargo (1986), a busca do melhor padrão de vida das cidades impunha um preço duro. Isso é facilmente compreendido quando observamos as linhas de montagem e as longas jornadas de trabalho que não obedecem à ordem natural de trabalho e repouso. Além disso, os gestos artificiais e repetitivos rompem com a relação de tempo e produto do trabalho, pois esse passou a ser fragmentado e de difícil compreensão. O trabalhador não é mais responsável pelo produto, mas sim por parte dele.

Em síntese, há um tempo natural, humano, uno, integral, do campo, a indústria opôs um tempo artificial, alienado da produção, que não se integra nem à dinâmica familiar: como explicar para a família o trabalho que se executa? (CAMARGO, 1986, p. 36)

Essa nova relação do homem com o tempo e o produto produzido também passa por mudanças a partir da qualificação do trabalho. As fábricas são abastecidas de mão de obra através da migração do campo para a cidade.

Os relacionamentos de parentesco, camaradagem e vizinhança, vivenciados no seio da comunidade, passam a funcionar como um pré-treinamento, uma qualificação para a vida na fábrica, sendo que o que poucos percebiam era o quanto à sociedade industrial, moderna, até meados do século XX, dependera de uma simbiose da velha comunidade, e velhos valores com a nova

sociedade. (HOBSBAWN, 1995), haja visto o incentivo das empresas em construir uma unidade fabril de relacionamento, o que ajudaria não somente na obtenção de melhores resultados, mas também facilitaria aos funcionários suportar as extensas jornadas de trabalho características do período de implantação da Revolução Industrial. Assim os trabalhadores já aprendem

Excluído: .

rudimentos das novas relações humanas e com o capital que irão viver (CAMARGO, 1986, pg. 35). É essa a nova ordem social que se instala a partir do processo de industrialização, e no Brasil não ocorreu de maneira diferente.

Trabalhar, antes da revolução industrial, tinha um significado que extrapolava os limites da produção. Na fase artesanal, a mão de obra buscava suprir apenas as necessidades. Era um sistema de trocas das mercadorias, ou de produção interna para o que era preciso na família e na comunidade. O ofício, seja de artesão ou das técnicas para o trato com o campo nascia a partir das experiências acompanhadas através dos mais velhos. O filho de marceneiro observava e aprendia com o pai as técnicas que este provavelmente deve ter conhecido da mesma maneira.

Esse conhecimento, que segundo Barata (2004, p. 34) era um conhecimento do “fazer saber”, um modelo onde a experiência sobressai à teoria é característico de um período que perde espaço com as mudanças da modernidade. Em seu texto o autor ainda salienta que o que existe era um saber das coisas, um saber cuja gramática não é regida por regras de comunicação verbal. Portanto, era base das maneiras de troca de informação e de inserção nas atividades cotidianas e utilitárias para a comunidade. O aprendizado era informal, pois acontecia no ambiente familiar.

No mundo moderno, industrializado, os espaços privados da vida familiar deixam de ser valorizados como o lugar do aprender-fazer. O conhecimento é institucionalizado. O ofício deixa de ser aprendido prioritariamente através da prática, pois as habilidades passam a ser envolvidas por um conhecimento teórico. Barata (2004) afirma que essa relação entre o ofício e a aprendizagem é fruto do conhecimento do “saber fazer”, próprio do ideal de sociedade.

No âmbito desse processo a racionalização do trabalho valoriza a competência, colocando a necessidade de obtenção dos resultados como oposição aos laços familiares, de parentesco, de vizinhança, onde o fazer passa a ser sistematizado. Esse é o marco de surgimento dos cursos técnicos e profissionalizantes, mas também de um novo paradigma: o corpo como máquina; e do esporte como espetáculo.

2.2. Corpo e atividade física: o esporte

O esporte contemporâneo, conhecido e apreciado por milhões de pessoas, apresenta características distintas das conhecidas em suas raízes. Alterações que ao longo do tempo promoveram inúmeras transformações e tantas interpretações, indo das festividades gregas ao consumo em massa de um espetáculo esportivo.

São diversos os estudos que indicam que o desenvolvimento do esporte moderno está atrelado ao crescimento do capitalismo e sua maneira de organização social, como sugerem em seu trabalho Pillati e Hirata (2007). No entanto para Bracht (1991)...

Excluído: citando Richard Mandell, Allen Guttmann, Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Jean-Marie Brohm

...o esporte moderno pode ser entendido como uma atividade corporal de movimento de caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia por volta do século XVII e XIX e que com esta expandiu-se para o resto do mundo... O esporte moderno é o resultado de um processo de modificação (eu diria de esportivização) de elementos da cultura corporal / movimento das classes populares da Inglaterra (...) e também de elementos da cultura corporal / movimento da nobreza inglesa. (...) sua expansão relaciona-se com o processo de industrialização e conseqüente urbanização das populações. (1991, p. 2)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Porém, para compreender o esporte moderno e sua importância na sociedade industrial se faz necessário apresentar as mudanças de relacionamento do homem com seu corpo e desse com as atividades físicas, para que se tenha claro que o esporte nasce como um fruto da sociedade industrial, momento que, como sugere Finck (1994), o corpo passa a ser considerado uma construção social.

O conceito de corpo remete a questão da natureza e da cultura, e não apenas a uma entidade natural. Como afirmam Paim e Strey (2004), ...

...a nossa sensação física passa, obrigatoriamente, pelos significados e elaborações culturais que um determinado ambiente social nos dá. O significado de corpo varia de acordo com a sociedade, varia em função do estatuto do indivíduo naquele contexto. Desse modo, a aparente realidade imutável, que significa que todos os indivíduos têm corpo, deve ser pensada dentro de um contexto cultural específico. Assim o corpo, não fala por si próprio, se ele anuncia algo é aquilo que a própria cultura o autoriza a falar. (PAIM & STREY, 2004).

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Os indícios das atividades físicas ou de uso do corpo podem ser encontrados por todas as fases da construção de nossa sociedade atual. Albuquerque (2001, p. 2) afirma que as representações corporais que experimentamos hoje, e que tem para nós a força da natureza, foram gestadas apenas há quatro séculos, onde desde os desenhos encontrados nas cavernas, passando pelos textos de Homero, ou ainda marcando a história

política romana, também em treinamento de cavaleiros para defenderem seus feudos, fazendo parte das transformações apresentadas por Norbert Elias como “O Processo Civilizador” ou ainda na construção da revolução industrial. Marques (1997, p. 410) sugere que o corpo tem se forjado sempre na perspectiva da própria história da humanidade, onde cada grupo, religião, classe, família, cada momento histórico da vida do Homem, esteve sujeito às interpretações do corpo, bem como sua utilidade, funcionalidade e existencialidade. Como afirma Daólio (1995), no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.

Dessa forma, Marcel Mauss (1974) evidencia que toda a sociedade, em qualquer tempo e em qualquer lugar, sempre desenvolveu modos eficazes e conseqüentemente tradicionais de trabalhar o corpo do ser humano, em virtude de necessidades emergentes do corpo social. Desde a educação dos sentidos até às técnicas simbólicas, o corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades, na intenção de adestrar os indivíduos através da socialização a partir de processos de aprendizagem prático moral impostos pelo regime moderno de poder, como apresentado no trabalho de Foucault (1987).

As peculiaridades históricas do corpo remontam os tempos de Platão, Sócrates e Aristóteles, século V e VI a.C., quando nas civilizações Grega e Romana da Antigüidade ele era valorizado pela sua saúde e capacidade atlética. O corpo na Grécia antiga, de maneira geral, era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado, sendo valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade. Cada cidade grega apresentava

sua particularidade em relação ao trato com o corpo. Em Esparta, atividades corporais recebiam um lugar de destaque na educação de jovens que buscavam um corpo saudável e fértil, enquanto em Atenas, no modo de educação corporal, prevalecia o ideal de ser humano belo e bom.

Nas cidades Gregas, as atividades corporais tinham grande valor para disseminação cultural e culto aos deuses, e essas encontravam grande expressão em torno dos jogos que eram realizados como uma ocasião religiosa, um meio para estarem mais próximo aos Deuses, bem como para serem glorificados como Deuses. O mais conhecido desses jogos eram os Jogos Olímpicos, que após seu auge, durante o período de supremacia helênica, tem sua decadência com o domínio romano até sua extinção na Idade Média.

Durante esse período uma nova percepção de corpo é adotada, passando a ser “proibido” pela Igreja do Ocidente que prega a supremacia da alma, levando em consideração que o bem desta deve prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo torna-se culpado, perverso, necessitando ser dominado, purificado através da punição. Porém, mesmo nesse período, caracterizado por muitos autores como um período negro para as atividades físicas, havia a presença de jogos que eram realizados entre cavaleiros, denominados de “Justas”, entre outros.

Durante a história da humanidade o entendimento e o uso do corpo passam por inúmeras modificações, sendo aos poucos moldado, levando o Homem a novas condutas e tratos com seu corpo. Essas representações fazem parte de uma grande transformação que ocorre na modernidade, essas que são marcadas pela culminância de um processo em que não só se

encontra a separação entre ser humano e natureza, mas também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos. (SILVA, 1999, p. 2)

No período marcado pela Revolução Industrial, a Modernidade, o corpo passa ser objeto de um novo sistema, alvo de transformações e controles na intenção da produção fabril.

Foucault estuda as formas de uso do corpo na modernidade (FOUCAULT, 1987). O autor se concentrou nos estudos de poder datados do final do século XVIII até o século XX e entendeu que a disciplina como técnica de poder e controle do corpo é fenômeno típico da Idade Moderna, decorrente da industrialização e do capitalismo emergente. Para Foucault, o poder tem eficácia produtiva e isso explica seu alvo, o corpo, mas não para censurá-lo, reprimi-lo ou adestrá-lo, pois não se explica o poder apenas pelo seu potencial repressivo, mas pelo seu interesse em gerir a vida humana, isto é, controlar a vida humana no sentido de maximizar seu potencial e aperfeiçoar sua capacidade.

Os conceitos e categorias de Foucault partem da modernidade onde o mesmo apontou para a disciplina como instrumento da docilização do corpo e entendeu que a disciplina é técnica de poder, no entanto, ela está na instituição como instrumento que permite o controle minucioso do corpo e lhe impõe a relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1984).

Essa manipulação do corpo visa à disciplina fabril que o homem necessita para adaptar-se à realidade de produção da indústria e do capitalismo. Esse fenômeno é decorrente da explosão demográfica do século XVIII e da necessidade de utilização racional, intensa, máxima, em termos econômicos desses corpos à disposição do capitalismo (RODRIGUES, 2006)

Como já trabalhado no corpo dessa dissertação, a modernidade marca esse momento de transformação do homem e suas relações sociais e, inegavelmente, essa nova relação - destacada pela passagem de uma organização de vida em comunidade para os novos laços de sociedade - muito influenciou nas relações do Homem com seu próprio corpo. Essas mudanças tornaram significativas e evidentes a partir do movimento da Revolução Industrial, pois as pessoas passaram a abandonar a vida no campo para viver e trabalhar nas cidades, e assim tomaram contato com a nova ordem social, caracterizada pelo individualismo e a competição, e o corpo, como apresentado por MARQUES (1997, p. 410), transforma-se em um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser utilizada segundo os interesses econômicos, sociais, políticos e ideológicos da classe dominante.

A característica competitiva da modernidade unida aos novos interesses de uso do corpo abre campo para o desenvolvimento de atividades que privilegiassem a concorrência entre as pessoas, esses fenômenos modernos penetram no universo das atividades físicas, transformando seu universo.

Emerge no seio da modernidade um novo conceito para o Esporte, diferente dos conceitos e funções da competição que se conhecia até então. Pilatti (1994) diz que é um equívoco vincular ou correlacionar à história do esporte moderno com a Grécia antiga, sendo que na verdade este período é marcado pela origem de atividades físicas similares aos movimentos também utilizados no esporte moderno. O esporte marca o distanciamento das atividades físicas do que chamou Helal de reino lúdico (1990, p. 58). As

atividades passam por um processo de secularização e racionalização, fenômenos típicos da modernidade.

que foram levados para dentro do universo esportivo, assim, podem ser considerados fenômenos conjunturais, provenientes de determinadas circunstâncias, próprios de uma época. E eles caracterizam um lado do esporte moderno, justamente o lado que o diferencia do esporte de outras épocas. (HELAL, 1990, p. 61)

Dessa forma trata-se de estabelecer um novo ponto de referência que envolve a transformação do corpo na modernidade. O questionamento que prevalece fica por conta de conceituar as atividades existentes antes do esporte moderno. São essas as atividades que ainda trazem consigo uma cultura própria, ancestral, trazida pelos grupos, e que apesar de serem domínio público e estar presente em várias regiões, encontramos regras e maneiras distintas de vivenciá-las. Estas atividades corporais conceituam-se como “Jogo” (HELAL, 1990), e esses nasceram com um caráter religioso e lúdico.

Os jogos num primeiro momento de sua existência, foram marcados pelas festividades, sejam elas de fundo ritual, religioso, recreativo, etc. Mas com o tempo esses passaram a ser influenciados pelas condições históricas e sociais, ganhando novos significado e função.

Entretanto, ao serem submetidos a regras específicas, universais, irreduzíveis a qualquer necessidade funcional para sua prática, os jogos deixaram de fazer parte de um calendário coletivo - antes relacionado com o período de colheita ou de adoração aos santos - para estarem inseridos num calendário próprio, diferente, não somente no tempo, mas também na relação do homem com seu empenho e participação, passando para um modelo

Formatado: Justificado, Recuo: Primeira linha: 2,54 cm, Espaçamento entre linhas: Duplo

Excluído: Os indícios das atividades físicas ou de uso do corpo podem ser encontrados por todas as fases da construção de nossa sociedade atual. Desde os desenhos encontrados nas cavernas, passando pelos textos de Homero, ou ainda marcando a história política romana, também em treinamento de cavaleiros para defenderem seus feudos, fazendo parte das transformações apresentadas por Norbert Elias como “O Processo Civilizador” ou ainda na construção da revolução industrial. Marques (1997, p. 410) sugere que o corpo tem se forjado sempre na perspectiva da própria história da humanidade.¶ Cada grupo, religião, classe, família, cada momento histórico da vida do Homem, esteve sujeito às interpretações do corpo, bem como sua utilidade, funcionalidade e existencialidade. Como afirma Daólio (1995), no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.¶ Assim, Marcel Mauss (1974) evidencia que toda a sociedade, em qualquer tempo e em qualquer lugar, sempre desenvolveu modos eficazes e consequentemente tradicionais de trabalhar o corpo do ser humano, em virtude de necessidades emergentes do corpo social. Desde a educação dos sentidos até às técnicas simbólicas, o corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades.¶ As peculiaridades históricas do corpo remontam os tempos de Platão, Sócrates e Aristóteles, século V e VI a.C., quando nas civilizações Grega e Romana da Antiguidade ele era valorizado pela sua saúde e capacidade atlética. O corpo na Grécia antiga, de maneira geral, era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado, sendo valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade. Cada cidade grega apresentava sua particularidade em relação ao trato com o corpo. Em Esparta, atividades corporais recebiam um lugar de destaque na ... [1]

denominado de esporte, que reproduz em suas ações e objetivos os ideais da nova sociedade industrial e capitalista, como apresenta Finck (1994).

O tempo do esporte tem relação com produção e trabalho, é o profissionalismo esportivo. A performance do atleta esta condicionada com um maior numero de horas dedicadas ao treinamento (tempo). Podemos identificar a relação entre produção (performance) e tempo (treinamento) e dinheiro (trabalho) no esporte moderno. (FINCK, 1994, p. 44)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Madrid (1994) em seu trabalho faz uma relação do jogo e do esporte com a mão de obra do Homem, que passa de artesanal para a racionalização das linhas de produção, ao dizer que...

...o jogo praticado (ferramentas) em séculos anteriores, veio sofrendo transformações, surgindo o "esporte moderno" (maquina), vivenciado e consumido por todos, gerando a "indústria do esporte". (MADRID, 1994, p. 42)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Nesse sentido, constitui-se um campo esportivo, proveniente de uma ruptura (progressiva ou não) das atividades ancestrais (jogos) até se constituir num campo de praticas específicas com lutas próprias, onde se coloca e investe toda uma cultura ou uma competência específica. (PILATI, 1994, p. 106)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

O esporte nasce enraizado na cultura moderna, capitalista e industrial, em torno do final do século XIX, na Inglaterra, berço da Revolução Industrial e do desenvolvimento do sistema capitalista. É um dos traços definidores na construção sociocultural da vida moderna (PINTO, 1996), pois este rapidamente alastra-se por todo o Ocidente, tornando-se uma forma cultural de movimento hegemônica na Educação Física do século XX (RODRIGUES, 1994, p. 126).

Pinto (1996) sugere que o desenvolvimento do esporte acontece a partir da união de jogos populares e jogos da aristocracia inglesa para

ocupação do tempo livre das pessoas através de práticas corporais distintas para cada classe social. Para Bourdieu (apud_ BRIGATTI, 1994),

parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas as elites da sociedade burguesa, nas Public Schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes mudança de significado e função. (BOURDIEU, apud_ BRIGATTI, 1994, p. 94)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Os Jogos Olímpicos da era moderna são retomados em 1896, a partir de uma iniciativa histórica do Barão de Coubertain (GRIFI, 1989), que segundo Pinto (1996) e Finck (1994), inspirou-se na Grécia Antiga e no modelo esportivo inglês, convencido de que o sistema educativo das Publich Schools era um dos responsáveis pela grandeza do Império Britânico. Além disso, de acordo com Grifi (1989), Coubertain acreditava que o esporte inglês seria o palco do ressurgimento da educação corporal grega.

A retomada dos Jogos Olímpicos é considerada como o ponto máximo do esporte moderno. Dessa forma seria natural pensar que esse modelo e ideais de competição já existiam anteriormente na Grécia antiga, quando nasceram os Jogos Olímpicos e também porque essa foi uma das inspirações do Barão de Coubertain. No entanto, para iluminar esse embate conceitual histórico pode -se citar Helal (1990), que afirma que a resposta está nas duas principais características da modernidade, e por consequência, do esporte moderno, que são a secularização e a racionalização (HELAL, 1990, p.34).

A modernidade valorizou o conhecimento racional, científico e técnico, aparecendo como substitutos das representações religiosas, divinas. Da mesma forma, a secularização, no esporte desencadeou um processo em

que os saltos, corridas e lutas deixaram de ser cerimônias religiosas, bem como os jogos deixam de ser festivais sagrados onde os atletas competiam para “servir aos deuses”, como na Grécia Antiga (HELAL, 1990, p. 35), para se transformar em medida, verdade, de nova época.

O esporte moderno não tem nenhum vínculo religioso, surgindo como um evento profano, pois a sua racionalização está presente nos números, nas marcas, na especialização dos atletas, nas táticas e técnicas, objetivos que ultrapassam o ideal de beleza e de funcionalidade (busca pela saúde e fertilidade).

Com isso modernamente o esporte se afirma como conjunto de normas restritas, cada vez mais específicas, racionalizadas e pautadas pela disciplina e obediência as regras codificadas para cada modalidade. O seu sentido moderno o mostra como parte das necessidades geradas pelo modo de produção capitalista. (PINTO, 1996, p.175)

Excluído: ¶

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Gebara (1995) afirma que o esporte nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento, além de evoluir de acordo com a evolução do capitalismo mundial a assumir formas que reflete a ideologia burguesa.

Pode-se afirmar, portanto, que o esporte moderno é fruto da cultura capitalista e nele estão imbricadas diversas características do sistema econômico, onde a cultura de controle do trabalho e aumento de produção estão caracterizadas em sua prática. Para identificar essas relações, Fink apresenta em seu trabalho as teorias de Hans Lenk, afirmando que...

...é possível identificar relações entre esporte, trabalho e produção, ao tomarmos por base as teorias citadas por Lenk que são: de adaptação e compensação. A primeira relaciona esporte e trabalho, isto é, o esporte seria um meio de adaptar o indivíduo ao mundo do trabalho, exercitando-o através do esporte para que posteriormente possa desempenhar produtivamente sua função como trabalhador. Na teoria da

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

compensação o esporte cumpriria entre outras, as funções de: suprir, enriquecer, identificar, integrar e libertar o indivíduo. O mundo do esporte seria uma reprodução do mundo industrial, onde o indivíduo superaria dificuldades. Em outras palavras, o esporte serviria para moldar o homem para o trabalho, para uma produção maior, o tempo utilizado na prática do esporte seria um investimento, que lhe proporcionaria um treinamento e uma compensação para desempenhar melhor o seu trabalho. (FINK, 1994, p. 45)

Segundo Rodrigues (1994, p. 127), no Brasil, o esporte é organizado e difundido através da instituição clubística. Esses são formados por influência dos Ingleses que chegaram ao país a partir da expansão da malha ferroviária e de fabricas de tecelagem. Após esse primeiro momento

Pinto (1996) afirma que...

...como prática social integrada aos interesses dos governantes em expandir o capitalismo, o esporte passou a se destacar em nosso país tendo seu desenvolvimento motivado por transformações econômicas, sociais, investimentos em novas tecnologias associadas ao desempenho físico, criação de cursos de pós-graduação em Educação Física e formação de profissionais da área no exterior. (PINTO, 1996, 178)

Excluído: ¶

Em sua função e inserção o esporte pode ser conceituado de

acordo com sua dimensão social, como sugere Tubino (1992, p. 7), compreendido sob três dimensões sociais: o esporte-educação, o esporte-performance ou de rendimento e o esporte-participação ou popular. Resumidamente, pode-se considerar que o esporte-educação está vinculado a três questões pedagógicas importantes: a integração social; o desenvolvimento psicomotor e as atividades físicas educativas. Quanto ao esporte performance ou de rendimento, considera-se que os seus praticantes são talentos esportivos e dedicam parte de sua vida à profissionalização. Já o esporte participação ou popular, nasceu efetivamente nos grupos e nas comunidades, sendo considerado uma modalidade de lazer - o seu caráter desinteressado favorece

Excluído: Atualmente o

os princípios básicos do prazer, da descontração, da diversão e do bem-estar de todos praticantes.

O esporte participação é o que pode ser considerado como mais antigo, devido sua natureza de formação, tendo sido consolidado após a revolução industrial e utilizado, como apresentado anteriormente, para envolver os trabalhadores em atividades que reproduzissem os valores do novo sistema de organização social e econômico, além de promover atividades que auxiliassem na capacitação física do trabalhador para a jornada de trabalho. As outras duas manifestações (educação e performance) são variações evolutivas do esporte participação. Sobre o assunto, Goellner (2005) discursa sobre esta, apontando as seguintes particularidades...vale ressaltar que o esporte que hoje vivenciamos é aquele que se consolida no fim do século XIX e início do XX e que se traduz como signo de uma sociedade que enaltece os desafios, as conquistas, as vitórias, o esforço individual. É o “esporte moderno”, que se origina no século XVIII e se expressa nas public schools inglesas, espaço de construção dos corpos e dos valores burgueses. O esporte que passa a ser ensinado consoante as regras sociais e morais daquele tempo e que, ao modificar alguns dos antigos jogos populares, impõe a necessidade de uma educação do corpo e do espírito dos jovens de forma a despertar lideranças e a personificar, em carne e osso, os ideais representativos de um grupo social específico. (GOELLNER, 2005, p. 3)

Dessa forma o esporte moderno aparece vinculado à estrutura de uma sociedade industrial que tem na sua eficácia e eficiência as referências de um novo paradigma.

No âmbito desse contexto o esporte participação aparece de maneira privilegiada vinculado ao tempo livre, bem como pode ser considerado como aquele que também reproduz os valores do novo sistema de organização social e econômico, visando desenvolver atividades que auxiliassem na capacitação física do trabalhador.

Portanto, como foram apresentados os pressupostos do lazer e do esporte na sociedade moderna o próximo passo será buscar visualizar como eles se materializaram no tempo histórico de uma cidade na relação que

este estabeleceu com as características de determinado campo de trabalho e a realidade de um clube recreativo. De modo que o que se busca é identificar quais foram as formas de ocupação desse tempo livre.

3. RIO CLARO: A CIDADE, A CPEF E O GRECPEF

3.1. Rio Claro

A apresentação da história do município de Rio Claro tem por base estudos significativos de pesquisadores que, em diferentes áreas das ciências humanas, sociais, biológicas e naturais, realizaram seus trabalhos analisando as alterações e o desenvolvimento da cidade.

Neste itinerário Diniz (1973), Dean (1977), Bilac (1978), Marrach (1983), Garcia (1992 e 2001), Tenca (2002) e Santos (2002), nos apresentam diferentes recortes da cidade, auxiliando na construção de um mosaico que tem como ponto de partida o ciclo do café, a implantação da malha ferroviária, o desenvolvimento urbano e industrial.

Dessa forma, a partir dessa cronologia discursiva, serão apresentadas as alterações sociais da cidade, que, como sugere Garcia (1992, p. 14), serão os elementos que vão nos dar pano de fundo do contexto que se pretende resgatar com esse trabalho.

Inicialmente faz-se necessário apontar os acontecimentos que se apresentam como de grande importância, como por exemplo, a malha

ferroviária, que se estendem em grande parte do Brasil e tem muita influência na história do desenvolvimento social e econômico de diversas cidades que foram cortadas por seus trilhos.

Não sendo diferente, Rio Claro pode ser considerada um ótimo caso para exemplo, pois é nítida em sua história a relação do seu crescimento a partir da chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), principalmente, após a instalação das oficinas de trens e vagões da empresa, possibilitando, como afirmou Bilac (1978, p. 34), uma diversificação funcional do núcleo urbano da cidade.

Entretanto, Rio Claro também tem seu surto de desenvolvimento atrelado à passagem de tropeiros que tinham por objetivo alcançar as escavações de ouro em Minas Gerais, influenciando na formação de um povoado e posteriormente de um município de grande importância no interior do Estado de São Paulo.

Os caminhos que levaram até este desenvolvimento atravessaram o período histórico em que as plantações de café substituíram a cana de açúcar como o principal produto agrícola do país. Assim, o progresso econômico e o considerável aumento da população do município estão relacionados com dois fatores marcantes deste período de transição agrícola: sucessivos contingentes de imigrantes advindos de diversos países europeus e a chegada dos trilhos da estrada de ferro. Estes dois elementos que podem ser tomados como impulsionadores do desenvolvimento local, pois a cidade cresceu e ganhou importância, alavancada pelo desenvolvimento da cultura cafeeira, caracterizando sua história entre tropeiros e a ferrovia.

Excluído: Grandes multinacionais foram instaladas, e uma significativa produção intelectual foi materializada em diversas áreas.

3.1.1. História, tropeiros e ferrovia

Rio Claro foi fundado em 10 de Junho de 1827 tornando-se município em 1845. Por ter São João Batista como padroeiro comemora seu aniversário todo dia 24 de Junho (GARCIA, 2001). Com suas terras distribuídas em 499,9 Km², a cidade encontra-se a cerca de 180 km da capital do Estado e 340 km do porto de Santos.

O povoamento do município que está localizado no oeste paulista, tem início entre fins do século XVII e meados do século XVIII, quando surge no Brasil à figura dos tropeiros, um tipo de comerciante que viajava a Minas Gerais para vender alimentos e produtos básicos aos mineradores.

Costumeiramente esses viajantes tinham o curso dos rios como caminho a seguir, para que pudessem ter água para a tropa e seus animais por todo o percurso. Como caminho ou passagem, um pequeno aglomerado de pessoas formou-se as margens do Córrego da Servidão pequenos núcleos de povoadamentos, destinados a amparar transportes e comunicações, vindas ou com o destino a Minas, que passavam por ali (DINIZ, 1973, p.7). Com a intensificação do povoamento, além da criação de gado a cultura agrícola se instala de maneira crescente, acompanhando o desenvolvimento da região, que tem no século XVIII a cana de açúcar como seu principal produto, permanecendo como maior fonte de recursos até a primeira metade do século XIX, quando a cultura do café começa a substituir as plantações canavieiras.

Com o tempo, na zona de São João Batista da Beira do Ribeirão Claro, primeiro nome dado ao Município de Rio Claro, (GARCIA, 2001), pouco a pouco as exportações de café superaram as de cana de açúcar. Esse produto

Excluído: (FIGURA 1)

instala-se como cultura dominante, trazendo consigo maior progresso econômico e considerável aumento da população de Rio Claro, pois a implantação da lavoura do café fragmentou os latifúndios canavieiros no Brasil. Este fato proporcionou a criação de um grande número de propriedades, e essas necessitando cada vez mais de mão de obra, o que foi agravada com o final da escravidão (DEAN, 1977).

O desenvolvimento da agricultura cafeeira, trazendo, assim, maior progresso econômico e considerável aumento da população, provocou uma série de modificações no Município de Rio Claro. (DINIZ, 1973, p. 15).

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

A solução para suprir essa carência de mão de obra foi encontrada no crescente processo de imigração, característica da expansão do café no Brasil (DINIZ, 1973), pois esse era uma promessa de melhora financeira. Assim, muitos se aventuraram em longas viagens pelo oceano, e ao sair de seu país de origem, inevitavelmente, trouxeram consigo a sua cultura.

A grande imigração cafeeicultora dos anos 80 e 90 do século passado trouxe para Rio Claro sucessivos contingentes de imigrantes. Estes eram italianos em sua maioria, mas havia também espanhóis e portugueses. (BILAC, 1978, p.35).

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

A cidade foi uma das pioneiras na contratação de imigrantes para o trabalho nas lavouras, e a forte presença da imigração marcou o Município de Rio Claro em toda sua história de construção social (GARCIA, 2001). O município foi tomado por diferentes pessoas, encontrando-se diversas maneiras de se vestir, orar, alimentar, entre outros costumes presentes em cada grupo de imigrantes. Estes que no início chegaram à cidade para serem lavradores, aos poucos, com o desenvolvimento econômico de Rio Claro, vão se tornando parte da classe burguesa.

O desenvolvimento financeiro do imigrante é marcado por sua passagem de trabalhador para proprietário de, inicialmente, pequenas lavouras de café que com o passar dos anos vão crescendo. Seus descendentes começam a migrar para a zona urbana e tornam-se proprietários de empresas, comércios e institutos de ensino.

Após 1850 cada vez mais imigrantes vão chegando à região de Rio Claro, período que também foi marcado pelos problemas com o escoamento da produção das inúmeras, e crescentes, lavouras de café. Nesse período o produto percorria um longo caminho até o porto de Santos para a exportação. As estradas que levavam até o porto eram em partes de terra batida e em outras partes eram trilhas abertas na mata, como aponta em seu trabalho Diniz (1973).

O transporte era um constante problema para os produtores devido os grandes custos, pois o café percorria todo o caminho com suas sacas amarradas no lombo de mulas, passando pelas estradas precárias, o que ocasionava grande perda da produção pelo caminho, pois o café demorava entre 10 e 15 dias para ir de Rio Claro ao porto de Santos (SANTOS, 2002). Um outro problema encontrado era o alto custo de locação das frotas de animais, pois poucas fazendas possuíam suas próprias mulas.

Quanto mais se interiorizava a produção, isto é, quanto mais se expandia à fronteira agrícola do café, os custos elevados se constituíam num freio natural ao processo de acumulação. A superação desse obstáculo se daria através da implantação de um sistema ferroviário. (GARCIA, 1992, p. 15)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

Era evidente que um novo sistema de transporte tivesse de ser viabilizado para evitar tantas perdas de produção para evitar os altos preços das sacas de café, o que reduzia em grande escala os lucros dos produtores.

Para esse problema a ferrovia apresentava-se como resposta para o escoamento da produção cafeeira. O governo da província também demonstrava preocupação com as precárias condições de transporte do café na região oeste do Estado, o que representava um entrave para seu desenvolvimento.

A implantação de um sistema ferroviário se fazia necessário para que se tornasse a produção economicamente vantajosa. Nesse contexto, a ferrovia apresentava-se como a única resposta ao grave problema de escoamento da produção cafeeira do oeste paulista, principalmente para São João do Rio Claro e municípios vizinhos, localizado no sertão cafeeiro. (GARCIA, 2001, p. 141)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

O primeiro trecho de linha férrea do Estado de São Paulo é inaugurado em 1859, construído pela Sociedade de Estradas de Ferro Pedro II, uma organização do governo Imperial para atender o escoamento do café do Vale do Paraíba. Em 1867 é inaugurado um trecho que ligava o porto de Santos a cidade de Jundiaí, construído pela recém criada São Paulo Railway Corporation Ltda.

Assim, tendo em seus horizontes uma solução, os produtores de café mobilizam-se na intenção de que os trilhos, que haviam chegado até a cidade de Jundiaí em 1867, fossem levados interior adentro. Era o desejo de todos que uma ferrovia ligasse o Oeste ao porto de Santos (GARCIA, 1991). Esse empreendimento coube ao grandes fazendeiros produtores de café, e assim, com essa iniciativa, nascia a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), popularmente conhecida como Paulista, a primeira ferrovia a ser implantada com capitais nacionais (GARCIA, 2001, p. 142) e já nascia vinculada ao café.

Os trilhos da CPEF chegaram a Rio Claro em 11 de agosto de 1876 (DINIZ, 1973), como um prolongamento da via férrea que unia Jundiaí á Campinas. Rio Claro permaneceu como ponta de trilho da Paulista até 1884, quando, por dificuldades de escoamento da produção do café de regiões mais ao interior do Estado, é criada em 15 de outubro de 1884 (GARCIA, 2001, p. 145) a Companhia Rio Claro de Estrada de Ferro, que ligava a Rio Claro até a cidade de São Carlos, um empreendimento sem subvenção governamental, realizado apenas com investimento dos grandes Barões do café, o que a diferenciava de todas as ferrovias do país, dando uma medida de desenvolvimento e concentração de riqueza na região, como apontado por Diniz em seu trabalho (1973, p. 147).



Excluído: ¶

Primeira Estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro
Inaugurada em 11 de agosto de 1876 - Foto – Museu Histórico Amador Bueno Veiga

3.1.2. CPEF: a construção da “família ferroviária”

Na década de 1860 a vida urbana de São João do Rio Claro já se encontrava organizada expressando elementos indicativos de desenvolvimento (BILAC, 1978). Porém, ainda era uma extensão da vida rural, atuando como um centro de abastecimento de bens de consumo diversos, para pessoas que vivam no campo. No entanto, gradativamente essa situação foi se revertendo, sobretudo a partir da chegada de imigrantes e mais tarde da ferrovia.

Esses dois fatores, a ferrovia e o aumento do número de imigrantes, vieram quebrar os pontos de estrangulamento da economia rio-clarense, apontados como empecilho para o progresso desde o período canavieiro precedente. (DINIZ, 1973, p. 157)

Formatado: Recuo: Primeira
linha: 0 cm

A chegada da estrada de ferro, logo em seu início, promove um aumento significativo no número de moradores no perímetro urbano da cidade (BILAC, 1978). Era preciso mão de obra para a construção da linha férrea e posteriormente para sua manutenção, além dos novos trabalho com cargas e transporte de passageiros. Porém as maiores alterações ocorrem a partir de 1882, quando se instalam no município de Rio Claro as oficinas de reparação e montagem dos comboios CPEF. A instalação das oficinas permitiu uma diversificação funcional do núcleo urbano (BILAC, 1978, p. 34), promovendo os primeiros traços de um sistema de organização baseado nos laços de associação, em substituição ao modelo rural, firmado nos laços de comunidade.

Não há dúvidas de que a expansão do café é a grande responsável pelo impacto do crescimento urbano de Rio Claro, e a Paulista é o grande marco dessa expansão. No final do século XIX buscava-se equipar a

cidade com os confortos da modernidade, ou seja, água encanada, luz elétrica, arruamento dentro de princípios modernizantes.

A introdução desses melhoramentos urbanos ocorreu antes mesmo da chegada da ferrovia, inclusive no que diz respeito às atividades de lazer, como aponta Fittipaldi (in_ MACHADO, 1978, p. 227), afirmando que no início da década de 1860, um grupo de cidadãos tomou a iniciativa de construir uma casa de diversão, para atividades teatrais, palestras e encontros cívicos. Essa ficou conhecida como Teatro Phoenix. Porém, é com o apoio da Companhia Paulista e o desenvolvimento urbano agregado à linha férrea que grandes e significativos feitos foram realizados (in_ MACHADO, 1978), esses que trouxeram à cidade por duas vezes a visita de Dom Pedro II.

O café permanece como a grande base da economia rio-clarense até 1920, e a partir dessa década observa-se o período de decadência da produção. Porém a ferrovia, que desde sua chegada a cidade sempre esteve ligada a um papel econômico social bastante expressivo, manteve-se forte, sendo ela a responsável por resguardar a economia rio-clarense por ocasião da crise de 1930 (SANTOS, 2002, p. 187). Por tudo isso, a conceituação de cidade ferroviária se aplica a cidade.

Até 1920, como apresentado por DINIZ (1973), o café era a grande base da economia de Rio Claro. Porém nessa década observa-se o período de decadência da produção, o que promove um aumento na sociedade urbana, devido à saída do trabalhador do campo.

Esse “novo morador da cidade” encontra trabalho com o ofício que aprendeu dentro de seus laços familiares. Graças a seus conhecimentos, como por exemplo, com ferramentas e marcenaria, as famílias eram

sustentadas a partir de trabalhos com pequenos reparos de portas, telhados, janelas,... Porém, o dinheiro ganho era pouco, o que fazia os pais encaminhar seus filhos para um emprego na ferrovia, como afirma Tenca (2002).

Não se ganhava bem, mas para uma cidade sem empregos, a Paulista era um porto seguro. E ela, a empresa, não fechou os olhos para isso. Ao contrário, fez disso um de seus esteios, talvez o mais forte, de sustentação de sua estrutura de organização e controle do trabalho: a Paulista tornara-se uma grande família. (TENCA, 2002, p. 245)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Fazer da empresa uma grande família ajudava os trabalhadores a conviver melhor com o dia a dia, onde as relações entre as pessoas, antes valorizadas por seu grau de parentesco ou atuação na comunidade, perdem espaço para um processo alienante de trabalho que conduz ao crescente individualismo, característico dos laços de sociedade.

A CPEF construiria sua própria comunidade, ou seja, oferece a seu trabalhador todas as possibilidades de relações de uma comunidade. Na verdade, como Rago e Moreira (1992, apud GARCIA) afirmam, essas concessões fazem parte de um controle dos passos do trabalhador, unindo a estes benefícios à idéia de que trabalhadores e patrões fazem parte da mesma comunidade, lutando por interesses comuns.

Excluído: cerco

Excluído: a

No caso da CPEF, era importante que seus empregados lutassem pelos interesses comuns, propostos para o crescimento da empresa a partir do orgulho em fazer parte dessa comunidade. Isso seria importante para o crescimento da sociedade industrial, como afirma HOBBSAWN (2005, p. 333).

Os valores presentes nos ideais de comunidade passam a ser assumido pela CPEF, para seu próprio benefício, a fim de ampliar o desenvolvimento de suas atividades, como apontado por Garcia em seu trabalho.

Através da exploração do trabalho ferroviário, a CPEF cresceu significativamente. O número de ferroviários empregados pela oficina é também significativo, portanto uma série de mecanismos são desenvolvidos para o perfeito controle dessa mão de obra. É nesse momento que ganha expressão a cooperativa de Consumo dos Empregados da CPEF de Rio Claro, a assistência médica prestada pela Caixa de Assistência Médica e pela Santa Casa de misericórdia de Rio Claro, pelo Horto Florestal Navarro de Andrade, através do fornecimento de madeiras, de aves, ovos e mel. (GARCIA, 1992, p. 170)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Esta atitude estendia o controle da fábrica ao tempo liberado dos trabalhadores, onde a empresa assume características paternalistas, dando a seus funcionários, a impressão da organização de uma comunidade privilegiada, pois uma das preocupações da CPEF era desenvolver entre os funcionários, formas de cultura e de lazer.

As atuações da CPEF, como afirma Garcia (1992), eram através do cineminha da paulista, do teatro ferroviário e do Grêmio Recreativo dos Funcionários da Companhia Paulista de estradas de Ferro de Rio Claro (GRECPEF). Essa atitude contribuía para incutir nos funcionários princípios de organização racional do trabalho, oposto ao modelo de produção artesanal da comunidade.

Excluído: contra o

Excluído: ideal

Excluído: e

Excluído: , do trabalho artesanal.

Outro ponto importante é quanto à jornada de trabalho. Na CPEF essa era extensa, o tempo de trabalho ultrapassava às duzentas horas mensais obrigatórias, o que resultava em uma jornada mínima de oito horas, incluindo os sábados, como afirma Tenca (2002 p. 259).

Essa extensão da jornada de trabalho unida às raras oportunidades de lazer encontradas na cidade de Rio Claro no final do século XIX, fizeram com que a Paulista apoiasse seus funcionários na formação de um Grêmio Recreativo, o que levaria seus funcionários a partilharem do mesmo

ambiente, mesmo fora do horário de trabalho, buscando fortalecer os laços da grande família.

O clube é criado em uma época que as grandes instituições voltadas para o lazer da classe trabalhadora ainda não haviam sido criadas no Brasil. O SESC e o Sesi datam de 1946, o Grêmio data do final do século XIX.

O GRECPEF foi e é um projeto que mobilizou o alto escalão da CPEF desde o momento de sua fundação, datada em 05 de Agosto de 1886, como afirma Garcia (1992).

Sua criação recebeu todo o apoio das oficinas, no que diz respeito à construção, mão de obra, material, etc. Ele foi construído pelos ferroviários e era mantido pelos seus associados, que também eram exclusivamente ferroviários. Sua diretoria composta por funcionários da administração da CPEF. (GARCIA, 1992, p. 180)

É evidente que em atas⁵ de reuniões e registros em cartórios⁶ estão presentes as marcas da paulista, na compra de terrenos, cedendo materiais de construção e máquinas. Está claro também, seja em conversas informais ou registros do próprio clube, que suas estruturas foram construídas por empregados da CPEF que trabalhavam gratuitamente em suas horas vagas.

O GRECPEF se apresenta como o principal clube esportivo e social na cidade de Rio Claro (O GREMIO..., s/d). Esta condição é alcançada ao longo de sua história, seja por ser o local de atendimento ao tempo livre do trabalhador rio-clarense, inicialmente representado pelos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a maior parte da população de Rio Claro no início do século XX, (DINIZ, 1973), ou ainda por suas influências no

⁵ Vide nota de rodapé da página 14.

⁶ Conforme registro de ata consultada no Cartório de Registro de Imóveis do Município de Rio Claro

desenvolvimento do esporte na cidade, que pode ser apontado como exemplo à fundação do Rio Claro Futebol Clube em 1909.

Desde o início das suas atividades o GRECPEF tem claro em seu estatuto que o clube é prioridade de atendimento aos ferroviários. A associação do clube é dividida em categorias, onde os sócios de categoria “A” são representados pelos ferroviários ativos ou aposentados na função, e os sócios de categoria “B” incluem toda a população que não faça parte do quadro de funcionários da ferrovia. Aos sócios da categoria “A” compreende as mensalidades mais baixas e os direitos de assumirem cargos na administração do clube ou em seus conselhos, além de serem os únicos que tem direito a voto, enquanto a categoria “B”, além das mensalidades mais elevadas tem por direito apenas participar das atividades esportivas e sociais do clube.

Em seu início para se associar ao clube era necessário que se recebesse um convite. Assim, se a Companhia Paulista de Estradas de Ferro já atraía o desejo de muitos trabalhadores que não faziam parte de seu quadro de funcionários por representar a maior empregadora do Município de Rio Claro, com os baixos, porém melhores salários, a formação do GRECPEF aguçava ainda mais o interesse das pessoas para que pudessem participar das atividades do clube, o que ajudava a manter a Paulista e fortalecendo ainda mais sua “grande família”.

3.2. GRECPEF: o esporte e o lazer do ferroviário

As descrições que foram transcritas das entrevistas constituem-se em pequenos textos que fazem parte de um período distante do presente,

Excluído: constituem-se

principalmente quando são tomados por referência os funcionários aposentados da CPEF. Porém não se espera, a partir das narrações, trazer os reais acontecimentos nas suas lembranças, pois isso não seria possível e nem tão pouco prudente. No entanto, como explica Marrach (1983, p. 46), ao lembrar, o homem reconstitui o passado com as idéias e os valores que seu grupo social a possui no momento em que se lembra.

Assim, superar as histórias pessoais não significa que as mesmas devam ser desconsideradas, mesmo porque elas fazem parte do cotidiano histórico da sociedade e auxiliam na manutenção de sua identidade cultural. Dessa forma, analisar as memórias através de abordagens científicas não acompanha a intenção de encontrar uma explicação para o passado esportivo ou social do Município, mas sim, tem o interesse de interpretar esse passado através de modelos que tenham validade acadêmica, para que esses possam ser utilizados e estudados em futuras pesquisas.

Excluído: re

Para isso, inicialmente, faz-se necessário que sejam apontados acontecimentos do passado que se apresentam como de grande importância para a compreensão do contexto que será estudado.

O período datado entre 1940 e 1990 se apresenta como fundamental para a realização da análise das entrevistas, tanto para compreensão das atividades esportivas quanto para a organização social do Município.

Rio Claro tem, desde sua formação, grande influência da presença da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). A empresa permanece como grande empregadora no Município até 1971, momento

marcado pela estatização da empresa, que passa a se chamar FEPASA, o que marcou mudanças na relação da empresa com seu trabalhador.

Ao longo de seus 95 anos de atuação na cidade (desde 1976) a CPEF foi a responsável por implantar na sociedade os princípios da cultura industrial e capitalista da modernidade. Um exemplo disso é a implantação do Curso de Ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (1934-1935), que posteriormente passou a incorporar o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI (1942) (TENCA, 2002, p. 51). Esses cursos fazem parte de uma cultura de organização racional do trabalho, que marca as mudanças da passagem do conhecimento.

Entre as décadas de 1940 e 1960 houve um ligeiro crescimento industrial na cidade em setores que não competiam com a produção industrial dos grandes centros. Nesse período também houve um desenvolvimento dos setores médico, bancários e educacionais. (MARRACH, 2007, p. 28)

No âmbito do esporte o período marca, como apontam Valdanha e Gnecco (2003), o desenvolvimento de estruturas físicas para o desenvolvimento de varias modalidades. Em 1940 é construída no colégio Koelle a primeira piscina para treinamento de natação, e no mesmo colégio tem inicio a prática da modalidade Voleibol.

Em 1949 o Município pela primeira vez é a cidade sede dos Jogos Abertos do Interior Paulista, e para ocasião é inaugurado o Ginásio “Municipal Felipe Karan” (VALDANHA, GNECCO, 2003, p. 11). Rio Claro sediou novamente os jogos nos anos de 1966, 1982 e 1986, essas duas ultimas ocasiões marcam o período em que as atividades esportivas se desenvolviam na cidade e que os espaços públicos urbanos para a prática esportiva foram

construídos, além da formação de um curso universitário estadual para graduação em Educação Física (1884). Na década de 1980 com apoio do governo estadual foram levantados quatro centros sociais urbanos que tinham por interesse proporcionar atividades recreativas, esportivas e de cultura.

No período entre as décadas de 1970 e 1980 (até o início da década de 1990) é que Rio Claro obteve grandes destaques no esporte, inicialmente com a ascensão da equipe de futebol do Velo Clube a principal série do campeonato paulista de futebol, passando pela formação de uma equipe de basquetebol de no final da década de 1980 e início de 1990 ganharia inúmeros títulos no estado e no país.

Essa caracterização do período aponta para a importância do Grêmio Recreativo dos empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro nas práticas esportivas e de lazer no Município de Rio Claro. Até a década de 1980 o clube era o espaço onde as pessoas poderiam participar de diversas atividades. Essas podem ter influenciado na formação e desenvolvimento das atividades de tempo livre da sociedade rio-clarense.

Contextualizado o período histórico do trabalho se torna importante
 cruzar os fatos apresentados no corpo da dissertação com o material coletado através das entrevistas, considerando os pressupostos do quadro teórico que fundamentam o estudo, na intenção de compreender, através dos depoimentos dos ferroviários aposentados, a importância do GRECPEF para suas atividades de tempo livre e as possíveis influências do clube no Município de Rio Claro.

Excluído: ¶
 Dessa forma, as alterações sociais na cidade, proporcionadas pelo desenvolvimento da produção cafeeira, e as razões que trouxeram para Rio Claro o desenvolvimento das linhas férreas,... são os elementos que vão nos dar imagens de um passado que compõem o pano de fundo do contexto que se pretende resgatar com esse trabalho. (GARCIA, 1992, p. 14).¶

¶
 Como a reinterpretação da história de Rio Claro já foi apresentada

Excluído: .

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

3.2.1. O trabalho de campo

O Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF), situado no município de Rio Claro, comporta em seu quadro associativo o maior número de pessoas entre os clubes da cidade, como apontou o depoente “José Renato” (aposentado 1994) demonstrando que entre sócios, dependentes e freqüentadoras, o clube atende cerca de 30 mil pessoas. No entanto é notório que não há uma história sistematizada sobre o clube que completa, no ano de 2007, 111 anos de existência.

Excluído: X

Enfatiza-se ainda que os registros das reuniões que precedem o período (1896 – 1910) se perderam em um incêndio que ocorreu na sede da secretaria do clube no final da primeira década do século XX. No bojo desse processo as fontes iconográficas⁷, representadas aqui por troféus e fotografias, estão dispersos em alguns cantos do clube ou então armazenados num dos imóveis vizinhos que, recentemente, o clube adquiriu como parte de seu projeto de expansão.

Entre os trabalhos acadêmicos que tiveram como objeto de estudo o Município de Rio Claro e com a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tanto em suas dimensões históricas quanto sociais, não foi encontrada nenhuma discussão sobre o GRECPEF, representando um limite para a compreensão de possíveis costumes e influências que o clube representou ao longo de sua vida. Porém, registra-se que a CPEF foi a maior empresa empregadora do Município e que seu grêmio de funcionários, além de atender

⁷ Vide nota de rodapé da página 14

uma parcela significativa da população urbana da cidade, era uma associação cobiçada pelos munícipes que não faziam parte do quadro de funcionários da Paulista. Esse fato pode ser considerado até os dias atuais, através das palavras do depoente “José Renato” (aposentado em 1994) considerando à lista de espera de pessoas interessadas em se associar ao GRECPEF.

Excluído: n

Das três redes listadas para a exploração dos dados podemos colocar que a proposta de pesquisa foi apresentada a reunião da diretoria do GRECPEF e a diretoria da União dos Ferroviários Aposentados (UFA).

Com relação às entrevistas as dificuldades ficaram por conta do entusiasmo dos depoentes. Foi evidente a emoção de todos em estar colaborando diretamente com o trabalho. Um dos entrevistados, depoente “Y” (aposentado em 1974), ao final do encontro, comovido, agradeceu não apenas por estar participando, mas por “estar podendo deixar para futuras gerações a história de algo tão importante e bonito quanto é o GRECPEF”.

3.2.2. Estrutura da Análise por blocos

As respostas foram analisadas a partir dos blocos pré formulados pelo roteiro de entrevista, na intenção de atender as necessidades de levantamento de informação previamente estabelecida, como:

Bloco 1 – conhecer as funções que o entrevistado ocupava na CPEF e a imagem que o mesmo tinha sobre a empresa, no período que os mesmos não estavam trabalhando.

Bloco 2 – Esse bloco comporta questões que buscaram levantar o envolvimento do entrevistado com o clube.

Bloco 3 – Esse bloco que levantou questões que buscaram informações sobre a história do clube e sobre as relações que o clube mantém, ou manteve, com a cidade de Rio Claro.

3.2.3. Caracterização dos depoentes

Os depoentes que colaboraram com nossa pesquisa receberam antes de sua entrevista um termo de consentimento livre e esclarecido (vide apêndice 2) onde os mesmos tomaram conhecimento das pretensões do trabalho e a relação com sua participação.

Na transcrição das entrevistas, bem como no corpo do trabalho, os depoentes estão identificados por seu primeiro nome, haja visto que os mesmos autorizaram sua publicação. Os mesmos podem ser identificados por seus nomes completos da seguinte maneira:

- Depoente “Antonio Araujo” (aposentado em 1966)
- Depoente “Artur Marques Filho” (aposentado em 1974)
- Depoente “Adalberto Soares Sobrinho” (aposentado em 1969)
- Depoente “José Renato Gonçalves” (aposentado em 1994)
- Depoente “Eduardo Santos Filho” (aposentado em 1970)
- Depoente “José Roberto Gonçalves” (aposentado em 1992)

Excluído: adotamos um padrão ético de não identificar os nomes dos depoentes, assim, esses estão identificados por letras, seguida da data de sua aposentaria. Sendo assim, pode-se identifica-los como

Excluído: :

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Excluído: Z

Excluído: Y

Excluído: W

Excluído: X

Excluído: K

Excluído: T

3.2.4. Análise dos dados

3.2.4.1. CPEF: o trabalho e o lazer do ferroviário

Todos os entrevistados são funcionários aposentados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), sendo que dos seis depoentes três deles se aposentaram após a CPEF ser encampada pelo Estado, com o nome de FEPASA, no ano de 1971. Durante as entrevistas esse momento marcou uma passagem nas mudanças da relação da empresa para com o trabalhador, como muito bem apontou em sua fala dois dos entrevistados, como por exemplo, o depoente “José Renato” (aposentado em 1994) ao dizer que sua vida de ferroviário “foi uma vida difícil, porque como a maioria das empresas estatais, também era um tremendo cabide de emprego, nem sempre a dedicação que o funcionário tinha era reconhecida”, em contrapartida a essa afirmação o depoente “Antonio” (aposentado em 1966), afirmou que “na companhia paulista, principalmente o empregado, ele tinha um carinho por aquilo. Ele se considerava como um dono era um prazer de trabalhar no tempo da companhia paulista”.

Excluído: X

Excluído: Z

Apesar dessa controversa em relação ao ambiente de trabalho, e de apontamentos referentes às extensas jornadas de trabalho, “onde se trabalhava dia e noite” (depoente “Antonio”, aposentado em 1966), pareceu ser unânime em todas as entrevistas o orgulho, por parte dos entrevistados, em fazer parte da classe operária dos ferroviários. Na verdade todos são filhos de

Excluído: Z

ferroviários, como por exemplo, o caso do depoente “Artur” (aposentado em 1974) que além de seu pai, seu avô trabalhou na CPEF.

Excluído: Y

O fato de a família passar por gerações trabalhando na Paulista é motivado pela nova organização social e oportunidade de trabalho na zona urbana de Rio Claro. O depoente “Antonio” (aposentado em 1966) afirmou que “na época (década de 40) aqui em Rio Claro era difícil o trabalho, nós tínhamos três indústrias mais ou menos fortes que era a Companhia Paulista, a Caracu e o Matarazzo”. Essa afirmação é fortalecida por TENCA (2002, p. 245), quando o autor afirma que o salário na empresa era pouco, porém a CPEF sabia que muitos necessitavam e desejavam a estabilidade do emprego na empresa. Isso levou a construção do que o autor chamou de “família ferroviária”.

Excluído: Z

A formação dessa comunidade não é fato isolado no momento de construção da modernidade, pelo contrario, muitas empresas fizeram uso da unidade conhecida e vivida na organização comunitária. Assim, a empresa assumiu características paternalistas dando aos trabalhadores a impressão da organização de uma comunidade privilegiada.

A CPEF não se portou de maneira diferente, passa a promover para seus funcionários diversos eventos culturais, sociais, esportivos, todos realizados no tempo liberado do trabalhador, fortalecendo assim os laços que estes teriam com a empresa, pois os mesmos sentiram-se gratos por trabalharem para um patrão que lhes oferecia tantas oportunidades. As famílias se conheciam, se relacionavam, isso traria um enorme sentimento de bem estar, fazendo com que todos os funcionários sentissem como parte de um único mundo, um único laço, uma única e grande família. Nesse caso, a atuação da CPEF, como afirma Garcia (1992), era através do cineminha da

Excluído: , como aponta Hobsbawn, ao dizer que...¶
...O que poucos percebiam era o quanto à sociedade industrial moderna, até meados do século XX, dependera de uma simbiose da velha comunidade, e velhos valores com a nova sociedade. (HOBSEBAWN, 2005, p. 333)¶

paulista, do teatro ferroviário e do Grêmio Recreativo dos Funcionários da Companhia Paulista de estradas de Ferro de Rio Claro (GRECPEF). Nessa atitude estava embutido o interesse de contribuir para incutir nos funcionários princípios de organização racional do trabalho, que vão contra o ideal de comunidade, do trabalho artesanal.

Uma outra mudança característica dos tempos modernos é a relação do trabalhador com o processo de aprendizagem do trabalho. O trabalho era aprendido na família, de geração para geração, e com as transformações ocorridas na organização social de Rio Claro, com a chegada da CPEF, ocorrem às mudanças no sistema de aprendizagem do trabalho. É a partir da implantação das oficinas de trens e vagões que se dá o desenvolvimento do Curso de Ferroviários da CPEF, como aponta Tenca (2002), responsável por fazer com que muitos jovens contratados passassem pelos bancos da escola, principalmente nos cursos de marcenaria e mecânica. Todos os entrevistados passaram pelo curso ferroviário, que na década de 40, conforme apontado pelo depoente “Antonio” (aposentado em 1966), passou a ser conhecido como SENAI da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A qualificação da mão de obra era feita durante o envolvimento do funcionário com a produção, a partir de conhecimentos prévios que o mesmo havia adquirido na vivência com seus familiares e com o curso técnico. Segundo o depoente “Artur” (aposentado em 1974), filho e neto de ferroviário, sua primeira profissão dentro da CPEF foi de rebitador, ocupação que o mesmo aperfeiçoou com a prática do trabalho, após ter passado pelo curso da paulista.

Excluído: Z

Excluído: Senai

Excluído: Y

Com a criação de uma Escola de Formação Profissional, o ensino passa a ser institucionalizado, e o ambiente da comunidade deixa de

ser o local de aprendizagem. Como afirmou Barata (2004) para compreender, o conhecimento do “fazer saber” foi substituído pelo “saber fazer”. As alterações no processo de aprendizagem do ofício, ocorridas na CPEF em meados da década 1930, como afirma Tenca (2002, p. 244), faz parte de um processo de formação profissional da empresa que se constitui em elementos de prática racionalizadora de organização do trabalho.

Sentir-se como parte de uma única família, ou ainda, conseguir com que todos da família (filho, pai, avô, tios,...) trabalhassem na Paulista, como era preterido por todos, aponta Tenca (2002, p. 260), poderia ajudar a suportar as extensas horas da jornada de trabalho, que ultrapassava às 8 horas diárias, incluindo os sábados. Isso fazia com que o tempo liberado, livre das obrigações de trabalho, um tempo onde pode estar presente o lazer, como afirma o depoente “José Roberto” (aposentado em 1992), fosse reduzido às horas dos finais de semana.

Excluído: T

Nas entrevistas ficou evidenciada a influência da CPEF nas atividades de lazer de seus funcionários, principalmente no momento em que é deixado claro que o GRECPEF é um clube construído com capital e apoio da empresa, o que fez do mesmo o centro das práticas de lazer e interação social entre as famílias dos ferroviários. O depoente “José Roberto” (aposentado em 1966) colocou que a principal fonte de lazer era o Grêmio Recreativo. Na época passava meu tempo de fora do trabalho quase todo no grêmio, na pista de atletismo, campo de futebol, quadra de bocha e basquete, e “depois que foi construída a piscina, aí então passou a melhorar ainda o lazer. Fora eu, a maioria, boa parte dos ferroviários, principalmente jovens naquela época freqüentava isso aí. E os bailes né, que era o mais gostoso”.

Excluído: Z

Os entrevistados apontaram em diversos momentos a importância do GRECPEF, não somente para seu tempo livre, mas também para o de sua família, quando declaram a alegria dos bailes promovidos e as oportunidades de seus filhos aprenderem modalidades esportivas dentro do clube. Uma questão que não ficou muito clara, e que ganhou visibilidade com a análise dos dados, são as mudanças de comportamento tanto da paulista, quando do ferroviário, após a empresa ser encampada pelo Estado. Esse momento está agregado a um momento de transformação que ocorreu na estrutura organizacional da empresa e por conseqüência no apoio e incentivo destinado ao GRECPEF. Essa mudança aparentemente gerou insatisfações dos trabalhadores em relação a seu trabalho, e também alterações na organização do clube. Sem o apoio da Paulista o grêmio passa a buscar um aumento em seu quadro de associados a partir de pessoas que não são ferroviários, os conhecidos sócios de categoria “B”. O depoente “José Renato” (aposentado em 1994), o último dos entrevistados a se aposentar, 1994, afirmou que no final da década de 80 a empresa cedeu aos ferroviários um espaço que antes pertencia ao SENAI ferroviário, para que fosse construída uma área social com jogos de salão, campo de futebol, vôlei de areia e sauna. Talvez essa luta dos ferroviários por um novo espaço de interação que fosse destinado somente à categoria, seja uma resposta ao crescimento e posterior superioridade do número de sócios do GRECPEF que não fossem ferroviários.

Excluído: X

3.2.4.2. GRECPEF: CPEF, o ferroviário e o não ferroviário

Em sua ata de fundação o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF) apresentou 5 nomes, sendo três ferroviários, com destaque para o engenheiro chefe da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) Adão Gray, e dois comerciantes da cidade, Julio Marasca e Timoni.

Através de uma análise das atas⁸ do clube e depoimentos colhidos nas entrevistas, não fica clara a situação das pessoas que não faziam parte do quadro de funcionários da CPEF frente ao GRECPEF até 1963. Apesar de ter em sua ata de fundação a presença de membros da sociedade em geral, não foram encontrados registros esclarecedores sobre a possibilidade de associação ou não dessas pessoas, em virtude do incêndio que ocorreu perdendo-se material de 1896 a 1910. Em seu depoimento o depoente “Artur” (aposentado em 1974) sugere que antes de 1963, data que marca uma alteração no estatuto do clube, não havia diferenças entre os grupos, ferroviários e não ferroviários representados por sócios intitulados de “categoria A e categoria B” sucessivamente. Ambos os grupos teriam direitos iguais quanto a uso das instalações, voto, elegibilidade e participação nas comissões, ficando segmentados apenas no valor cobrado das mensalidades, onde a categoria B teria valores mais elevados.

O que há de fato nos registros do clube, é o novo estatuto do GRECPEF, de 1963, pois apresenta e define as categorias “A” e “B” da associação. O sócio ferroviário, nos dias atuais, em sua maioria aposentada,

⁸ Vide nota de rodapé da página 14.

tem total liberdade de ação política no clube, enquanto que os associados que não são ferroviários, além das mensalidades mais elevadas não podem participar de nenhuma diretoria ou comissão. Da mesma forma, o não ferroviário também não tem direito a voto para a eleição das mesmas. É importante destacar que o quadro de associados do Grêmio, como afirmou depoente “José Renato” (aposentado em 1994), envolve quase 30 mil pessoas do Município de Rio Claro, sendo que dessas 10 mil representam a categoria “A” e desses cerca de 9 mil são sócios remidos, ou seja, não pagam mais mensalidade e não contribuem para a receita do clube. Cabendo colocar que todos os depoentes desse estudo fazem parte dessa categoria.

Excluído: X

Da sua fundação até o começo da década de 70 o clube contou com o apoio da CPEF, como aponta o depoente “José Renato” (aposentado em 1994) ao afirmar que “a Companhia Paulista, na época, adquiriu o terreno e fundou o Grêmio em conjunto com alguns ferroviários, e depois da fundação ela passou a ajudar muito. Porém, os funcionários normalmente terminavam o expediente no trabalho, e iam ao clube para trabalhar, fazer as obras que eram necessárias para deixar o clube em condições de uso”.

Excluído: X

O depoente “Antonio” (aposentado em 1966) reforçou a idéia apresentada e ainda enfatizou o envolvimento da Paulista não somente com o GRECPEF, mas também com o Município de Rio Claro.

Excluído: Z

Então a ferrovia, em uma boa parte da minha vida que eu conheci o grêmio, quem sustentava o Grêmio era justamente a Ferrovia. A ferrovia não só sustentava o Grêmio como até a Santa Casa de Rio Claro. Mandando, na hora que precisasse fazer algum reparo, em fim, a manutenção, mandava ferroviário pra lá. Era o pessoal da Ferrovia que dava manutenção no Grêmio. (depoente “Artur”, aposentado em 1974)

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Excluído: Y

Essa mudança nas relações entre o GRECPEF e a CPEF terminou no início da década de 70, momento que a CPEF foi encampada pelo Estado. As entrevistas apontaram que o fim dos auxílios da empresa na manutenção, no empréstimo de maquinários e na doação de materiais aconteceu devido a uma divergência política entre a administração do clube e o engenheiro chefe da empresa. Esse momento foi registrado num dos trechos da entrevista do depoente “José Renato” (aposentado em 1994):

Excluído: X

Depois de 1970, quando houve aqui uma eleição, e normalmente os presidentes aqui eram indicados pelo gerente das oficinas, aí entra um pouco na política. Naquele ano não ganhou o presidente indicado pelo chefe das oficinas, na época o engenheiro Sergio Bastos, não foi o indicado dele que ganhou, e em função disso os laços foram rompidos, o cordão umbilical foi cortado. O Grêmio passou então a ter vida própria, sem nenhuma colaboração direta da Companhia Paulista. (Entrevista depoente “José Renato”, aposentado em 1994).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Excluído: X

Porém, em relação à associação do ferroviário ao clube, as entrevistas não apontaram nada que levasse a um caminho de compreensão que sugira obrigatoriedade por conta da CPEF. Muito pelo contrario, em seus depoimentos, os depoentes afirmaram que os maiores incentivadores do clube eram os próprios ferroviários que realizavam propaganda verbal, como diz o depoente “Artur” (aposentado em 1974), na intenção de incentivar os colegas.

Excluído: Y

Observando a evolução do quadro de sócios do clube ficou evidente que foi crescimento e desenvolvimento das estruturas que levou a aumentar o numero de associados, Porém, os que eram associados, independente da época ou das estruturas, faziam do clube seu objeto de uso no tempo livre.

Excluído: ¶
¶

3.2.4.3. GRECPEF: o clube, a cidade e o esporte

Fundado em 05 de Agosto de 1896, o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF), se apresenta como o principal clube esportivo e social na cidade de Rio Claro (O GREMIO..., s/d). Esta condição foi alcançada ao longo de sua história, quer seja por ser o local de atendimento ao tempo livre do trabalhador rio-clarense, inicialmente representado pelos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a maior parte da população de Rio Claro no início do século XX, (DINIZ, 1973), quer seja ainda por suas influências no desenvolvimento do esporte na cidade, que pode ser apontado como exemplo à fundação do Rio Claro Futebol Clube em 1909.

O depoente “Artur” (aposentado em 1974) apontou em sua entrevista, que muitas vezes o clube cedeu seu campo de futebol para a equipe do Rio Claro Futebol clube treinar. Porém, os indícios dessa parceria ficam apresentadas pela fala do depoente “José Roberto” (aposentado em 1992) ao colocar que a equipe de futebol foi criada em 1909 com apoio da CPEF, onde muitos dos jogadores do Rio Claro eram Ferroviários, “às vezes a ferrovia até mesmo contratava funcionários que fossem jogadores de futebol para que esses jogassem no Rio Claro Futebol Clube”.

O interesse pelo futebol tem relação com o modelo esportivista de ocupação do tempo livre que surge na Inglaterra após a revolução Industrial como uma maneira de reproduzir os ideais de divisão do tempo e metas próprios da nova organização social. Como a CPEF foi formada por capital do governo e administrada por ingleses, apesar de não haver relatos ou

Excluído: Y

Excluído: T

documentos que afirmem, pode-se sugerir que esse incentivo teve possíveis relações com esse modelo de organização do tempo fora do trabalho e também com um possível interesse por parte dos ingleses de trazerem sua cultura esportiva, no caso o futebol e possivelmente o tênis, já que segundo Valdanha & Gnecco (2004) o GRECPEF foi o primeiro clube da cidade a contar com uma quadra de Tênis, em 1920.

As relações do GRECPEF com o Município de Rio Claro são significativas quando levada em consideração a parcela da população que é atendida, pois o clube que tem cerca de 30 mil associados distribuídos em suas categorias, o que representa 1/6 da população da cidade. As competições promovidas no clube não envolvem somente seus associados, mas também lojas do comércio que patrocinam as equipes. O depoente “José Renato” (aposentado 1994) em sua entrevista aponta as atividades que o clube oferece:

Excluído: X

O Clube no dia a dia vive em função do esporte. É academia, jogos de futebol de salão, basquete, vôlei, bocha, sinuca, vôlei de areia, tênis e tudo mais. Então, essa relação do clube com a cidade, é muito importante. É muita gente da cidade que participa do Clube, e como o clube é destino pra lazer, eu acho que nesse aspecto o clube colabora muito com a cidade. E proporciona lazer para tantas pessoas. Lazer e esporte e uma vida social também. (depoente “José Renato” aposentado em 1994)

Excluído: X

Em entrevista o depoente “Antonio” (aposentado em 1966), ao relembrar o período de 1947, no qual se associou ao GRECPEF, lembrou que no Município de Rio Claro não havia outro clube que oferecesse práticas esportivas. Colocou ainda que “existiam outras sociedades, mas dançantes, como a Filarmônica, o Grupo Ginástico”.

Excluído: Z

4. Considerações finais

Uma mudança na sociedade compreende uma mudança de valores. A passagem para o modo de produção Industrial foi determinante para o desenvolvimento urbano em detrimento do setor agrário, momento que marca a separação do trabalho e não trabalho, ambos tendo o "tempo" como principal relação para sua existência. São essas transformações que propiciam a delimitação das atividades de tempo liberado.

No tempo liberado, como apontou Dumazedier (1975), estão compreendidas atividades que não fazem parte do tempo de trabalho, produtivo e racionalizado pela cultura industrial. Esse tempo, liberado, é destinado para que sejam cumpridas outras obrigações que antes do processo de Revolução Industrial já faziam parte do cotidiano da vida na comunidade. São atividades sociais, religiosas, políticas e familiares, que antes da divisão temporal evidenciada pela modernidade misturavam-se com o tempo de trabalho, haja vista que este era determinado por ciclos e ritmos naturais.

O modelo de organização social moderno, conhecido como "sociedade", não apenas limita o tempo de trabalho e o tempo destinado para outras obrigações, mas também abre espaço para o desenvolvimento de um novo momento, um outro tempo, diferente dos outros, caracterizado pelo descompromisso, conhecido como tempo livre, e nele estão inseridas as atividades de lazer.

Na modernidade os "momentos livres", mesmo pertencendo ao trabalhador, são determinados pela relação capital-capitalismo. Novos valores começam a se estabelecer entre trabalho e tempo livre do trabalho. As atividades são sistematizadas e trazem em seu interior valores que reproduzem os modelos de produção. Isso faz com que as empresas comecem a oferecer a seus funcionários formas para fazer uso de seu tempo livre.

No Município de Rio Claro esse quadro teórico, representativo das mudanças de valores da modernidade, encontra fundamento no âmbito da relação entre a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) e a cidade. Os trilhos da ferrovia marcam o início da urbanização e da produção fabril, dando base para as alterações na organização social e de relacionamento dos trabalhadores com seu tempo.

A população rio-clarense vai, aos poucos, se tornando parte da CPEF, a maior empregadora do Município, e a empresa aproveita essa dependência para construir o que Tenca (2002) chamou de "família ferroviária", unindo parentes, amigos e até mesmo desconhecidos em um único laço, criando assim a sua própria comunidade. Uma característica tão forte que marca gerações de trabalhadores ferroviários da cidade, como evidenciado pelas entrevistas dessa pesquisa.

Para promover essa inter-relação entre os funcionários e seus familiares a CPEF promovia piqueniques, seções de cinema e implantou uma cooperativa. No entanto, o principal meio para essa interação foi provavelmente o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (GRECPEF), sendo que esse unia os trabalhadores não somente em atividades de lazer, mas também em sua construção predial. Pode-se sugerir que esse envolvimento fez com que o trabalhador da CPEF não se limitasse a sentir-se satisfeito pela empresa, mas também proporcionou um espaço de social de lazer, mas também faz com que esse se sinta importante e de certa forma proprietário do local, sendo que em suas horas livres ajudava a erguer as paredes do clube.

Durante a construção desse trabalho encontramos no GRECPEF um ícone para as atividades de tempo livre do trabalhador ferroviário e do não ferroviário. Ao longo de seus 111 anos o clube permanece com raízes ferroviárias, sendo um ponto de encontro para gerações de trabalhadores da CPEF e da FEPASA, mas desde os anos de 1960 o crescente número de associados que não tem relação com a ferrovia ganha espaço e leva para outros lugares do Município rastros da cultura "Gremista" (como é conhecido o associado do clube). Esse fato atual agregado à construção histórica da sociedade rio-clarense sugere que o GRECPEF tem significativa importância e influencia na construção de uma cultura de tempo livre em Rio Claro.

Excluído: , sugere

Para mapear essa hipótese inicial, formulada no momento de transformação do projeto de pesquisa inicialmente proposto, optou-se por buscar na memória do ferroviário aposentado as relações que esse tinha com a CPEF e com o GRECPEF, bem como as relações entre CPEF, o GRECPEF e o

Município de Rio Claro. Essas entrevistas possibilitariam uma reinterpretação dos fatos encontrados na literatura referente ao tema, e até mesmo dos documentos e registros encontrados. Ao tomar contato com a grandeza do objeto de estudo e a pouca de produção acadêmica diretamente relacionada, ficou evidente que seria preciso demarcar os caminhos que limitam o objeto de estudo bem como pontuar as possíveis hipóteses que deveriam ser aprofundadas. Para tais pretensões optamos por uma pesquisa exploratória, sendo que essa comportaria nossas ambições no trabalho.

Com isso, dentro de sua proposta metodológica, acreditamos que o trabalho cumpriu com seus objetivos, limitando através da referência bibliográfica as transformações do período que compreende a formação do GRECPEF, essas apresentadas inicialmente a partir das mudanças oriundas da modernidade e, em outro capítulo, o reflexo dessas mudanças na transformação da cidade de Rio Claro. Dentre desse período foram formuladas as hipóteses que se acredita serem as mais importantes para o aprofundamento em novos estudos.

A CPEF desde sua criação se apresentou como uma empresa transformadora. Sua fundação tinha um objetivo transformador, que era de sanar as necessidades dos produtores cafeeiros do interior paulista. Nos municípios que a empresa se instalou, tendo Rio Claro como exemplo, a empresa promoveu diversas alterações na organização social e resignificou à maneira com que o trabalhador lidava com sua mão de obra e seu tempo diário. Nesse ponto fica a primeira hipótese que poderia ser levada em consideração e encaminhada para um estudo mais aprofundado e específico, e essa dá conta das mudanças promovidas pela chegada dos trilhos e

posteriormente das oficinas da CPEF e sua relação com o tempo liberado do trabalhador.

Conforme mudanças, enraizadas na nova cultura de trabalho que floresce do seio da revolução industrial, nasce o tempo liberado, e com isso surgem necessidades de ocupação para esse, até então, desconhecido tempo. A própria revolução industrial se incumbiu de propor atividades para esse novo tempo, e essas nasceram sob a luz dos objetivos da produção fabril. A CPEF não se portou diferente, provavelmente por ser uma empresa gerenciada por ingleses, e esses além de serem os maiores responsáveis pelo processo de revolução industrial, também são os inovadores das atividades de ocupação do tempo liberado. Nasce nessa reflexão uma nova hipótese a ser proposta e que merece aprofundamento. Essa dá conta dos motivos e incentivos para o apoio a fundação de um clube de funcionários da empresa, o GRECPEF.

O clube ganha destaque em seus anos de atividade e passa fazer parte do dia a dia do Município. A principal razão para se crer que o GRECPEF é provavelmente o maior responsável pela influência na formação da cultura de uso do tempo livre do trabalhador rio-clarense é de que por muito tempo a classe ferroviária representou a maioria da população urbana ativa de Rio Claro, e atualmente o clube tem em seu quadro de associados 1/6 da população da cidade. Uma hipótese relevante que é fundamentada por intermédio das análises que foram apresentadas nesse trabalho.

Uma ultima hipótese, pouco pesquisada, porém levantada após análise das entrevistas, é a de que com o encampamento da CPEF pelo Estado, se tornando FEPASA, os interesses e as políticas de incentivo as atividades de tempo liberado do trabalhador ferroviário sofreram mudanças.

Talvez essas sejam reflexos de uma visão cultural de organização e gerenciamento de recursos humanos de empresários brasileiros, ou ainda, o que seria mais preocupante, certo desinteresse com as atividades que excedem o trabalho por parte das organizações governamentais.

Excluído: um certo

Excluído: descaso

Excluído: o governo

Acreditamos que as hipóteses apresentadas após as investigações dessa dissertação têm relevância não apenas para o Município de Rio Claro ou para o GRECPEF e a CPEF, mas tem valor significativo para a ampliação dos conhecimentos da Educação física e sua área de atuação, possibilitando que sejam conhecidas as raízes da atuação profissional de uma parcela significativa dos graduados na área.

Excluído: as hipóteses apresentadas após as investigações dessa dissertação tem

Entre as propostas para novos trabalhos, acreditamos ser importante a sugestão de uma coleta maior de entrevistas para a uma formação mais sólida da memória do ferroviário aposentado, e também a elaboração e construção de um memorial que organize e apresente os documentos, atas e fontes iconográficas do GRECPEF a fim de preservar e apresentar a memória material do clube.

Excluído: ¶

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. M. B. As invenções do corpo: modernidade e contra modernidade. **Motriz**, jan. – jun. 2001, vol. 7, n, 1, p. 33-39.

BARATA, J. N. Camponeses, pedreiros e educadores: limites explicativos de teoria e prática. In:____, **Educação Profissional: saberes do ócio ou saberes do trabalho?** São Paulo: SENAC, 2004.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BILAC, E. D. **Famílias de Trabalhadores:** Estratégias de Sobrevivência. São Paulo: Símbolo, 1978.

BRACHT, V. Produção e veiculação do conhecimento acerca do esporte no Brasil: análise crítica e perspectivas. In_ **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, Uberlândia – MG, v. VII, 1991.

BRIGATTI, M. E. O tempo como elemento diferenciador entre jogo e esporte.
In_ **I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**,
Campinas, 1994. p. 92 - 97

CAMARGO, L.O.L. **O que é lazer**. S. Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTELLANI, L, **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**.
Campinas: Papirus, 1988.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

DEAN, W. **Rio Claro**: um sistema brasileiro de grande lavoura – 1820 – 1920.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DINIZ, D. **Rio Claro e o Café**: desenvolvimento, apogeu e crise (1850 – 1900).
Tese (Doutorado em História) – Departamento de Ciências Sociais, Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1973.

DUBET, F. A idéia de sociedade. In: _____. **Sociologia da experiência**. Tradução
de Fernando Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p. 41-50

Excluído: rançois

DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre:
PUC-RS, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FITTIPALDI, F. C. O teatro: síntese histórica. In_MACHADO, I.L. (Org.) **Rio Claro Sesquicentenária**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1978.

FINCK, S. C. M Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem. In_ **I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**, Campinas, 1994. p. 40-46.

FOUCAULT, M., **Vigiar e Punir**, Petrópolis: Vozes, 1987

Formatado: Fonte: Negrito

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**, Rio de janeiro: Edições Graal, 1984

Formatado: Fonte: Negrito

GARCIA, L. B. R. G. **São João do Rio Claro: A aventura da colonização**. 2001. Tese (Livre Docência)- Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

GARCIA, L. B. R. **Rio Claro e as oficinas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro: trabalho e vida operária 1930 – 1940**. 1992. Tese (Doutorado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1992.

GEBARA, A. Esporte: cem anos de história. In_ **III Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**. Curitiba, 1995.

GOELLNER, S. V. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 79-86, julho/dezembro, 2005.

GRIFI, G. História da Educação Física e do Esporte. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1989

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Por Alegre: Bookman, 2001.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In___ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MARQUES, F.A.O. Uma dimensão esquecida: o corpo. Estudo do conceito de corpo humano dos professores da escola pública. In___ **V Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, Maceió, 1997, p. 408-415.

MARRACH, S. A. **Visão do Mundo dos Ferroviários Aposentados**. 1983. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Campinas, 1983.

MARRACH, S. A. A Formação Social da Cidade:1876-1970. **Jornal Diário do Rio Claro**, p. 28, 2007.

Formatado: Fonte: Negrito

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de historia oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NISBET, R.A. Comunidade. In_ **Sociologia e Sociedade**. Orgs: Marilice Mencarini e outros. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

O GREMIO E SUA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO À VIDA ESPORTIVA RIOCLARENSE. **Jornal o Diário de Rio Claro**, s/d.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. Corpos em metamorphose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações sobre corpos na atualidade. **Revista Digital E. F. Deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 79, Dezembro de 2004.

PILATTI, L. A.; HIRATA, E. Modernidade e a indústria do entretenimento: o produto esporte moderno. **Revista Digital E.F. Deportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 104, Janeiro de 2007.

PILATTI, L.A. Dimensões do esporte e do jogo. In_ **I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**, Campinas, 1994. p. 103-109.

PINTO, L.M.S. A legitimidade do moderno sentido de Esporte: um olhar sobre a história do esporte no Brasil. In_ **IV Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**. Belo Horizonte, 1996. p. 127-131

QUEIROZ, O. T.M.M. **O desenvolvimento do lazer em Rio Claro**. Rio Claro, 1986. 175p. (Trabalho de Graduação em Geografia e Estágio de Iniciação Científica apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Campus de Rio Claro).

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt

Formatado: Justificado,
Espaçamento entre linhas:
Duplo

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt, Negrito

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

Excluído: ¶

RODRIGUES, M.A.A. Pesquisando a história do esporte clubístico: um estudo de caso. In_ **I Encontro Nacional de História da Educação Física e do Esporte**, Campinas, 1994. p. 125-134.

RODRIGUES, E. A “docilização” do corpo no cristianismo de Paulo a partir de Foucault. **Margens**. Ano 2, n. 4, setembro de 2006.

Formatado: Fonte: Negrito

SANTOS, F. A. **Rio Claro**: uma cidade em transformação (1850 – 1906). São Paulo: Anablume - FAPESP, 2002.

SELTITZ; JAHODA; DEUSTSCH; COOK. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Heder, 1967.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno Cedes**, ano XIX, n. 48, agosto 1999.

TENCA, A. **Nos trilhos da memória**: racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de velhos trabalhadores, ex-alunos do curso de ferroviários da companhia paulista de estradas de ferro. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

UGARTE, M.C.D. O corpo utilitário: da revolução industrial à revolução da informação. **Mesa redonda no IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Ponta Grossa, novembro de 2005.

VALDANHA, A. João Rehder Neto: o tigre brasileiro. **Revista Digital E. F. Deportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 96, maio de 2006.

VALDANHA, A.; GNECCO, J. R. Rio Claro: cidade do esporte. In_ **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: , 2004.

|

Excluído: ¶

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, L. M. B. Comunidade e Sociedade: conceito e utopia.

Revista Raízes, São Paulo, nº. 20, p. 50 – 53, 1999.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FAUSTO, B. Imigração: Cortes e Continuidades. In **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Orgs: Fernando A. Novais e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FERREIRA, L. S. **Racismo na “família ferroviária”**: brancos e negros na Companhia Paulista em São Carlos. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2004.

FREITAS, S. M. **Reminiscências**. São Paulo: Maltese, 1993.

Formatado: Fonte: Negrito

JUNIOR, H. F. **A dança dos Deuses**: Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Formatado: Fonte: Negrito

QUEIROZ, Odaléia T.M.M. **O desenvolvimento do lazer em Rio Claro**. Rio Claro, 1986. 175p. (Trabalho de Graduação em Geografia e Estágio de Iniciação Científica apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Campus de Rio Claro).

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt

Formatado: Justificado,
Espaçamento entre linhas:
Duplo

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt, Negrito

Formatado: Fonte: (Padrão)
Arial, 12 pt

SHAFF, A. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Formatado: Fonte: Negrito

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes Européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

APÊNDICE 1**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS**

Excluído: ¶

1. Quando o Sr. começou a trabalhar na CPEF, quais foram suas funções e por quanto tempo trabalhou lá?
2. Como o Sr. descreve a sua vida como ferroviário, no tempo em que trabalhou na CPEF?
3. Quais eram as oportunidades de lazer, passeios e diversão, para os ferroviários da CPEF, em Rio Claro?
4. O Sr. é sócio do GRECPEF? Desde quando? Fez parte de alguma diretoria?
5. O Sr. praticava esportes no GRECPEF? Fez parte de alguma equipe?
6. Quem eram os sócios do GRECPEF?
7. O que o Sr. pode me contar acerca da história do Grêmio?
8. Como o Sr. vê o papel do GRECPEF no esporte de Rio Claro?
9. Como o Sr. descreve a convivência entre os associados do GRECPEF? E do GRECPEF com a cidade?
10. Do seu ponto de vista, quais foram os momentos mais significativos da história do GRECPEF?
11. O Sr. gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere importante, a respeito da história do GRECPEF e dos esportes em Rio Claro?

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Senhor,

Estou realizando uma pesquisa acerca da História do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e sua importância no trato do tempo livre do ferroviário. Para tal, peço a sua colaboração no sentido de me conceder uma entrevista a respeito desse assunto. Os resultados desse estudo serão utilizados na minha dissertação de mestrado.

Quero lembrá-lo que a qualquer momento o senhor poderá retirar seu consentimento livre e esclarecido, ou deixar de participar desta pesquisa, sem qualquer penalização.

Peço que autorize a identificação de seu nome em apresentações do trabalho, no entanto, na redação final será utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Assim, preciso do seu consentimento para que possa, posteriormente, publicar dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração, em duas vias, que segue abaixo.

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Américo Valdanha Netto

Orientando

Av.: 7 número 1502 – Jardim Claret

CEP: 13503 – 270 – Rio Claro – SP

19 – 35249487

Samuel de Souza Neto

Orientador

Av.: 24 A, número 1515 – Bela Vista.

CEP: 13506 – 900

19 - 35264320

APÊNDICE 3

Depoente “Antonio Araújo” (aposentado em 1966)

Excluído: Z

E: Bom dia Sr. “Antonio”

Excluído: Z

A: Bom dia!

E: Primeiramente eu gostaria de saber quando foi que o Senhor começou a trabalhar na Companhia Paulista de Estradas de Ferro?

A: Eu comecei, eu sou formado pelo curso ferroviário, depois. Começou como curso ferroviário, posteriormente passou a ser SENAI ferroviário. Eu sou formando de 47 e 48 eu comecei a trabalhar nas oficinas.

Excluído: Senai

E: E qual foram as suas funções dentro da Companhia?

A: Minha função, eu sou formado no SENAI como mecânico ajustador, e exerci a função, cheguei... Fiz uma carreira, fui auxiliar de chefe de seção e daí me aposentei em 66 como chefe de seção.

Excluído: Senai

E: Em seu tempo de ferroviário, como é que o senhor descreve o tempo que o Sr. trabalhou na ferrovia?

A: em que sentido?

E: Assim, era algo prazeroso...

A: AH! Era! Fazia o que gostava, e naquela época, na companhia paulista principalmente, o empregado ele tinha um carinho por aquilo. Ele se considerava como um dono era prazer já, de trabalhar no tempo da companhia paulista. Eu fiz, por exemplo, por que gostava minha profissão, eu sempre gostei, meu trabalho foi sempre prazeroso.

E: O pai do Sr. era ferroviário?

A: Meu pai era ferroviário também

E: O Sr. me disse que o Sr. começou na companhia a partir do cursinho da paulista...

A: 44, em 1944 eu entrei no curso.

E: que depois virou o SENAI?

Excluído: Senai

A: Depois virou SENAI, dentro do... Começando como curso ferrovia e depois, segundo ano.. No começo o curso ferroviário seguia as normas da escola profissional, que hoje é industrial. O professor que davam aula na escola

Excluído: Senai

profissional também dava lá. Lá era escola ferroviária e aqui era curso profissional. Na ocasião, eu antes de entrar lá, eu fiz dois anos aqui. Eu fiz o vocacional, que é o primeiro ano e a seqüência. Em 44 eu passei para o curso ferroviário.

E: O senhor chegou a aprender parte da sua função na companhia paulista com o seu pai? Ou eram cargos diferentes, funções diferentes?

A: Funções diferentes

E: Mas, assim, por curiosidade, o fato do seu pai ser ferroviário, influenciou o senhor?

A: Influenciou. Principalmente, ele.. Na época aqui em Rio Claro era difícil o trabalho, você deve saber nós tínhamos três indústrias mais ou menos forte que era a companhia paulista, a caracu e o Matarazzo. Eram as três indústrias que na época mantinham Rio Claro.

E: O senhor tem mais irmãos?

A: Nós somos em três irmãos, o mais velho é falecido.

E: Todos Ferroviários?

A: Só o mais velho, o mais novo não.

E: Certo. Lembrando ainda do tempo do Sr. de ferroviário, o Sr. consegue se lembrar quais eram as oportunidades de Lazer, diversão que vocês como ferroviário tinham?

A: Nossa principal fonte de lazer era o Grêmio Recreativo. Era, na época, a gente, principalmente eu, eu passava o meu tempo de fora quase todo no grêmio. Que era a pista de ... Depois que foi construída a piscina, aí então passou a melhorar mais ainda o lazer. Aquela piscina ela foi construída em 19.. Foi inaugura nos jogos abertos de 1949. Então dali pra frente à gente ia nas horas vagas. Eu brincava de basquete, de futebol, a gente tinha vôlei também, a gente brincava, era só lazer e natação. E tinha a pista de atletismo, hoje nem sei se tem, tinha uma pista de atletismo em volta do campo d futebol, e também a gente de fim de semana a gente fazia os exercícios por lá. Fora eu, a maioria, boa parte dos ferroviários, principalmente jovens naquela época freqüentava isso aí. E os bailes né, que era o mais gostoso.

E: Então o Sr. é sócio do Grêmio.

A: Sou sócio do Grêmio desde 1947. Então estou completando quase 60 anos, e sempre freqüentei o grêmio. Fui diretor por.. Fui tesoureiro, fui presidente do Grêmio.

E: Que período?

A: Fui presidente do Grêmio no ano de 70 a 74, inclusive aquele parque balneário é da minha gestão.

E: Aonde tem as outras piscinas?

A: Aonde tem as outras piscinas. Só tinha a chamada semi-olímpica ali né. O resto, a outra parte do balneário, foi na minha gestão

E: O Sr. conseguiria lembrar, me descrever, assim, um pouco, das atividades do Grêmio. Sociais, esportivas, que o Sr. freqüentou quando o Sr. iniciou?

A: O grêmio, no mês de junho, o grêmio costumava fazer uma festa junina, muito divertida, a gente lembra com saudade. Hoje não se faz mais nada disso. Mas eram os bailes que a gente gostava e a parte recreativa, a natação, o esporte que a gente praticava. Naquela ocasião, o Grêmio também disputava, tinha um time de basquete, também disputava o campeonato da cidade. Era uma grande rivalidade com o time do bandeirantes. A quadra do Bandeirantes era aqui na rua dois entre avenida dois e 4 se não me engano, era a quadra do bandeirantes. Naquela época existia muita rivalidade entre Grêmio e Bandeirantes.

E: Então o Sr. chegou a praticar esporte no clube?

A: Cheguei a praticar, não como... Como recreação

E: Não como atleta

A: Não como atleta, só recreação. Eu participava, já estava no meio. Então às vezes passava algum elemento, entrava pro treino com a turma lá. Mesmo como time de basquete do grêmio.

E: Além do basquete o Sr. se lembra quais eram as outras modalidades que o Grêmio tinha força. Que o grêmio representava com força.

A: Não, o Grêmio passou a representar, isso devido ao Bonerges que já é falecido, o Bonerges Borges, o pedestrianismo. Foi ele quem criou, na gestão do meu irmão, Nelson Araújo, foi ele quem criou essa prova no mês de aniversário, de Agosto, que o Grêmio faz todo ano.

E: O Sr. lembra em que ano, mais ou menos, o período, a década?

A: Década foi, acho que no fim de 60, por aí, nos anos 68, por ai mais ou menos.

E: A bocha Sul americana, também era muito forte?

A: Também era muito boa, muito competitiva, inclusive o Grêmio ficou campeão varias vezes, disputava... O grêmio, esse esporte não tinha campeonato na cidade, era disputado intermunicipal, inclusive São Jose do Rio Preto, São Paulo. Todo ano era disputado um campeonato.

E: O Sr. se lembra, ao que entendi, as equipes do Grêmio competiam de maneira de igualdade com as equipes de Rio Claro. O Sr. se lembra das equipes do Grêmio representando a cidade de Rio Claro?

A: Somente o Bocha sul americano e o basquete, quando existiu, também às vezes faziam jogos amistosos, fazia jogos pra fora.

E: Entendi. Sr. Antonio, na época que o Sr. entrou de sócio do clube, quem eram os sócios do clube?

A: Sócio tinha, eu posso até citar o presidente, o presidente na época era o Sr. Antonio Quaresma, naquela época tinha, hoje são todos falecidos, a diretoria daquela época hoje são todos falecidos. Mas tinha o Francisco Bortolom, o Burato, que também era... Qual o nome dele? ... Só sei que o sobrenome é Burato. O Benetido Guilherme. Todos esses eram diretor da época no Grêmio.

E: O Grêmio era formado, em seu quadro de sócios, apenas por ferroviários?

A: Não ! O grêmio sempre foi formado por classe ferroviário, denominado "A", e não ferroviário, denominado "B".

E: Então, em toda a sua historia o Grêmio sempre teve duas categorias...

A: Sempre teve!

E: ... Nunca foi exclusivo dos ferroviários.

A: Sempre teve as duas categorias. Inclusive até os anos 65, se não me falha a memória, o sócio "B" tinha 1/3 do conselho deliberativo. Aí, por motivos políticos, a sociedade excluiu essa parte do "B"

E: Aproveitando esse momento de lembrança, conta para mim um pouco do que o Sr. sabe sobre a historia do Grêmio.

A: Bom, a historia do Grêmio. O grêmio foi formado por um grupo de ferroviários, e outro que não ferroviários, os Timoni, não eram ferroviário. E o Grêmio foi formado para dar um divertimento para o Ferroviário, entende. Era o principal... O principal divertimento do Grêmio era o baile social. Baile, depois começou com show. Ai seguiu a vida do Grêmio.

E: Como o Sr. enxerga o papel do Grêmio dentro da história do Esporte de Rio claro?

A: Eu não vejo assim, a não ser na época que deu uma força para o Rio Claro futebol Clube, aí eles tinham o privilégio. A companhia Paulista dava até emprego para os atletas que vinham pra jogar pelo Rio Claro Futebol Clube. A única coisa que eu vejo que o Grêmio patrocinou, colaborou, foi nessa parte. Agora, os demais esportes foi sempre recreativo, nunca houve, a não ser o pedestrianismo que já contei do Bonerges, mas o treinamento era de rua, essa maratonas, então era tudo de rua.

Não vejo, não vejo o que nessa parte o Grêmio colaborou.

E: Lembrando de Rio Claro, em geral, 47, começo da década de 50, além do Grêmio tinham em Rio Claro outros lugares para a prática dos esportes que o Grêmio proporcionava?

A: Bom, não. Acho que não. Tinha o Koeller, as piscinas do Koeller, onde pouca gente, a turma vinculada à escola que participava. A não ser os campeonatos de futebol, na época era amador, varzeano, depois passou a amador. Tinha muito divertimento não.

Existiam outras sociedades, mas dançantes, como a Filarmônica, o Grupo Ginástico, mas naquela época também, no Ginástico existia uma quadra de bocha. Era a única coisa que o Ginástico tinha naquela ocasião. Também, outra parte esportiva. Posteriormente que o Ginástico foi criando certos departamentos e foi crescendo. Depois veio o clube de Campo.

E: Como o senhor descreve, nas suas lembranças, a convivência entre os associados do Grêmio.

A: Ah! Muito boa né! Sempre foi bem cordial, foi sempre, era o divertimento, era a alegria da turma. Eu mesmo fiz muitas amizades lá, fiz muitas amizades!

E: Não existia problemas, assim, entre ferroviários e não ferroviários?

A: não! Nunca existiu!

E: E a relação do Grêmio com Rio claro, com a cidade de Rio claro?

A: Uma das maiores colaborações da sociedade para a cidade de Rio claro, que Rio claro, o Grêmio faz parte da vida, do dia a dia de Rio Claro.

E: Em seu ponto de vista, no que o senhor se lembra, quais foram os momentos mais significativos na história do Grêmio?

A: Cada um tem... Cada pessoa tem o seu. Eu por exemplo, conheci minha esposa lá, casei com ela, conheci ela dentro do Grêmio, e a gente convive. É uma das coisas da minha vida é essa, uma das principais, foi conhecimento, aonde nos se conhecemos, ela gostava de baile e eu também gostava e nós, começamos o namoro e casamos.

E: E no clube, na historia do clube. Por exemplo, o Sr. já me citou lembrando com saudade dos bailes juninos, quais as outras coisas que o senhor se lembra?

A: Naquela época, toda que, sempre foi... A gente gostava daquilo lá, então não tinha, a gente participava de tudo entende. O que, os eventos, os carnavais, a coisa mais gostosa que existia, hoje mudou tudo né! O carnaval de outrora era muito mais gostoso. Hoje não dá nem vontade de assistir nada.

Excluído: a

E: Bem seu Antonio, agora é um momento que eu deixo livre para o Sr., onde se o Sr. quiser dizer mais alguma coisa, algo que o senhor queira falar sobre o Grêmio, sobre o esporte, sobre as relações do Grêmio, sobre a Companhia Paulista, o que o Sr. gostaria de acrescentar nessa entrevista.

A: Quanto a Ferrovia infelizmente nós não podemos falar mais nada. A não ser o transporte de carga que está muito... O resto, à parte de viagens, de trem de passageiro acabou, que era uma alegria do ferroviário. Aquilo era um divertimento da gente também, a gente vivia viajando. Era fácil, hoje já se torna mais... Não tem esse modo de transporte.

Quanto ao Grêmio, o Grêmio hoje vive de uma época nova, entende? Já eu não frequento tanto o grêmio hoje, porque ele não me atende o que eu gosto, hoje o grêmio é mais voltado à mocidade. Então, para você ver, mudou-se a parte social, à parte de baile. Hoje não é como meu tempo de baile, eu sou do chamado tempo dourados, dos anos 40, 50 e 60, foi onde foi minha mocidade. Hoje não tem nada, a não ser um baile raro ou outro, que vem uma orquestra, também hoje tá difícil, hoje é só conjunto, é só barulho. A parte eletrônica, eu acho que acabou essa saudade que a gente tem. Antigamente a parte eletrônica era menos, era insignificante. Então as orquestras vinha aqui, os músicos tinham que tocar, soprar, tocar. Hoje não, hoje você... É fita, é não sei o que, é tudo aparelho eletrônico, mudou. Até os modelos de musica mudou. Então, nessa parte aí eu fui me afastando. É raro, eu sou sócio remido aqui, também do Ginástico, hoje às vezes eu venho um pouco mais aqui do que lá, e sou gremista de coração. Mas em fim, a gente só vive agora de saudade.

Excluído: '

E: O senhor se lembra da construção da pista de dança do clube?

A: Ali teve uma reforma, não sei se guardaram umas fotografias antigas. Era completamente diferente. A entrada do Grêmio era pela avenida 10, tinha uma, antigamente tinha até uma creche, a turma levava os filhos. Tinha uma salinha lá que você deixava as crianças.

E: Dia de baile?

A: Dia de baile! E o casal ia dançar. Depois começou essa reforma. A estrutura hoje, também já mudaram um pouco, nessa reforma nova, mas a frente é a mesma, desde quando foi modificado. Que foi modificado. Até quem terminou aquilo lá foi na gestão do meu irmão, do Nelson Araújo, nos anos 63, 64. Ali a pista foi modificada. Hoje aumentaram mais pouquinho, nessa nova reforma, mexeram mais um pouco. Foi mais ou menos aí.

E: Sr. “Antônio”, existe algum nome que o Sr. gostaria d indicar para que eu também fizesse uma entrevista, alguma pessoa que pode colaborar com meu trabalho?

Excluído: Z

A: Deixa eu lembrar. Dos momentos atuais você, já citou, você tem o Jose Roberto e tem o Jose Roberto, que são os últimos presidentes. O Jose Renato é o atual e o Jose Roberto é o ex-presidente. Agora se você quer de uma faixa mais antiga, quem poderia também te ajudar, mas infelizmente já faleceu, é meu irmão Nelson. Ele também poderia, ele é um pouquinho mais velho do que eu, mas infelizmente já morreu. Deixa eu ver se lembro alguém que é vivo ainda. Assim de momento é...

**E: O Sr. tem meu telefone, a gente vai estar se encontrando, se o Sr se lembrar à gente pode estar falando mais.
Quero agradecer ao Sr., foi muito bom...**

A: Ah! Uma coisa que eu gostaria de mencionar, que é importante pro Grêmio, é o seguinte. O Grêmio deve ter hoje um pouco mais de oito mil ou um pouco mais de associado, e o ferroviário é mínimo. Hoje a classe ferroviária esta em extinção. Então o Grêmio hoje é tocado pelo sócio “B”, é o sócio “B” que toca o Grêmio, e não tem direito a nada.

E: Está ótimo! Muito obrigado “Sr. Z”

A: Disponha, estamos sempre a disposição. É um prazer falar do Grêmio, e da Companhia Paulista.

Ao final da entrevista, em uma conversa informal, entre os vários assuntos tratados, o Sr. “Antônio” me contou sobre o sistema de eleições do Grêmio.

Excluído: Z

Ele afirma que até as eleições de 1970 o candidato a presidência do clube era indicado pelo engenheiro chefe da CPEF. Esse era sempre um funcionário das oficinas e recebia todo o apoio do conselho do clube

Sr. “Antônio” afirma que em 1974, ano em que foi eleito, o engenheiro responsável, Sergio Massa, ficou contrariado com o resultado das eleições, quando o candidato que ele indicou não venceu, quebrando assim a tradição e a ligação do Grêmio com a CPEF. Esse momento é marcado pela retaliação

Excluído: Z

praticada pelo engenheiro, que passou sua insatisfação para o ambiente de trabalho, além de mandar retirar do Grêmio tudo o que era de propriedade da CPEF e estava sendo utilizado pelo Clube. Essa eleição marca o fim da influência direta da CPEF na organização do Grêmio de seus funcionários.

Excluído: retaliação

APÊNDICE 4

Depoente “José Renato Gonçalves” (aposentado em 1994)

Excluído: X

E: Boa tarde Sr. “José Renato”

Excluído: X

J: Boa Tarde

E: Primeiramente eu gostaria de saber, quando foi que o Sr. começou a trabalhar na Companhia Paulista?

J: NA Companhia Paulista em 1970, no dia 18 de Julho. Mas antes eu fiz o curso do SENAI da Companhia Paulista e iniciei em fevereiro de 67.

Excluído: Senai

E: O Sr. trabalhou a te quando?

J: Me aposentei em 18 de Junho de 94

E: E suas funções lá, quais foram?

J: Eu trabalhei como auxiliar de escritório, embora tenha me formado ajustador, por um problema físico, um problema de coluna, eu não trabalhei na função. Trabalhei como auxiliar de escritório, depois eu fui correspondente datilógrafo, auxiliar administrativo, técnico de cursos, encarregado de produção de borracha, foi uma guinada que eu dei de 180 graus na minha carreira. Sai da parte administrativa e passei a trabalhar com borracha, fiz um curso de especialização do ITP. Passei a trabalhar com produção de peça de borracha, que atendia toda a FEPASA já, nesse época já era FEPASA. Isso foi em 86. Depois eu passei para supervisor, que abrangia a área de borracha, ferramentaria, tornearia e rodeiro. E aí me aposentei !

E: por curiosidade, o seu pai era ferroviário?

J: Era ferroviário!

E: Parte de seu ofício, aprendeu com ele?

J: Não, ele se formou no SENAI, se formou ajustador mecânico, e por coincidência também não trabalhou como ajustador mecânico. Ele trabalhava como eletricitista. Se aposentou como eletricitista.

Excluído: Senai

E: Como é que o Sr. descreve a sua vida como ferroviário?

J: Foi uma vida difícil, porque como a maioria das empresas estatais, também era um tremendo cabide de emprego, nem sempre a dedicação que o funcionário tinha era reconhecida. Passei a perceber isso de uma forma mais contundente quando assumi uma posição de chefia, e eu tinha uma força muito grande para punir e não tinha força para promover. A gente acabava por fazer

concessões aos bons funcionários, do tipo, dar um saída para eles resolverem um problema no banco, e coisas desse gênero, para poder premiar por serem bons funcionários. Porque não tinha uma política de promoção que a gente pudesse dar mérito aqueles que tinham realmente valor.

A política ferroviária no Brasil, sempre ficou em segundo plano. A política rodoviária, o lobe rodoviário era muito mais forte. Isso levou com que os governadores, com que os próprios presidentes da república, deixassem marginalizada a ferrovia, e isso levou a um sucateamento, que nos podemos ver hoje. Agora, na mão da iniciativa privada, tanto é que os governos entregaram as ferrovias para a iniciativa privada, porque elas estavam em um estado tão ruim de conservação, que nós não tínhamos condição nenhuma de dizer que isso tem um determinado valor.

Apenas como estatística, é interessante a gente ter isso, eu sei disso porque eu sempre gostei muito da ferrovia. Mas um litro de diesel na rodovia você transporta 5 toneladas, na ferrovia 55 e na hidrovia 240. Um país onde tem tantos rios, que nem nos temos, que são navegáveis, e tem a ferrovia, a malha ferroviária que o Brasil tem, não podia ter priorizado a malha rodoviária de maneira nenhuma. Até por uma questão de sobrevivência, uma questão de custo.

Mas a ferrovia vai crescer, na mão da iniciativa privada vai, porque não depende de investimento de, do estado. Aí não tem lobe, é o administrador cuidando do negocio dele. A responsabilidade dele é maior porque ele quer ter lucro, e a ferrovia vai dar lucro! Com toda certeza. Já ta dando lucro, mas a partir do momento em que eles conseguirem deixar a ferrovia do jeito que querem deixar, e vão deixar, nós vamos ter uma diminuição muito grande nas rodovias. Não que vai acabar o caminhão! Não é isso. O caminhão vai ser para pequenas distancias, onde a ferrovia não vai abranger, até porque não dá para ter ferrovia em tudo quanto é lugar, mas os depósitos, os terminais, alguns lugares ainda vamos ter caminhão, mas esses caminhões que rodam aí de um estado a outro, com certeza vai diminuir muito. Até porque o custo do transporte, é muito alto comparado com a ferrovia.

E: Do que o Sr. se lembre, quais eram as oportunidades de lazer, passeio, diversão, que vocês como funcionários da Companhia Paulista tinham?

J: Promovido pela empresa, nenhuma. No final, agora, questão de poucos antes de eu me aposentar, eu diria uns 6 anos antes de eu me aposentar, por iniciativa nossa mesmo nós criamos uma quadra de esportes lá dentro, em um espaço cedido pela ferrovia. Não foi tão recente assim não, foi um pouco mais, um tempo mis anterior. Na época o presidente da ferrovia era Chapique Jacó. Ele nos concedeu por comodata uma área, que já tinha sido utilizada pela então escola SENAI. Nos passamos a dividir esse espaço com a escola SENAI, porém todas as melhorias feitas lá foram por nossa conta. Nos ali fizemos sauna, compramos mesa de sinuca, fizemos um campo de futebol, tinha ali um espaço de vôlei de areia. Coisas assim que nos acabamos se envolvendo com a assistente social da ferrovia. A participação da assistente sócia da ferrovia, Maria do Carmo, incentivou muito. E ela passou a promover alguns eventos durante o ano, visando reunir os ferroviários.

Excluído: Senai

Excluído: Senai

E: O Sr. é sócio do Grêmio da Companhia Paulista desde quando?

J: Eu sou sócio remido. Fiquei sócio em 1970, como sócio titular, mas desde criança meu pai já foi sócio, eu participo desde muito menino.

E: Atualmente o Sr. é o presidente do clube. Antes de ser presidente o Sr. já participou de alguma diretoria ?

J: Eu fui diretor secretario de 74 a 76, ainda solteiro, na época eu era solteiro. Depois, em 87 eu fui eleito conselheiro, cumpri 6 anos no conselho, fiquei 2 anos fora por problemas particulares que eu tive. Depois eu voltei ao conselho em 97, melhor 95 eu voltei ao conselho. Fiquei de 87 a 93, depois eu voltei em 95, é isso.

E: O Sr. pratica dentro do clube, algum esporte?

J: Com certeza, principalmente o futebol, que era o esporte mais praticado. Futebol e futebol de salão. Acho até que o futebol de salão mais do que o futebol de campo, porque a gente tinha um grupo que se reunia todas as terça feiras, em fim, por volta das 19:00 h, mais ou menos, no clube, depois do trabalho. Jogava mais ou menos uns 10 minutos, tinha 3 equipes que fazia um revezamento, jogava e quem perdia ia saindo. Jogávamos até nove, nove e pouco. Depois, tomávamos uma cervejinha e íamos embora.

E: Quem eram os sócios do Grêmio?

J: como assim?

E: Os sócios eram apenas ferroviários?

J: Não, na época em que eu tenho lembrança, já existiam os ferroviários e os não ferroviários. Isso já é bem antigo, não é coisa recente, mas não foi muito depois da fundação que aceitaram os sócios não ferroviários. O que acontece é que não havia muito interesse, o clube era muito pequeno. Tudo que fazia era com muito sacrifício. Era difícil até a manutenção. Chegou época, aqui no Grêmio, que a receita do clube era destinada exclusivamente a pagar a banda que tocava aí para fazer os bailes. Era, foi mais ou menos assim.

A história conta que foram feitas campanhas para fazer a piscina, para comprar azulejo para a piscina. Tudo isso foi através de campanhas entre os ferroviários e os não ferroviários também, que ajudaram, colaboraram.

E: Qual a relação entre o Grêmio e a Companhia Paulista?

J: Na realidade, isso foi uma iniciativa da Companhia Paulista. Não da Companhia Paulista administrada pelo governo. Que com certeza foi a pior coisa que aconteceu na vida da Companhia Paulista, ela ter sido encampada pelo governo. Mas na época que as empresas ainda dominavam a ferrovia, ou eram proprietária da ferrovia, haviam uma política européia, e isso pode ser comprovado facilmente. Nos podemos analisar assim, havia a companhia paulista em Jundiaí, que era a sede da Companhia Paulista, e em Rio claro.

Em Jundiaí, foi fundado um Grêmio Recreativo, que existia até hoje, igual ao Grêmio Recreativo de Rio Claro. E Jundiaí tinha também o Paulista Futebol Clube, que também foi formado pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro, inclusive, o estádio lá de Jundiaí chama Jaime Cintra, uma homenagem a um ex presidente da ferrovia que foi Jaime Cintra, como a escola do SENAI de Rio Claro se chama Jaime Cintra também.

Excluído: Senai

E: O sr. estava falando para mim sobre as relações entre Grêmio e Companhia Paulista.

J: Essa era uma política que dá claramente para se ver. E não só da Companhia Paulista, outras ferrovias também tiveram esse caminho. Em Araraquara tem a Associação Ferroviária de Esportes, lá é uma outra companhia ferroviária, mas também tinha essa mesma visão, também de origem européia, mais ou menos e a coisa fica por aí, também foi formada pela ferrovia.

Só que a Companhia Paulista, na época, ela adquiriu o terreno, fundou o Grêmio, em conjunto com alguns ferroviários, e depois da fundação ela passou a ajudar muito. Porém, os funcionários normalmente terminavam o expediente no trabalho, e vinham pra cá para trabalhar. Vinham fazer as obras que eram necessários para deixar o clube em condições de uso.

Eu diria até, que traçando um paralelo, igual a quadra que nós formamos lá dentro do terreno da própria ferrovia.

Isso foi crescendo, e sempre com essa participação, com muitos materiais fornecidos pela companhia Paulista, normalmente funcionava assim, a companhia oferecia o material, e a mão de obra era feita pelos próprios funcionários. E as vezes até a mão de obra era em horário de trabalho. Era comum sair caminhão lá de dentro carregando material, e os próprios funcionários da Companhia Paulista faziam o serviço aqui.

E: Então existia por parte da Companhia Paulista um incentivo para o desenvolvimento do Grêmio.

J: exatamente, existia, existia...

E: Apesar do Grêmio não ter um vínculo institucional com a Companhia Paulista

J: O Grêmio, embora fosse uma sociedade independente, com vida própria, ele era basicamente sustentado pela companhia paulista. Só chegou aonde chegou graças a esse empurrão logo no início, da companhia paulista.

Isso, para se ter uma idéia, isso durou até 1970, e já nas mãos do governo estadual, aí eu acho que sem autorização do próprio governo, mais por iniciativa dos próprios administradores aqui da oficina de Rio Claro, do horto florestal também, porque muita coisa que foi feita aqui foi com a colaboração do horto também, não só das oficinas. Eles também vinham pra cá, trazer material, davam mão de obra. E depois do expediente era comum, os funcionários virem pra cá e trabalharem no sistema de mutirão pra fazer as obras que eram necessárias.

Depois de 1970, quando houve aqui uma eleição, e normalmente os presidentes aqui eram indicados pelo gerente das oficinas, aí entra um pouco na política. Naquele ano não ganhou o presidente indicado pelo chefe das oficinas, na época o engenheiro Sergio Bastos, não foi o indicado dele que ganhou, e em função disso os laços foram rompidos, o cordão umbilical foi cortado. O Grêmio passou então a ter vida própria, sem nenhuma colaboração direta da Companhia Paulista.

Logo depois também, a Paulista se Transformou em FEPASA, em 71, foi logo depois.

E: Então, até esse período, começo de 70, os presidentes, apesar do Grêmio ter vida própria, tinha uma indicação por parte do engenheiro chefe da Companhia Paulista.

J: nem sempre isso era uma determinação dele, as vezes isso era negociado. Ms geralmente eram supervisores, encarregados de seção, eu exerciam. Normalmente supervisores, que exerciam a função de presidente do clube.

E: hoje em dia o Grêmio não tem nenhuma relação com a Ferrobam?

J: Nesse aspecto não, nesse aspecto nenhum. A não ser Se o associado que são da ferrobam, continuam fazendo parte. Porque o estatuto fala em funcionário da companhia paulista e subsidiárias. No caso FEPASA foi quem substituiu, a Ferrobam também substituiu a ferronorte. Porque aqui em Rio Claro existia uma miscelânea, não é só uma empresa ferroviária que trabalha aí nas oficinas, tem duas ou três empresas. Ferrovia Brasil, Ferronorte, tem varias empresas trabalhando ai dentro. Parece que a Ferrobam, ela mantem o nome apenas por causa do convenio, me parece que ela esta dividida em outra ferrovias.

E: Aproveitando o gancho histórico, me conte o que o Sr. tem conhecimento sobre a história do clube.

J: Mais ou menos o que eu já falei, sempre teve dessa forma. O que caracterizou o Grêmio Recreativo, até hoje, isso foi uma marca que eu sempre costumo ressaltar isso, é que o Grêmio, em função até da política dos associados, o Grêmio sempre procurou fazer... toda diretoria que passou por aqui, procurou fazer alguma coisa nova, desenvolveu alguma coisa. Isso era cobrado pelos próprios associados ferroviários. Então isso desenvolveu esse espírito que predominou e fez com que o Grêmio nunca parasse de se desenvolver. O Grêmio sempre foi se desenvolvendo. Tanto é que hoje a gente tem a intenção de comprar mais áreas aqui próximas ao clube pra poder continuar desenvolvendo. Fazendo algumas coisas que a gente tem necessidade de fazer.

Esse espírito empreendedor do ferroviário fez com que o Grêmio fosse hoje, sem sombra de duvida, o maior clube da cidade, da região até, com um valor de mensalidade abaixo de outros clubes, embora esse ano o pessoal reclamou do aumento da mensalidade, eu tenho aí um jornal que trouxe o valor de mensalidade dos clubes, o Grêmio ainda é uma das mensalidades mais baratas. E promove tudo isso.

Porém, voltando a falar sobre aquela história, o que marcou a história do Grêmio foi um início muito difícil, onde o próprio ferroviário se uniu, não foram todos, mas foi uma grande parcela. Os ferroviários se uniram na Intenção de fazer esse clube ferroviário, e fizeram. Até 1970 muita coisa foi feita pela Companhia Paulista, muita coisa também já as despesas do próprio clube nessa época já tinha condição de fazer. Porém, ainda tinha o cordão umbilical, ligado a paulista. A partir daí rompeu.

Entendo eu que depois que rompeu, se desenvolveu mais rapidamente, porque não ficou dependente do que vinha de lá'. Passou a ter vida própria, e o próprio pessoal que passou por aqui, passou a administrar vendo as necessidades, nem sempre procurando fazer o que o engenheiro chefe queria, o que o pessoal lá de dentro da paulista queria. Entendo que isso foi um passo importante.

Basicamente da história do Grêmio que seria importante ressaltar eu acho que é isso. No mais, é um clube normal como os demais, social e poli esportivo.

E: O Sr. teria alguma opinião, referente a essa ingerência por parte do comando da CPEF na administração do Grêmio?

J: Essa ingerência, ela fazia... hoje por exemplo, existe uma política normal como tem em todo clube, quem se interessa em participar da vida política do clube tem liberdade. Naquela época não era bem assim. Havia até perseguição profissional dentro da Companhia, tem pessoas que ficaram prejudicadas em suas carreiras em função do Grêmio Recreativo, principalmente depois de 1970. E até 1970 participava quem eles queriam que participasse, não era uma coisa, não era a pessoa desejar e participar. Então era um pessoal selecionado e escolhido por eles, que normalmente participava das coisas, da vida do Grêmio Recreativo.

E o desenvolvimento também era muito ligado ao que eles pensavam, nem sempre ligados à realidade e as necessidades do clube.

E: Como o Sr. vê o Grêmio dentro do Esporte de Rio Claro, qual o papel do Grêmio no esporte de Rio Claro?

J: Eu acho que a participação do Grêmio hoje, e eu faço isso com muito orgulho, que eu tenho ao meu lado hoje, meu vice presidente foi diretor de esportes do Grêmio, o Pedro, o Souza foi diretor de esportes do Grêmio, hoje ele é diretor adjunto, o secretário do Conselho, Sergio Franco foi diretor de esporte do Grêmio, e eu devo estar esquecendo algum nome, mas tem mais um diretor que foi secretário de esportes do Grêmio.

Nunca, nunca nenhuma administração investiu tanto no esporte como a atual administração investe. E é um investimento que eu entendo obrigatório, que movimento o Grêmio no dia a dia, de segunda a sexta, é o esporte.

Um clube só é grande enquanto as pessoas que são sócias tiverem interesse em participar dele. Principalmente o jovem, ele só tem interesse, hoje o termo para vocês que é jovem é muito comum, eu ouço muito por aí, "vamos sair pra balada". Ninguém vai a um lugar onde não tem ninguém. O pessoal só vai aonde vai encontrar gente, vai encontrar pessoas. E aqui no Grêmio sempre tem gente, em função do esporte. Porque é muito mais badalada a parte social, mas é mais badalada pela imprensa. O Clube no dia a dia vive em função do

esporte. É academia, jogos de futebol de salão, basquete, vôlei, bocha, sinuca, vôlei de areia, tênis e tudo mais.

O grêmio promove todo ano, torneios de todas as modalidades que a gente tem espaço pra realizar. Existem pessoas que eram federadas na liga municipal, e tudo mais, em futebol de salão, em futebol de campo, e se desligaram para poder participar dos times que são montados para disputar a copa Grêmio de futebol e futebol de salão. Se desligaram para poder disputar aqui no Grêmio, porque existe uma limitação de federados por equipe, até para não formar seleções e para haja realmente competição.

É tão interessante que todos os times que disputam esses eventos, esses torneios, principalmente na área de futebol, futebol de salão e basquete também, tem patrocínios externos. VÁRIOS patrocínios. Todos eles tem uma camisa com patrocínio de alguma empresa. Porque isso, porque são campeonatos que realmente são disputados com muita rivalidade, e com uma vantagem, não existe dentro do Grêmio o problema que existe nos campeonatos amadores, que é muita briga, muita confusão, não existe segurança nenhuma nem para arbitro, nem para jogadores, atletas. Aqui tem isso, tem um respeito muito grande. Até porque o estatuto do clube é muito rígido, e isso faz com que... existe aquelas jogadas normais do futebol, mas isso é analisado dentro da esfera do futebol. Não é analisado como estatuto do clube, como agressão, nada disso. Mas agora, encerrada a partida, encerrado a partida não há mais nada, acaba, fica tudo dentro do campo.

Só pra se ter uma idéia, do nível que o esporte do Grêmio atinge hoje, isso foi um exemplo muito recente. Domingo jogou Corinthians e São Paulo, o arbitro que apitou Corinthians de São Paulo, foi o arbitro que apitou a final da copa Grêmio do ano passado. Só pra se ter uma idéia do nível que a gente tem de responsabilidade com esses eventos. É o mesmo arbitro.

O investimento no esporte, além desse aspecto, isso é importante... é um investimento que enquanto o jovem está voltado ao esporte, ele não está voltado a uma atividade negativa. Eu chamo atividade negativa a bebida, droga e tudo mais.

A gente tem um esquema de segurança que prevê, não diria que funciona 100%, nada funciona 100%, mas que prevê não haver esse negócio de passar droga aqui dentro. E quando a pessoa está envolvida na área esportiva, dificilmente ela está envolvida com outro componente que não seja benéfico ao organismo.

O esporte é fundamental na formação do jovem, na minha opinião, e é por isso que a atual administração investe muito na área esportiva. E não é só com jovem não, nossos velhinhos da bocha, da sinuca, também tem seus torneios regulares todo ano. É importante também aqui, o pessoal da terceira idade, não concordo muito com esse negócio de melhor idade, eu já tive 25 e hoje tenho 53, e era muito melhor quando eu tinha 25. Então, se negócio de melhor idade é conversa, não me engana. Mas eu considero o esporte também nessa parte de 3 idade, também ajuda, é claro que não dá pra jogar futebol, mas com certeza dá pra jogar bocha, dá pra jogar sinuca, e isso eu sei, como um cara que também joga bocha, eu sei que o esforço que é feito ali, que anda pra cá e anda pra lá, também é importante.

Considero que seria inútil a nossa administração se não tivéssemos essa visão voltada pro esporte.

E: Deu para perceber que existe uma preocupação com o sócio estar freqüentando o clube. Até fazendo juz a história quando os funcionários saíam do trabalho para construir o Grêmio.

Sendo assim, como é que o Sr. descreve a relação entre os associados do clube e a relação do clube com o Município.

J: Bom, eu diria que existe uma relação de amizade muito grande, mesmo entre os adversários de time aí. Existe, depois que acabou a partida, todo mundo encosta no balcão pra tomar sua cervejinha, seu refrigerante, sua água, todo mundo conversando, comentando. Então, além da prática de esportes, isso aí promove também, a confraternização entre os associados que é muito importante.

Nos tivemos nos últimos torneios aí, declarações das pessoas envolvidas nas partidas, o que perdeu reconhecendo que o adversário foi melhor, o outro cumprimentando a outra parte, se confraternizando realmente. Isso é muito importante também, que haja entre os associados, uma unidade. Isso faz com que não exista problemas. Você sabe disso, que aqui no Grêmio é muito difícil acontecer alguma coisa, às vezes acontece, mas é coisa muito rara.

Agora a relação do Grêmio com a cidade, eu acho que até pelos números que o Grêmio apresenta, acho que dá pra ter uma relação do quanto à cidade, do quanto o Grêmio é importante para a cidade. O grêmio tem 10.000 sócios, em torno de 10.300 sócios. São sete mil e poucos sócios que pagam mensalidades, três mil e tantos sócios já remidos. Nós temos em torno de duas mil freqüentadoras. Se nos juntarmos os dependentes dos sócios remidos e titulares, nós teremos em torno de 27 mil pessoas. É mais que 10% da população de Rio Claro.

Então, essa relação do clube com a cidade, é muito importante. É muita gente da cidade que participa do Clube, e como o clube é destino pra lazer, eu acho que nesse aspecto o clube colabora muito com a cidade. E proporciona lazer para tantas pessoas. Lazer e esporte e uma vida social também.

E: Em seu ponto de vista, quais são os momentos mais significativos na história do Grêmio?

J: Bom, nós tivemos aí, significativos, eu considero a fundação o marco. Importantíssimo, eu acho eu o mais importante, fundamental. Nós tivemos a inauguração da primeira piscina, nós temos fotos aqui, que foi outro marco, foi uma luta, foi muito grande. Eu não vivi isso, até porque não era possível, a minha idade, mas eu conversei com muitas pessoas, infelizmente a maioria já falecidas, eu conversei com muitas pessoas que viveram isso, passaram por isso. Foi uma festa muito grande quando o Grêmio conseguiu inaugurar sua primeira piscina. Foi um marco importante na história do Grêmio.

Depois disso, talvez o grande marco tenha sido o rompimento do cordão umbilical com a Companhia Paulista. Isso trouxe ao Grêmio, parece até um paradoxo, mas é uma realidade, é só analisar o que era o Grêmio antes e o que foi o Grêmio depois. Isso trouxe para o Grêmio uma independência, deu a ele pernas próprias, e em função disso passou a fazer o que era mais importante, não o que era de interesse político e a coisa assim.

Depois nós tivemos o centenário do Grêmio, o clube vai fazer 110 anos agora, então nós fizemos há 10 anos o centenário. E isso você analisando que

sempre o clube foi crescendo, eu acho que é uma coisa muito importante, esses 100 anos de Grêmio Recreativo.

No começo do nosso bate papo, você falou a respeito do José Roberto que foi o anterior, talvez tenha sido um dos melhores presidentes que o Grêmio já teve, nos temos divergências políticas, mas isso não me impede de reconhecer o quanto ele fez pelo clube, talvez tenha sido um dos melhores presidentes que já passou por aqui.

Não fez as coisas, no meu modo de ver, da melhor maneira.

E: Sr. “José Renato”, muito obrigado por sua contribuição para esse trabalho

Excluído: X

J: De nada, disponha caso precise de algo mais.

APÊNDICE 5

Depoente – Sr. “Eduardo dos Santos Filho”

Excluído: K

E: Boa tarde Sr. “Eduardo”

Excluído: K

J: Boa tarde!

E: Primeiramente eu gostaria de saber quando foi que o Sr. Começou a trabalhar na Companhia Paulista?

J: Eu comecei em 26 de Agosto de 1948, eu era mecânico.

Excluído: mecanico

E: O Sr. se aposentou quando?

J: Eu me aposentei em 18 de Maio de 1970 como operador de trens.

E: O Sr. passou pelo curso do SENAI ?

Excluído: Senai

J: Meu pai era ferroviário, quando ficou sabendo que eu já tinha idade para entrar na ferrovia ele me levou para o SENAI. Foram 3 anos de curso, aí eu entrei na Companhia Paulista como mecanico e fui mudando de ofício, até que eu cheguei a ser operador de trens em 1964.

Excluído: Senai

E: O Sr. me contou que seu pai era ferroviario. Em sua familia, mais alguém trabalhou na Paulista?

J: Meu avô trabalhou um tempo, mas não sei dizer para você quando foi isso. Eu tenho mais 3 irmãos, um deles trabalhou na paulista, o mais novo fazia serviços pela cidade e o Sergio, meu irmão mais velho ele era... bom... acho que posso dizer marceneiro... ele fazia serviços com madeira.

E: Como era a vida de ferroviário?

J: Eu vivi uma época boa da ferrovia... ta certo que proximo de me aposentar as coisas estavam mudando... pouco depois a paulista foi encampada pela Fepasa. Mas era bom, eu gostava do trabalho, viajava muito, conhecia muitas cidades. Eu gostava do meu trabalho.

E: O que o Sr. fazia fora do horário de trabalho, em seu tempo livre?

J: Se eu estivesse em alguma cidade, por conta das viagens com o trem, eu aproveitava para passear e conhecer. Mas... assim... eu me lembro que eu gostava muito de ir ao Gremio, meu pai gostava muito, ele jogava futebol lá. O clube era o melhor lugar da cidade para diversão.

E: Então o Sr. era sócio do Gremio?

J: Sou sim! Sou sócio remido, são 56 de associação. Eu entrei de sócio dois anos depois de começar a trabalhar.

E: O Sr. chegou a praticar esportes no Grêmio?

J: Eu joguei basquete, futebol de salão, bocha... sabe... eu até participei de uma corrida.

E: O Sr. praticava como lazer ou fez parte de alguma equipe?

J: Eu era do time de basquete, por ser meio alto. Hoje em dia eu sou baixo, mas na época eu era um dos mais altos. A gente fazia jogo contra o time do Ginástico... esse é um outro clube de Rio Claro. Lembro de jogarmos também contra o time do Cruzeiro e do Bandeirantes, mas esse acho que foi futebol de salão. Não lembro direito, faz tanto tempo. Da para ter saudade.

E: Esses jogos eram no Gremio ou vocês iam para outras quadras?

J: Jogamos muito no Gremio, mas tinha jogo em outros lugares. O Bandeirantes tinha sua quadra, o Cruzeiro também. As vezes tinha jogo na quadra do Joaquim Ribeiro, a escola, você conhece?

E: Sim, conheço

J: Então, a gente ia para vários lugares.

E: Peço que resgate em suas lembranças se o Gremio era um clube exclusivo dos ferroviários, ou se já haviam socios que não eram ferroviários.

J: Olha... (pausa)... pelo que eu lembro sempre teve pessoas que não eram da paulista. Principalmente nos bailes. Tinha baile que mulher poderia entrar sem ser socia, mas lembro que uma vez deu problema, pois as mulheres não gostavam disso, porque nos bailes acabava por ter muita mulher solteira e elas ficavam olhando para seus maridos.

Mas no Gremio, eu acho que sempre teve pessoas que não eram ferroviários. Acho que poderiam ficar socios, mas não poderiam ser da diretoria. Hoje eu sei que é assim, mas não lembro direito.

E: Ainda resgatando as suas lembranças da época de trabalhador da ferrovia. Qual era a relação da CP com o Grêmio?

J: Era normal

E: Havia algum incentivo, ajuda, ou algo parecido por parte da Paulista?

J: A paulista dava material para o Gremio, as vezes deixava a gente, quando o trabalho estava mais calmo, ir no clube para fazer algum serviço. Mas não era sempre.

E: O Sr. fez parte de alguma diretoria do clube?

J: Não, nunca fiz. Mas eu era muito amigo do pessoal. Eu gostava muito do Jose Carolino, o falecido Jose Carolino. Ele participou de varias diretorias. Eu fui em algumas reuniões, mas só para acompanhar mesmo.

E: Recordando sua participação no clube, o que o Sr. tem a me contar a respeito da história do Grêmio, desde sua fundação até os dias atuais?

J: Eu vou no Gremio desde meus 16.... ou 14 anos. Depois fiquei socio e usei muito o clube. Eu gostava de ir lá. O gremio cresceu muito, hoje tem muitas quadras, tem um salão de jogos muito grande. Eu gosto de jogar bilhar e cacheta.

A piscina foi um momento de muita festa... eu lembro, levei meu filho lá, ele gostava muito de nadar. Para mim o clube é um lugar de encontrar amigos, lá a gente consegue lembrar dos tempos passados. Eu mesmo sinto falta de poder jogar futebol, hoje ando com dores, a idade está pesando (risos)...

E: Como o Sr. vê a relação do grêmio com a cidade de Rio Claro?

J: Hoje o Gremio tem muito socio. Acho que o clube é importante porque é um lugar onde as pessoas conseguem se encontrar, fazer alguma coisa, esquecer dos problemas.

Voce está estudando o esporte né... então... muita gente boa começou no Gremio, não lembro muitos nomes, mas lembro que tinha muito jogador lá no Gremio. Hoje em dia ainda tem. Na minha época tinha muita gente boa na bocha. Nosso time de basquete também era bom.

E: O Sr. acredita que o Gremio seja importante para Rio Claro?

J: Ah ! Sim! Sem dúvida.

E: Muito bem Sr. “Eduardo”, o Sr. gostaria de acrescentar alguma coisa a respeito do Gremio, da Companhia Paulista...

Excluído: K

J: Não, acho que as coisas que eu sabia eu já falei. Eu gosto muito do Gremio, gosto de ir lá, principalmente de domingo. Hoje em dia não consigo ir mais nos bailes, começam muito tarde. Antigamente acabava na hora que começa hoje em dia. De domingo eu vou lá, vejo alguns amigos. Quando estão em Rio Claro meus netos vão comigo. Eles adoram ficar lá.

E: Sr. “Eduardo”, eu quero agradecer sua colaboração com essa entrevista.

Excluído: K

J: Não há de que!

APÊNDICE 6

Depoente “José Roberto Gonçalves” (aposentado em 1992)

Excluído: T

E: Boa tarde Sr. “José Roberto”

Excluído: T

J: Boa tarde!

E: Primeiramente eu gostaria de saber quando foi que o Sr. Começou a trabalhar na Companhia Paulista?

J: Na realidade eu sou formado no SENAI, na Escola SENAI Ferroviária. Eu entrei em 64 e me formei em 1966 como ajustador mecânico. Eu fui admitido em 13 de abril de 1967 na oficina da companhia Paulista.

Excluído: Senai

E: E o Sr. trabalhou lá até quando?

J: Trabalhei, eu me aposentei em 16 de novembro de 1992. O tempo do SENAI ele contou como tempo de serviço. Eu também tinha um período de atividade em salubre. Então teve assim uma conversão de tempo. Eu me aposentei com 42 anos de idade. Aposentei bem novo.

Excluído: Senai

Eu entrei como ajustador mecânico e aposentei como supervisor administrativo. Eu era chefe de uma seção de programação, que fazia a manutenção dos veículos, dos vagões dos maquinários da oficina. Que dava toso um suporte para os engenheiros da fepasa na época. Eu entrei na Companhia Paulista, mas a partir de 71 a paulista foi encampada, então formou-se a Fepasa.

E: O pai do Sr. era ferroviário?

J: Meu pai era ferroviário, também trabalhou nas oficinas como serralheiro. O meu avo era maquinista, e meu bisavô era foguista (risos), trabalhou nas máquinas Maria fumaça. Então tem toda uma tradição na família, é ferroviária mesmo.

E: Como que o Sr. descreve a sua vida como ferroviário?

J: Eu peguei uma época um pouquinho, vamos dizer assim, na parte financeira, eu peguei uma época difícil da ferrovia. A maioria dos amigos meus que se formaram no SENAI, a maioria foi embora. Foram trabalhar na Varga, foram trabalhar em São Paulo e em outras cidades.

Excluído: Senai

Eu fiquei firme aqui, tive um pouco de paciência, e a partir de 1971 saiu... ou foi em 76... Saiu um novo contrato para os funcionários da empresa, então houve uma melhora significativa no salário. Mas eu tenho saudade da ferrovia, sempre gostei de trabalhar na ferrovia. Nessa época houve uma melhora significativa do salário, e eu entrei como ajustador mecânico, depois com o tempo eu fui convidado a participar na seção técnica da ferrovia, que eu tinha

uma boa noção de desenho no tempo de **SENAI**, então o Professor de desenho da época me indicou para o chefe da seção técnica para eu ser,... Trabalhar na seção de desenho. Trabalhei um tempo no desenho. Foi criada uma seção nova, que era a seção de programação de manutenção de veículos. Eu prestei o concurso, passei e fui trabalhar na inspeção. Depois de certo tempo, o chefe da seção se aposentou, e eu acabei assumindo a chefia da seção.

Excluído: Senai

E: No período que o Sr. foi ferroviário, quais eram as oportunidades de lazer que tinham para vocês?

J: Basicamente o que tinha, para nós ferroviários lá, era o Grêmio e tinha também uma quadra de futebol ali na rua 1 A com a avenida 22. Era uma quadra da associação de mestres, e isso existe até hoje. Então ali tinha uma quadra de futebol, de terra, não era nem gramado, e tinha uma sauna também. Fora aquilo ali né, para os ferroviários, tinha o Grêmio da Companhia Paulista. Tinha muitos sócios também do Grêmio, sócios não, ferroviários, que também eram sócios do Grêmio da Bela vista. Muitos ferroviários eram sócios também do Grêmio da Bela Vista. Mas a grande maioria era associado do Grêmio. Devido a grande facilidade também, isenção de jóia, mensalidade mais barata. Basicamente o lazer em termos de esporte, seria o Grêmio.

E: Qual era a relação entre o trabalho e o tempo de vocês?

J: A tempo livre, tempo livre era de final de semana, basicamente de final de semana. Me lembro que na minha época lá, o pessoal jovem quase não freqüentava o Grêmio durante a semana. Era mais o pessoal de mais idade que freqüentava o bocha, a malha, principalmente à noite. À noite na época, vamos dizer assim, antes de eu assumir, porque eu assumi a presidência do Grêmio em 88, o Grêmio não dispunha de muita opção de esporte para o associado. A noite praticamente no Grêmio só poderia jogar bocha, malha e existia uma quadra de futebol de salão, bem precária, bem ruim. Existia, não tinha mais, nada mais do que isso pra você praticar a noite no Grêmio. Isso em 88 quando eu assumi a presidência lá.

Aí depois eu vou comentar com você o que foi feito e o que existe hoje.

E: Bem, o Sr. já deixou claro, mas, o Sr. é sócio do Grêmio?

J: Sou! Sou sócio do Grêmio e sócio remido. Fiquei remido já o ano passado.

E: Desde quando o Sr. é sócio? O Sr. se lembra?

J: AH! Eu entrei, olha, meu pai era associado e quando eu completei 18 anos eu passei a ser sócio. Depois eu saí um tempo, fiquei um tempo fora, alguns anos, e depois eu voltei a ser sócio. Fiquei até o ano passado e me tornei sócio remido.

E: O Sr. chegou a praticar esportes no Grêmio?

J: Praticava, praticava mais futebol, mais futebol de campo do que de salão.

E: O Sr. praticava como lazer ou fez parte de alguma equipe?

J: Não, não! Como lazer. Existia em nossa época, existia um pessoal... Pessoalzinho que trabalha junto né, no escritório lá da companhia né, era um pessoal de seções, pessoal de programação, pessoal do desenho, seção técnica, um dia por semana a gente reunia esse pessoal à noite e jogava futebol de salão no grêmio, e alguns engenheiros participavam também. Então tinha aquele grupinho fechado ali, e toda semana era para jogar futebol no grêmio. E final de semana, aos sábados à tarde, a gente jogava nessa quadra da associação dos mestres, lá na rua 1 A com a avenida 22.

E: O Sr. me disse que juntava o grupo da seção para jogar, me disse também que seu pai era associado, então o Sr. mesmo antes de ser sócio era dependente de seu pai.

J: Eu, que me lembre, já com 6 ou 7 anos de idade já freqüentava o Grêmio. Eu ia para o grupo escolar na época, eu ia de manhã para o Joaquim Salles, e na parte da tarde eu ia pro grêmio. Naquela época era mais a piscina. Freqüentava mais a piscina, parquinho infantil, mais aquela coisa. Mais o futebol mesmo foi depois do SENAI.

Excluído: Senai

E: Pelo que o Sr. se lembra, quem eram os associados do clube?

J: Como assim?

E: Exclusivamente ferroviários?

J: Não! Não, não, não... Uma parte de ferroviários, e a parte maior mesmo era de pessoas não ferroviários, o que é até hoje.

E: O Grêmio sempre foi um clube onde houve essa participação dos sócios não ferroviário, ou o Sr. tem conhecimento do momento em que o não ferroviário passou a fazer parte do quadro de sócios do clube?

J: Não, não! Pelo que eu sei, existia até tempos atrás, o não ferroviário participava até do conselho do grêmio. Mas aí houve uma alteração no estatuto, não me lembro à época, se foi em 1960, ou sessenta e pouco, isso aí deve ter até no estatuto, nos livros ata do grêmio né, existiam até conselheiros que não eram ferroviários. Mas aí houve uma alteração no estatuto e o conselho passou a ser formado apenas por ferroviários.

Mas o não ferroviário participa há muito tempo acho que desde que se formou o grêmio participa, não sei, isso precisaria pesquisar em atas, mas eu acredito que o não ferroviário tenha participação desde a fundação do grêmio.

E: Ainda resgatando as suas lembranças da época de trabalhador da ferrovia. Qual era a relação da CP com o Grêmio?

J: Olha, o Grêmio ele foi comprado por um grupo de ferroviários. O Terreno, que eu sei, foi comprado. Agora existe uma ligação muito forte entre a CP e o Grêmio. Não oficialmente, mas existia uma ajuda financeira para com o grêmio.

Inclusive os carros alegóricos, na época de carnaval, eles eram construídos dentro das oficinas da companhia paulista. Eram construídos lá dentro.

A companhia mandava funcionários diariamente lá no grêmio para fazer manutenção do clube. As reformas necessárias no clube, as ampliações. A manutenção tinha um apoio muito grande da companhia paulista na época. Eu me lembro muito bem, não me recordo certinho a data, mas deve ter sido na década de 70 entendeu, existia uma chapa que estava concorrendo não me lembro se era ao conselho ou a diretoria do grêmio, e essa chapa tinha o apoio dos engenheiros da Companhia Paulista. E essa chapa não foi à vencedora, ela perdeu a eleição. E como uma represália, os engenheiros na época eles cortaram essa ajuda que era dada pro grêmio. Me lembro muito bem desse episódio, mas não sei precisar o dia, o mês, nada. Mas foi devido essa parte política né, contrariou os interesses dos engenheiros. O grupo que eles apoiavam perderam a eleição do grêmio, então eles cortaram esse apoio que a Companhia Paulista dava pro Grêmio. Aí houve o corte do cordão umbilical, a Companhia Paulista deixou de dar esse apoio à manutenção do clube.

E: O Sr. foi presidente do clube. Também participou de alguma outra diretoria, conselho?

J: Participei, eu fui convidado pelo Dr. João Teixeira de Barros, isso em 1976, para ser diretor de patrimônio do Grêmio. O presidente anterior Nelson Araújo exerceu, ganhou a eleição, depois eu fui diretor de patrimônio.

Eu fui diretor de patrimônio com 26 anos de idade. Fiquei 2 anos como diretor de patrimônio e depois fui convidado para ser secretário geral do clube. Eu fiquei 4 anos como diretor do Grêmio. Aí eu tive um filho, e já tive minha segunda filha, eu não tinha condições de conciliar crianças pequenas, aí eu peguei e sai. Fiquei 4 anos e saí!

Eu voltei para o Grêmio eu voltei em 83, fazendo parte do conselho deliberativo, fui eleito para o conselho. Fui conselheiro até Março de 1988. Em 87, de abril de 87 a março de 88 eu fui presidente do conselho deliberativo do grêmio. E em abril de 88 eu assumi como presidente. Fui presidente por 10 anos. Fui presidente de abril de 88 até março de 1998.

E: Durante o período que o Sr. exerceu a presidência do clube, não havia relação com a Companhia Paulista, que já se chamava Fepasa?

J: Não existia relação nenhuma, não existia. A ajuda na manutenção, a ajuda financeira eu tive de forma alguma. O Grêmio já, desde aquela época que eu falei pra você né, ele já passou a andar com suas próprias pernas e não teve mais ajuda da companhia.

E: Mas o clube continuou privilegiando os interessados a serem sócios que fossem ferroviários?

J: Exatamente. Existe um estatuto né. O clube lá, o terreno, a sede, o Grêmio foi fundado, foi construído por ferroviários, o estatuto ele da direito do não ferroviário, o categoria "B", existe o categoria "A" e o "B", o "A" é o ferroviário e o categoria "B" é o particular, o não ferroviário.

O estatuto dá, existe uma cláusula que dá p privilegio para o categoria "B" de que ele seja associado, só que ele paga 50% a mais do valor da mensalidade

do categoria “A”. Então, a mensalidade do categoria “B” é 50% a mais do que paga o categoria “A”.

E: Relembrando toda sua história no clube, o que o Sr. tem a me contar a respeito da história do Grêmio, desde sua fundação até os dias atuais?

J: O Grêmio, eu vou, veja bem, como eu falei para você, eu freqüentei quando era criança, e a gente ouve falar muito da historia do grêmio né, os presidentes que passaram por lá, e todo mundo fez um pouco, cada um fez um pouco. Cada um se dedicou, teve as suas diretorias, e eu posso dizer mais da minha época.

Eu fui diretor, fui conselheiro e fui presidente por 10 anos. O grêmio sempre lutou com certa dificuldade, só que em 88, eu participava do Grêmio e eu achava, sem querer menosprezar, sem querer julgar ninguém que tenha passado por lá, mais a gente comentava que antes de eu entrar como presidente as pessoas que estavam lá tinham uma mentalidade muito arcaica. Esse pessoal, eles achavam, que o Grêmio já faz 90 anos que está assim, vamos deixar do jeito que ta. E quando eu entrei, a gente já vinha participando do conselho há vários anos, tinha muita coisa erra, e o Grêmio na realidade era um gigante adormecido.

A partir dos momentos que nos assumimos em 88, eu formei uma diretoria, não com pessoal jovem, mas mesclando o pessoal jovem com o pessoal de idade, mas com a cabeça jovem, com o pensamento voltado para a evolução, para a modernização. Então Grêmio é hoje, o que existe aí, é graças ao trabalho dessa diretoria. Esses 10 anos aí, de 88 a 98.

Na parte esportiva, que é o que mais interessa para você né, quando eu assumi, o Grêmio tinha uma quadra de futebol de salão e um campo de futebol, além de um campo de bocha sul americana, e o bocha lá que todos que jogam chamam de Rapa lá. O grêmio se limitava, a parte esportiva a isso aí. O grêmio não tinha mais nada pra oferecer para o associado, entendeu? Para oferecer para o associado.

Quando nos assumimos nos, eu tinha, antes de assumir, eu já tinha um plano diretor de obras para o Grêmio. E um dos setores que ia sofrer uma grande modificação era o setor esportivo do clube. Nesses 10 anos, nos construímos o ginásio de esportes, que contem uma quadra poliesportiva e uma quadra de vôlei, nos construímos a academia de ginástica e a sauna. Tudo construído na minha gestão. Nos construímos duas quadras poliesportiva descoberta, para futebol de salão, vôlei e basquete. Um mini campo de futebol, que o grêmio não tinha mini campo. Uma quadra de vôlei de areia. Construímos salão de jogos, onde você tem ping e pong, bochinha e bilhar. Sem contar à melhoria que nós fizemos na cancha de bocha né. Bocha e malha nós fizemos uma modernização completa com ampliação do numero de canchas.

Então você vê que aumentou muito, como eu te falei anteriormente, durante a noite você não tinha opção de parte esportiva no grêmio, você só tinha quadra de futebol de salão. Uma quadra. Tinha uma quadra bem rústica, bem áspera, vestiários bem improvisados, não tinha nem um chuveiro quente para se tomar banho na quadra de futebol de salão do grêmio. E hoje você vê o que tem para você usufruir a noite. Tem um ginásio com duas quadras, tem duas quadras descobertas, tem vôlei de areia, tem uma infinidade de quadras ali para o associado poder usufruir.

E: Já que o Sr. está me falando sobre esporte, como o Sr. vê a importância do grêmio para o esporte de rio claro?

J: é bastante importante, ali no grêmio foram formados vários atletas, entendeu? Uma coisa muito importante que eu não relatei aqui para você ainda, hoje infelizmente não existe mais, a atual diretoria acabou né, não sei por quais motivos né, mas o grêmio existia uma equipe muito forte de pedestrianismo. Na minha época tinha até o professor José Carolino, que era um... Que levava a frente isso aí. Tinha outros colaboradores que ajudavam. Ele era na época o diretor de pedestrianismo, mas hoje seu José já faleceu. Mas tinha uma equipe muito forte de pedestrianismo, e nesse corrida, o grêmio além de participar o ano todo de varias provas no interior do estado, o grêmio promovia todo ano, no mês de agosto que é aniversario do clube, o grêmio provia uma prova pedestre.

Nessa prova competiam cerca de 500 atletas. Tinha gente não só da cidade de São Paulo, mas como todo interior do estado. Sem contar o futebol, o grêmio revelou grandes craques, pessoas que jogavam no grêmio e acabaram indo jogar no vôlei, jogar no rio claro, né, entendeu? O Grêmio foi mesmo um celeiro de atletas.

E: Sobre a convivência entre os associados do Grêmio, até mesmo por haverem duas categorias, como era a convivência entre os associados do Grêmio?

J: Olha, a convivência normal, eu acho que não existe né, não existe assim, nada de... Não existe... Vamos dizer assim... A convivência é normal. Você vai ver hoje, na pratica esportiva do Grêmio, você vai ver tanto o ferroviário, quanto o categoria "B" participando. Eu desconheço que existam grupos só de ferroviários. Na minha época existiam, por questões de trabalho a gente jogava. Mas se alguém da categoria "B" quisesse participar do grupo, nunca deixou de participar.

Hoje você vê, sempre existiu no Grêmio aqueles jogos aos domingos, aquelas equipes que jogam bola no domingo de manha, ou sábado à tarde, ali, pelo que eu sei, participam tanto ferroviários como o pessoal da categoria "B" Sempre foi uma participação harmoniosa assim, sem qualquer tipo de problema.

E: Como o Sr. vê a relação do grêmio com a cidade de Rio Claro?

J: É, o Grêmio é um clube muito tradicional né, tradicional, e eu vou dizer assim, da minha participação né. O que nos conseguimos, e eu tenho muito orgulho de dizer isso, que o Grêmio, antes de assumir a minha diretoria, o Grêmio era tido como um clube Brega na cidade. Era considerado um clube brega. Só freqüentava a sociedade em geral. Só se falava em ginástico e filarmônica. O Grêmio era tido como um clube assim, mais do pessoal mais pobre da cidade, um clube brega.

Nós, graças a Deus, com o trabalho da minha diretoria né, com a ampliação do clube, modernização, principalmente a parte social, que nos conseguimos melhorar muito, né. Trazer show de nível, para a cidade de Rio claro. E aquela renovação que houve, uma seleção que houve no quadro associativo, na

medida que iam saindo, pessoas assim, de outro nível social também. Não que o Grêmio tenha se tornado elitista, não é isso, é que o Grêmio, ele agrega, até hoje, todas as camadas sociais da cidade. Mas teve uma época que o Grêmio teve uma camada mais baixa da população, era como eu te falei, um clube considerado brega.

Tinham moças aí, que tinham vergonha de dizer para as amigas na segunda feira, que tinham ido freqüentar o Grêmio no final de semana (risos). Existia, eu presenciei, elas tinham vergonha de dizer. Que o legal aí, o chique, era freqüentar o Ginástico e a Filarmônica.

Mas graças a Deus, eu tenho muito orgulho, que além da modernização a minha diretoria conseguiu fazer no Grêmio uma modernização das instalações, nos conseguimos mudar o conceito do Grêmio perante a sociedade de Rio Claro. Hoje, todas as classes sociais freqüentam o Grêmio e muita gente quer ser sócio do Grêmio, por causa da transformação que houve no Grêmio, da década de 80 e 90 pra cá.

Teve também o Rio Claro futebol clube, o time foi formado em 1909 com apoio da CPEF, as vezes a ferrovia até mesmo contratava funcionários que fossem jogadores de futebol para que esses jogassem no Rio Claro Futebol Clube.

E: Aproveitando o gancho, quais foram os momentos mais importantes da historia do Grêmio em sua opinião?

J: Olha, eu vou dizer na minha... O Grêmio teve vários momentos, mas eu acho que essa fase, pelo que eu me lembro né, os 10 anos da minha gestão, que culminou justamente com o centenário do clube. O Grêmio, ele é fundado em 05 de agosto de 1896, então em 5 de agosto de 1996 o Grêmio completou 100 anos. Então eu tive a honra, de fazer a festividade do centenário do clube. Foi quando nos trouxemos o Ray Coniife, trouxemos o show do Roberto Carlos, Titãs, e outros mais. Foi toda uma festividade, feita, voltada para o centenário do clube. Eu acho que esse ano do centenário foi um ano muito importante né, e que também está incluído dentro, esta dentro dos 10 anos da minha gestão, que muita gente fala que foi na minha época que o Grêmio mais cresceu. Houve uma época de estagnação né, que era aquilo lá e não saia daquilo. Quer dizer, o pessoal mantinha o que tinha. Eu não sei se era condição financeira, não era! Por que, quando eu assumi, a arrecadação era a mesma do que nos anos anteriores, bem próximos a minha gestão. Acho que foi mais uma questão de organização, uma questão de competência mesmo.

E: Bem, o Sr. gostaria de acrescentar mais alguma coisa que o Sr. não tenha me dito...

J: Uma coisa muito importante, durante a minha gestão, foi ver, o que não existia no Grêmio, foi à criação das escolinhas. Isso foi feito na minha gestão. As escolinhas de futebol, a escola de vôlei e de basquete. É uma coisa que não existia no Grêmio né, e nos contratamos vários professores, e eles conseguiam tirar essa meninada da rua. Apesar de serem sócios do clube, eles passaram a freqüentar mais assiduamente essa escolinha. Acho que foi uma coisa muito importante na parte esportiva do clube.

E: Está ótimo Sr. “José Roberto”, foram muito validas as informações. É bastante coisa pra gente acrescentar no trabalho e agradeço a ajuda.

Excluído: ¶

Excluído: T

APÊNDICE 7**Depoente “Artur Marques Filho” (aposentado em 1974)****Excluído: Y****E: Bom dia Sr. “Y”**

A: Bom dia.

E: Primeiramente, eu gostaria de saber quando foi que o Sr. Começou a trabalhar na Companhia Paulista?

A: Eu entrei na Companhia Paulista no dia 6 de outubro de 1944

E: E por quanto tempo o Sr. Trabalhou, e em qual setor? Primeiramente em que setor?

A: 7 anos eu trabalhei como rebitador, depois eu me transferei para o tráfego. Em 51, comecei como praticante de trem, e me aposentei em 74 como chefe de trem.

E: Então o Sr. Passou por 3 setores da Companhia?

A: Dois setores, arrebitador e chefe de tráfego

E: AH! Ta!

A: O Praticante já fazia parte da carreira de trem, porque, na ferrovia, entrava como praticante, depois só tínhamos que aprender o manual de circulação de trem. Depois de um ano na carreira, onde fazíamos um exame chamado segunda entrança, que era um exame (como se diz) verbal, com três examinadores, e nós éramos interrogados a respeito de circulação de trem. Tínhamos que conhecer tudo, a respeito da circulação, das ordens de serviço. Depois que passava para ajudante de trem, se fosse aprovado nesse exame.

E: Lembrando um pouco, do tempo do Sr., de Ferroviário, tempo que o Sr. trabalhou na ferrovia, como que o Sr. descreve a vida do Sr. na ferrovia? Como o Sr. descreve o seu trabalho, a sua vida de ferroviário.

A: A minha vida de ferroviário, como de todo ferroviário, não foi fácil. Uma vida de muita dificuldade. Inclusive quando eu mudei de setor, na carreira de chefe de trem, estava sujeito a enfrentar as interferências do tempo. O chefe de trem não tem dia, não tem hora. trabalhava de dia, de noite, não tinha feriado. Poderia ter e não ter, era de acordo com a escala. Mas graças a Deus, mesmo com dificuldade eu consegui educar dois filhos. Me aposentei em 84, e estamos aí, graças a Deus.

E: O Sr. gostava da vida de Ferroviário?

A: Sim, o meu pai já era ferroviário e eu entrei na ferrovia, entrei com dedicação e com amor.

E: O seu pai como ferroviário ele trabalhou em que setor?

A: O meu pai era encanador. Ele trabalhava no departamento de freio dos vagões. Antigamente o freio do vagão era um freio comprimido, era a vácuo. Então existia uma série de conhecimentos, então o meu pai trabalhava nesse setor.

E: A profissão do Sr., o primeiro setor que o Sr. trabalhou na Companhia Paulista, que foi de...

A: 44 a 51 como rebitador.

E: ... como rebitador. Essa profissão de rebitador, o Sr. aprendeu com o seu pai?

A: Não, aprendi na própria ferrovia.

E: Como?

A: A gente entrava na ferrovia batendo ferrugem.

E: Batendo ferrugem !

A: É, tinha um aparelho, que devido barulho que ele fazia, era denominado, era conhecido popularmente como besouro.

E: (risos)

A: Então, o vagão chegava para reparação, a primeira coisa era bater ferrugem. Quem batia ferrugem eram os primeiros funcionários que entraram.

E: Ahhhhh!

A: Na ferrovia, eram selecionados para entrar batendo ferrugem, na medida do possível, um ajudante do rebitador ficava doente, ou faltava, ou entrava de férias, então era tirado daquele setor da ferrugem para auxiliar. Depois na reparação ia encontrar arrebite, que era travação e precisava de uma pessoa para esquentar o rebite e uma outra pessoa para encontrar o arrebite. Geralmente quem esquentava o arrebite eram as pessoas mais idosas, quando já estavam em dificuldades para o trabalho, pois eram 90 libras de ar no gatilho, que chamavam de revolver, para bater o arrebite do outro lado. Então essas pessoas eram escolhidas para esquentar o arrebite e auxiliava na hora de cravação que tinha o ajudante que encontrava o arrebite.

Mas eu trabalhei, eu trabalhei só 6 meses batendo ferrugem. Depois já fui escolhido e comecei desenvolver. Tinha muito ajudante e não tinha muito

oficial. E eu trabalhei na praça, com o falecido Armando Moncolato, era serralheiro, eu trabalhei 4 anos com ele em serralheria, e isso aí me serviu, Graças a deus pra...

E: Pra aprender...

A: Eu não recebi promoção, mas fui colocado, já como oficial na... Desenvolver o serviço... meu... o oficial que eu pude auxiliar, ficou doente, e como tinha muito ajudante, não tinha gente pra desenvolver o serviço, eu me ofereci pra continuar lá. Eu fui escolhido... fui escolhido... fui aceito, na época, e eu comecei já a trabalhar como oficial.

E: O Sr. chegou a freqüentar o cursinho da paulista?

A: Não, eu sou formado pela industrial. Eu fiz 4 anos de pintura, eu cheguei a fazer exposição.

E: Então o Sr. é um artista plástico?

A: Não, eu não sou não, porque eu abandonei tudo. Eu trabalhei na praça no liso. Pintura lisa. Porque, naquela época que eu me formei, aqui na praça, eu trabalhava com letra quando me formei, então pra... pra mim seria interessante trabalhar nessa parte. Mas, infelizmente, aqui na praça, eram o falecido Pontes e o Santoro, José Santoro, que até hoje ta vivo, que imperava. Quando as pessoas precisavam de cartazes lembravam desses dois nomes. O Meira mesmo, foi colega meu de escola. Ele se formou um ano depois de mim. Um ano ou dois. E ele, com dificuldade ele entrou na praça, ele ta aí até hoje, e eu abandonei.

E: Tentando, o Sr., novamente dar uma retomada dos tempos de ferroviário, o Sr. consegue se lembrar quais eram as oportunidades de lazer que o Sr. tinha no período em que o Sr. trabalhou na Companhia Paulista?

A: Lazer...

E: É...

A: O lazer nosso era futebol, né, eu fui torcedor do Velo, muito tempo. Eu digo fui, porque hoje o Velo não existe. Eu tenho até título patrimonial, ajudei o Araújo na construção da arquibancada. Não sei se você sabe, Nelsom Araújo, que foi também um presidente no Grêmio, foi presidente no Velo, onde tirou uma arquibancada de madeira e fez a estrutura que está lá hoje. Então, naquela época ele convidou os associados do Velo a participarem comprando um título patrimonial. Eu como colega dele, ferroviário, o falecido Nelsom, eu comprei título, tudo, eu participava lá, e do Grêmio. Inclusive eu tenho meus filhos, um casal de filhos, aprenderam a nadar no Grêmio. Na piscina do Grêmio.

Essa piscina do Grêmio, foi justamente conseguida, 45 ou 46, não me recordo a data, quando foi feita a primeira piscina do Grêmio. Inclusive não tinha

alambrado, era circundada só com cano de 2 polegadas quera o cano usado nos vagões de freio a vácuo, que foi extinto, depois veio o estigal, que era uma medida diferente. Então foi usado esses canos, já na ferrovia sobravam cano enferrujado. Então a primeira piscina do Grêmio, está lá até hoje, que é a primeira piscina da frente ali, ela não tinha alambrado. Ninguém pulava pra nadar, ninguém invadia, se não tivesse exame médico, viu, se não tivesse exame médico ninguém adentrava a piscina. E tinha piscina pequena, a pouco tempo, deve te-la até hoje.

E: Já que o Sr. Citou o Grêmio, o Sr. É sócio do Grêmio?

A: Eu sou sócio remido.

E: ...Remido, então o Sr. É há mais de 30 anos sócio, então o Sr. consegue se lembrar o momento em que o Sr. Ficou sócio do Grêmio, o ano?

A: AH... eu tenho que pegar o meu diploma, eu tenho o meu diploma em casa. Hoje, o meu numero de sócio, atualmente, 20005.

E: É por volta, início da década de 60 que o Sr. Ficou associado do clube...

A: 57, eu tenho a data, eu tenho o diploma, acho que posso até lhe mandar essa data.

E: O Sr. Fez parte de alguma diretoria do clube?

A: Sim, com muito orgulho eu posso falar pra você que participei de 88 à 98, com o José Roberto Gonçalves.

E: José Roberto Gonçalves é o penúltimo presidente do clube, O antecessor do José Renato. Dentro de toda essa sua vivência de Grêmio, cerca de 55 anos de clube que o Sr. Frequenta, o Sr. Chegou a praticar algum esporte no Grêmio?

A: Não, eu pratica assim, socialmente, eu gostava muito do Bocha. Eu participava lá, não do Sul Americano, porque, acho que até 90 ou 92, me recordo a data não, se foi 93, que o campo de bocha Sul Americano foi extinto no Grêmio.

E: O Sr. Poderia me explicar, por favor, o Bocha Sul Americano.

A: Então, já denominado por nós, que é jogador de bocha, é o Rapa, que são, tem agora 3 compos lá. Então até um iniciante pode jogar aquele jogo. O sul americano não. O Sul americano é um bocha com mais regulamento.

E: O campo de jogo é o mesmo, as bolas são as mesmas, o que mudam são as regras do jogo?

A: É, e o campo não é o mesmo não. As medidas são diferentes. O campo Sul americano tem a medida mais larga. É um esporte muito difundido no Estado de São Paulo. Ainda temos muita gente. No Grêmio precisou acabar, porque foi, o pessoal já não gostava mais, o esporte social, que é o Rapa, que eles denominam, do que o Sul americano.

O sul Americano é um esporte muito caro, precisa ir pra fora jogar, e tinham poucos adeptos. Então foi, no seu lugar, no campo do Sul Americano, foi criada a sala de jogos lá no Grêmio.

E: Onde é a sala de jogos, atualmente...

A: ... atualmente, é onde funcionava justamente dois campos de bocha Sul Americano.

E: O Sr. Chegou a competir, ou o Sr. só praticava?

A: Não, só socialmente, nunca entrei em disputa.

E: Pelo que o Sr. se lembra, quem eram os sócios do Grêmio? Quem fazia parte do quadro de associados? Assim, pensando dentro da sociedade de rio claro? Eram apenas ferroviários, era toda sociedade, a maioria era formada por uma parte mais alta da sociedade. O que o Sr. consegue lembrar sobre isso?

A: No Grêmio, mesmo categoria A e categoria B, o clube é mais freqüentado pela classe mais humilde.

E: O clube tem duas categorias?

A: Duas categorias. O "A" é o ferroviário, e o "B" é o sócio particular. Inclusive existe uma divisão até no pagamento da mensalidade.

E: O Sr. sabe desde quando existe essa divisão?

A: Olha, não tenho documentos que provem, entende. Mas eu acredito, baseando-se no estatuto, o que existe no estatuto, isso aí deve ter sido criado uma divisão em 64.

E: Por volta de 64.

A: É por que, até 64, se nós analisarmos o estatuto do Grêmio, o sócio categoria "B", fazia parte do conselho fiscal do Grêmio. Tinha "A" e "B". Depois desta data, consta no estatuto, não tenho em mãos aqui, mas em casa eu tenho o estatuto do Grêmio que consta isto aí que a partir desta data, nesse dia que foi criado, o categoria "B" não poderia fazer parte da diretoria, não podia mais votar e nem ser votado no Grêmio.

E: Então, essa diferença de categoria existe em 64, o que não existia eram os privilégios. Agora, o Sr. sabe quando esse sócio, conhecido como categoria "B", pode entrar como sócio do clube? Ou o clube sempre foi,

desde seu início, um clube de ferroviários, ou o clube sempre teve, desde seu começo, ele já aceitava pessoas que não eram ferroviários. Eu sei que é um período que o Sr. não viveu, mas talvez o Sr. conheça a história.

A: Acredito eu, que quando o Grêmio foi fundado, não existia essa distinção em ferroviário, categoria "A" ou categoria "B", não conheço documentos, não tenho prova do que to falando, mas pelo que começo do Estatuto. O grêmio foi fundado por 5 pessoas. Pelo que conheço, 3 pessoas eram particulares, dos fundadores do grêmio, e duas pessoas, dois fundadores do Grêmio, eram ferroviários.

E: Eram funcionários Ferroviários?

A: Sim, eram engenheiros da ferrovia, eram ingleses.

E: AH! Eram Ingleses.

A: Eram ingleses, nacionalidade inglesa, e funcionários da ferrovia.

E: Continuando, e eu vou deixar o Sr. livre nesse momento, para o Sr. contar um pouco da historia do Grêmio. Mas já que o Sr. entrou nela, pode seguir, me desculpe interrompe-lo.

A: Eu acho que o Grêmio, na sua formação, pelo que ouvi, não tenho documento, mas pelo que ouvi, ele foi fundado com o objetivo de ser fundado ali um núcleo esportivo. Por isso que por muito tempo ele só tinha esporte. Um dos esportes mais praticado no Grêmio era inclusive o TÊNIS. O pessoal, fundador do Grêmio, gostava muito desse esporte. Aos poucos veio a malha. Aí, veio também, o futebol. O Grêmio por varias vezes cedeu o seu campo de futebol para o Rio Claro futebol clube treinar no Grêmio. Muitos dos jogadores do Rio Claro eram Ferroviários.

Então, a ferrovia não só incentivava o esporte, o futebol através do Rio Claro, que muitos dos diretores do Grêmio, também se associaram ao futebol do Rio Claro.

E: Havia, então, uma relação estreita entre a ferrovia e o Rio Claro Futebol Clube?

A: Tanto que tinha relação como tem o Ferroviário e o Paulista de Jundiaí, que o Ferroviário era sócio. Aqui em Rio Claro o Grêmio, contudo que muito ferroviário era sócio, mas não havia a obrigatoriedade, vai vamos dizer, pela ferrovia.

E: A ferrovia, que o Sr. se lembre assim do Grêmio, qual foi o papel da ferrovia para o Grêmio?

A: Então a ferrovia, em uma boa parte da minha vida que eu conheci o grêmio, quem sustentava o Grêmio era justamente a Ferrovia. A ferrovia não só sustentava o Grêmio como até a Santa Casa de Rio Claro. Mandando, na hora

que precisasse fazer algum reparo, em fim, a manutenção, mandava ferroviário pra lá. Era o pessoal da Ferrovia que dava manutenção no Grêmio.

E: A ferrovia dava manutenção no Grêmio. O Sr. Também me diz que algumas pessoas fundadoras do clube eram do alto escalão da empresa. Que eram engenheiros ingleses, que eu acho que deviam ser pessoas do mais alto escalão. Mas o Sr. também disse que a ferrovia não obrigava o ferroviário a participar do grêmio.

A: Isso, era de livre e espontânea vontade

E: Mas a ferrovia apresentava o Grêmio para vocês? A ferrovia, assim, o Sr. se lembra se talvez, quando o Sr. entrou para trabalhar na ferrovia, se disseram para o Sr. que entre suas obrigações, o Sr. tem direito a algumas coisas, como por exemplo, participar do Grêmio, ou da Cooperativa da ferrovia que existiu também.

A: Sim, a Cooperativa também era outro caso que era individual. Eu fui sócio da cooperativa por muitos anos, entende, inclusive falo da Cooperativa com muitas saudades, que eram um dos melhores serviços de abastecimento que nós tínhamos, não só em Rio Claro, no estado de São Paulo. Porque toda região da Companhia Paulista eles atendiam, até na linha permanente, os armazéns que eram circulado por vagões. E os vagões especiais que levavam a mercadoria na via permanente, que eram para o trabalhador que fazia manutenção da linha.

Você comprava de tudo. Desde roupa, calçado e alimento. Era descontado no próprio salário. Então era individual, entrava quem queria e eu entrei.

Tinha que pagar uma jóia. Essa jóia foi restituída para nós, não corrigida, quando a ferrovia foi encampada. O governo do estado devolveu a jóia para todos os ferroviários. O Grêmio também era a mesma coisa, ele não tinha ninguém que viesse forçar a gente a entrar de sócio. Mas tínhamos entre nos mesmos, eu mesmo fiz propaganda do grêmio, era propaganda verbal. Eu incentivava colegas meus. Era difícil pagar a mensalidade, eu pagava com sacrifício, o salário nosso era muito baixo, como até hoje é. Não é um salário suficiente para gente partir pra recreação. Mas eu via que meus filhos precisavam do esporte. Então eu entrei mais de sócio justamente por isso. Eu fui entrar de sócio praticamente depois que meus filhos nasceram, vendo a necessidade que tinha de levar eles para o Grêmio.

Meu filho agora, meu filho esta com 47 anos, agora ele paga o Grêmio até agosto só, em setembro ele vai ficar veterano. Veja bem, logo que ele completou 18 anos eu coloquei ele. Então era o meu raciocínio incentivar. Hoje eu tenho duas netas, minhas netas moram em Osasco, mas minhas netas elas freqüentam o Grêmio. Ta aí o carnaval, eu tenho duas netas, uma com 20 e a outra com 18 anos, que vem pra passar o carnaval aqui na casa do vô, e automaticamente urtir o Grêmio.

Quando pode, tem show, eu transmito pra elas e elas vem pra assistir o show no Grêmio.

Mas não era obrigado não, era de livre arbítrio, o ferroviário entrava se queria e saia a hora que queria.

E: Hoje em dia, até pensando no passado, principalmente, como o Sr. vê a importância do Grêmio na sociedade de Rio Claro?

A: Olha, eu acho que o Grêmio, inclusive eu tenho orgulho, que eu pertenci a diretoria do José Roberto, e ela fez muito pelo Grêmio. Se for analisar, eu tenho na minha casa jornal, fotos, da minha época. Do jeito que nos pegamos o Grêmio, foi o jeito que o José Roberto deixou. Não vou entrar em detalhes que eu não estou aqui pra fazer propaganda. Se for benetino eu falo. Quando nos entramos no Grêmio, agora vou me referir a nós porque eu fazia parte como diretor adjunto com ele, o Grêmio só tinha uma quadra de basquete, aonde funciona o quiosque hoje. Já tinha mudado, porque o Grêmio, quando ele fez a piscina, ao lado da piscina era a quadra de basquete do Grêmio. No fundo da quadra era o vestiário. Não sei se o Sr. sabe, o horário de funcionamento da piscina, quando encerrava, o funcionário que ficava supervisionando a piscina, ele batia um sino, 5 horas da tarde ou 5:30, que era o horário de fechar a piscina, que tinha os horários de acordo com o tempo fechava mais cedo ou mais tarde. Ele batia um sino. Ele tinha lá um sino que era de locomotiva a vapor (risos)...

E: Eu me lembro!

A: Você se lembra disso ainda!

Então, ali era a quadra, depois essa quadra passou ali aonde eram os quiosques, só tinha uma quadra. O ginásio do Grêmio passou por várias administrações. Na época que o José Roberto entrou o Ginásio estava parado, ele precisou refazer toda a estrutura dele pra não derrubar. A engenharia do Brumatti, a Brumatti engenharia, ela achou por bem, eles fizeram um levantamento, uma análise, de fazer uma recuperação, recuperar toda a estrutura do Grêmio que já estava deteriorada. Já estava corrigida umas, recuperaram outras. E foi feito depois o ginásio, foi terminado o ginásio, com uma quadra de Basquete e a quadra pra vôlei, dentro do Ginásio.

A administração do José Roberto que pois o campo, não sei se você sabe ou chegou a conhecer, lá tinha um muro, na rua 11, que pegava da avenida 8 até a casa que era vizinha do Grêmio. Aquele muro estava, se eu não me engano, 50 ou 80 centímetro fora de alinhamento. Aquilo ali, denominado por alguns ferroviários, que era o muro da vergonha. Que a prefeitura, todo prefeito que entrava solicitava que fosse corrigido o alinhamento, porque o alinhamento do Grêmio, segundo constava, tinha entrado na rua. Aquela calçada que hoje existe, não tinha. O pessoal só transitava só pelo outro lado, ali era estreito, porque uma parte o Grêmio tinha atingido, era o muro.

E para mexer com isso aí precisava mexer com o campo de futebol. Ali existia uma arquibancada muito pequena, muito acanhada, acho que cabia 100 pessoas, 200 pessoas, mas precisava mexer com ela também. Era uma estrutura de trilhos, bem feitinha. Mas, assim, nessa administração foi mexido, teve que mudar o campo, e foi justamente mudado o alinhamento do muro.

E: Uma administração que fez bem feitorias para o clube, transformações para o clube.

A: Ai foi feito o campo de areia, em fim, o Grêmio se analisar, o Ginásio foi construído na administração Jose Roberto. Infelizmente o numero de sócios do Grêmio é grande, e o s que podem praticar o esporte ali são poucos, devido ao horário e também devido as vagas.

Mas na verdade, o que o Grêmio faz por Rio Claro, pelo jovem, pelo esporte, é bastante coisa. Poderia fazer mais.

E: Então o senhor vê que o Grêmio tem um papel importante no esporte de Rio Claro?

A: Sem duvida nenhuma

E: O Sr. seria capaz de lembrar de algo?

A: Lembrar que nos temos, dentro de Rio Claro, muito esporte começa lá no Grêmio. Começa, o vôlei de areia, tênis de mesa, tem no Grêmio que oferece, proporciona pra criança.

E: O Sr. me disse que o Grêmio, em seu inicio, começou com um clube voltao para o esporte, ha 50 anos, quando o Sr. se tornou sócio do clube, o Sr. se lembra da importância do esporte praticado no Grêmio, se tinha outros lugares na cidade? Se era somente o Grêmio? Se do Grêmio saim pessoas que representavam Rio Claro? O Sr. se lembra?

A: Sim, o bocha Sul americano mesmo, por vários anos nos representamos pelo Grêmio fora de Rio Claro. Hoje é tênis de mesa, mas no meu tempo era pingue e pongue. O grêmio teve vários atletas nessa área, pingue pongue. Representou Rio Claro várias vezes fora de Rio Claro. O grêmio tinha um dos melhores basquete de Rio Claro, já tinha o Bandeirantes, mas o Grêmio também tem vários nomes ainda aqui em Rio Claro, com certa idade, que representaram o Grêmio no Basquete.

O grêmio, em sua época de gloria, o Aparecido Jose Carolino...

E: Que da nome ao Ginásio...

A: ... ao ginásio. Esse homem praticou... ele inclusive, a vida dele que eu conheci, foi dentro da ferrovia. Ele, no SENAI, ele era o professor de Educação física no SENAI, e ao mesmo tempo no Grêmio, ele que formava o grupo de atletas pedestres, pedestrianismo do Grêmio. Ele levava esses atletas para todo estado de São Paulo para praticar corrida. O grêmio tem varias taças que foram levantadas por esse homem.

Excluído: Senai

Excluído: Senai

E: O José Carolino, o Sr. disse que ele dava aula de Educação Física no SENAI, e o Sr. disse que no Grêmio ele era responsável pela parte do atletismo, o pedestrianismo que é famoso no Grêmio. Ele era formado em educação física, o Sr. se lembra o que ele era?

Excluído: Senai

A: Ele era muito meu amigo, vivemos juntos, ele fez parte da diretoria do José Roberto como professor de pedestrianismo. Mas acho que não, acho que ele era só formado pelo SENAI da companhia Paulista, porque a Companhia Paulista fazia isso, formava atleta e funcionário dentro da própria ferrovia.

Excluído: Senai

E: Era como no próprio trabalho, você aprendia no trabalho e trabalhava naquele setor que você aprendeu. Pessoas que aprendiam e sobressaíam, lá dentro da ferrovia mesmo no esporte, como o Sr. Jose Carolino, acabam sendo instrutor das novas turmas.

Compreendi!

Sr. Artur, pensando no senhor como sócio do Grêmio, como o Sr. descreve a relação entre os associados do clube?

A: Hoje a relação está um pouquinho deturpada, entende? Porque o categoria A e B tem uma diferença muito grande agora. Hoje, quem é responsável pela manutenção do clube é o categoria B. Quem administra o Grêmio é o categoria A. O categoria B, não sei, não me lembro, eu tenho material em casa da época que eu trabalhava lá que eu me preocupava com isso, nove mil e poucos sócios, tenho dados desse documento em casa, e já eram mil e poucos sócios categoria A, e o que tinha pagando mensalidade, na época que eu sai, o que tinha pagando, se não me engano eram oitocentos e poucos ferroviários, não tinha 900. Então aí, eu não sei

Nesse momento o Sr. "Y" completa sua fala dizendo da necessidade de se adaptar a realidade do clube, abrindo possibilidades para que os sócios categoria "B" possam concorrer aos cargos administrativos do clube.

Em relação aos momentos significativos na história do Grêmio ele aponta as inaugurações das obras, como piscina, quadras, além de reformas realizadas, principalmente as obras e reformas que estão ligadas à gestão da qual fez parte na diretoria.

Na última pergunta, aonde peço que ele se sinta a vontade para acrescentar algo para a entrevista que seja de seu interesse, ele critica a situação do sistema ferroviário brasileiro além das alterações na rotina do clube que a atual gestão promoveu.

APÊNDICE 8

Depoente “Artur Marques Filho”

Excluído: W

E: Bom dia Sr. “Artur”

Excluído: W

A: Olá! Bom dia

E: Obrigado por estar colaborando com meu trabalho. Para o início de nossa entrevista eu gostaria que o Sr. me contasse quando começou a trabalhar na Companhia Paulista de Estradas de Ferro?

A: Na paulista eu comecei em 1946, mas antes eu passei... eu fiz o curso da paulista

E: Qual função o Sr. Exercia na Paulista

A: Eu comecei como ajustador, depois, não lembro a data, passei para auxiliar de chefe de seção e me aposentei em 1969 como chefe da seção.

E: Recordando seus anos de ferroviário, como o Sr. definiria esse tempo

A: como assim?

E: O Sr. gostava de ser ferroviário? Era bom trabalhar na Paulista?

A: Sim! Trabalhar na companhia era muito bom, eu... assim... particularmente, me sentia muito bem, todo mundo era amigo.

E: O pai do Sr. era ferroviário?

A: Era sim

E: Seu ofício na Paulista, o Sr. aprendeu com ele?

A: Não, eu frequentei o curso do SENAI, meu pais apenas me encaminhou para ir fazer o curso... o que eu aprendi com era trabalhar direitinho.

Excluído: Senai

E: O senhor tem mais irmãos?

A: Tenho mais dois irmãos

E: Todos Ferroviários?

A: Sim, trabalhamos juntos... como sou o mais velho me aposentei primeiro, o Paulo em 1972 e o Antonio em 1975.

E: Lembrando ainda do tempo do Sr. de ferroviário, o Sr. consegue se lembrar quais eram as oportunidades de Lazer, diversão que vocês como ferroviário tinham?

A: Bem, não havia muita coisa para se fazer, a gente também tinha que trabalhar bastante... mas assim... sempre que possível iam ao Grêmio. Tinha também as praças da cidade, mas no Gremio que tinha os bailes, que a gente jogava bola. Tinha também algumas festinhas que a companhia preparava pra gente, mas era muito pouco.

E: O Sr. me disse que frequentava no Grêmio, o Sr. ainda é sócio?

A: Sou sócio do Grêmio desde 1948, quando eu tinha 18 anos. Hoje eu não pago mais, sou sócio remido desde 1984 se não me engano.

E: O sr. participou de alguma diretoria do clube?

A: Não... sabe... o pessoal até me convidou para ser conselheiro, participar da chapa, mas eu não gosto dessas coisas, gosto de jogar bocha e baralho.

E: O Sr. joga o bocha sul americana? Chegou a participar de campeonatos?

A: Eu jogava a bocha sul americana, mas mudaram o campo de lugar e acabou a bocha sul americana... ela tem um campo especial. Hoje eu jogo a "Rafa". Até participo de campeonatos que temos no clube... a gente organiza... mas eu gostava de jogar bocha Sul americana.

E: O Sr. conseguiria me descrever um pouco, das atividades do Grêmio. Sociais, esportivas, que o Sr. frequentou quando o Sr. iniciou?

A: Ah! claro... eu ia muito nos bailes, era muito bom... tive muitas namoradas (risos) ... eu dançava muito bem, era bom das pernas, até joguei futebol, mas eu gostava mais de ficar assistindo, eu ia muito aos jogos do Rio Claro. No gremio eu jogava mais bocha e ia nos bailes. Tinha também os encontros, ia apenas para ver os amigos... sabe... passear.

E: Então o Sr. chegou a praticar esporte no clube?

A: Não, não fui esportista...

E: A bocha Sul americana era muito forte?

A: Era sim, tinha muita gente que gostava, tinha campeonato... mas era todo mundo amigo. O Gremio tinha uma equipe que jogava contra outras cidades, mas eu não fazia parte, não podia ficar viajando... eu casei cedo... tinha os filhos... mas eu jogava com o pessoal.

E: Essas equipes de bocha Sul americana, elas representavam Rio Claro?

A: Não sei dizer... tinha os campeonatos, o pessoal jogava com a camisa do Gremio.

E: Na época que o Sr. entrou de sócio do clube, quem eram os sócios do clube?

A: Como assim? Os nomes dos sócios?

E: Não! Eu gostaria de saber se o Grêmio era formado, em seu quadro de sócios, apenas por ferroviários?

A: Quase todo mundo era ferroviário... pelo que me lembro era isso... mas tinha gente que não era não... lembro de um camarada que eu via sempre lá, o pai dele tinha uma loja ou algo assim. Mas tinha mais pessoas, lembro do Roberto dos Santos que jogava futebol, era goleiro.

E: Então o clube não era apenas para o ferroviário?

A: Acredito que não, tanto que tem até a categoria "B" no clube. Eu acho que sempre teve essa categoria... é... acho que sim.

E: O que o Sr. conhece a respeito da história do Gremio?

A: Bem, a historia do Grêmio. O grêmio é de 1996, já tem 100 anos, teve até um baile com o Roberto Carlos para comemorar. Mas eu lembro... acho que foi em 1994, não sei, construíram os novos campos de bocha. Quando eu comecei a frequentar o Gremio não tinha muita coisa lá, lembro de quando inaugurou a piscina, a quadra de basquete. Não sei muito da história, eu lembro de ter visto as coisas mudarem por aqui. Tive muitos amigos que foram presidentes, tem que gostar para fazer isso. Mas o Gremio é um clube muito grande, o mair de Rio Claro, tem mais de 100 anos e é um lugar que muita gente gosta de vir e passar o dia.

E: O Sr. acredita que o Gremio tem importancia para o Esporte de Rio Claro?

A: Não sei direito, tinha o pessoal que jogava basquete, futebol... tinha uma turma que gostava de corrida, lembro que tinha corrida. O Bonarges era da corrida, ele correu nas corridas de Rio Claro e outras fora de Rio Claro. Teve muito jogador de futebol bom no Gremio, eu gostava de ver os jogos de domingo de manha. Acho que o Gremio foi importante sim, muita gente jogava aqui no clube né!

E: Como o senhor descreve, nas suas lembranças, a convivência entre os associados do Grêmio.

A: Era muito boa, a gente conhecia todo mundo, a cidade era pequena, era gostoso encontrar os amigos. Muita gente trabalhava na companhia. O gremio era um lugar para a gente se encontrar e dar risada das coisas que acontecia no trabalho. (o Sr. "Artur" se emociona nesse momento)

Excluído: W

E: Pelo que o Sr. me falou o Grêmio era importante para Rio Claro, me parece que muita gente frequentava o clube.

Excluído: Gremio

Excluído: frequentava

A: Sim! Muita gente! Hoje é bem mais... mas a cidade também cresceu!

E: Em seu ponto de vista, através de suas lembranças, quais foram os momentos mais significativos na história do Grêmio?

A: Para mim, eu acho que... assim... que eu lembro... quando mudou as quadras de bocha. Ficou mais bonito, mas a gente gostava do lugar antigo. Agora lá é a sala de jogos. A quadra de basquete também mudou. Mas eu acho que fazer 100 anos é o momento mais importante. Teve também a piscina, eu lembro que só no colegio Koelle tinha piscina. Foi importante o Gremio ter uma piscina.

E: Bem Sr. "Artur", agora é um momento que eu deixo livre para que o Sr. fale sobre o Gremio, sobre a Paulista, sobre Rio Claro. Fique a vontade para me dizer o que o Sr. julgar importante.

Excluído: W

A: Eu gosto muito de Rio Claro, eu nasci aqui, mas minha família veio da Itália, tem muito italiano aqui. A cidade cresceu bastante, está muito mudada, eu gostava de andar de bicicleta, mas hoje não posso mais, as pernas não deixam e também tem muito carro na rua. A paulista acabou, quando entrou a FEPASA acabou tudo. Eu lembro quando mudou, eu já era aposentado, mas eu lembro. Meu irmão pode falar melhor sobre virar FEPASA, eu só lembro que era melhor quando era a Paulista. O Gremio.... (pausa) ... o gremio é minha vida. Eu venho pelo menos 3 vezes por semana aqui para jogar. De domingo eu chego cedinho, logo as 8 da manhã. Gosto de ver futebol, jogar bocha, encontrar uns amigos para jogar é muito bom. Meus netos as vezes vem comigo, estou ensinando o mais velho a jogar bocha. Ele gosta de jogar baralho, mas tem a mão boa para bocha.

Eu acho que é isso... gosto muito daqui.

E: Está ótimo! Muito obrigado Sr. "Artur".

Excluído: W

A: De nada, espero ter ajudado.

Ao final da entrevista o Sr. "Artur" estava emocionado por se lembrar de momentos de sua vida, o mesmo ainda fez questão de caminhar comigo pelo clube para mostrar os lugares que me contou. Essa conversa foi muito proveitosa pois pude observar os espaços e, de certa forma, enxergá-los a luz das memórias de um dos entrevistados.

Excluído: W

Excluído: enxerga-los

Os indícios das atividades físicas ou de uso do corpo podem ser encontrados por todas as fases da construção de nossa sociedade atual. Desde os desenhos encontrados nas cavernas, passando pelos textos de Homero, ou ainda marcando a história política romana, também em treinamento de cavaleiros para defenderem seus feudos, fazendo parte das transformações apresentadas por Norbert Elias como “O Processo Civilizador” ou ainda na construção da revolução industrial. Marques (1997, p. 410) sugere que o corpo tem se forjado sempre na perspectiva da própria história da humanidade.

Cada grupo, religião, classe, família, cada momento histórico da vida do Homem, esteve sujeito às interpretações do corpo, bem como sua utilidade, funcionalidade e existencialidade. Como afirma Daólio (1995), no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.

Assim, Marcel Mauss (1974) evidencia que toda a sociedade, em qualquer tempo e em qualquer lugar, sempre desenvolveu modos eficazes e conseqüentemente tradicionais de trabalhar o corpo do ser humano, em virtude de necessidades emergentes do corpo social. Desde a educação dos sentidos até às técnicas simbólicas, o corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades.

As peculiaridades históricas do corpo remontam os tempos de Platão, Sócrates e Aristóteles, século V e VI a.C., quando nas civilizações Grega e Romana da Antigüidade ele era valorizado pela sua saúde e capacidade atlética. O corpo na Grécia antiga, de maneira geral, era visto como

elemento de glorificação e de interesse do Estado, sendo valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade. Cada cidade grega apresentava sua particularidade em relação ao trato com o corpo. Em Esparta, atividades corporais recebiam um lugar de destaque na educação de jovens que buscavam um corpo saudável e fértil, enquanto em Atenas, no modo de educação corporal, prevalecia o ideal de ser humano belo e bom.

Em todas as cidades Gregas, as atividades corporais tinham grande valor para disseminação cultural e culto aos deuses, e essas encontravam grande expressão em torno dos jogos que eram realizados como uma ocasião religiosa, um meio para estarem mais próximo aos Deuses, bem como para serem glorificados como Deuses. O mais conhecido desses jogos eram os Jogos Olímpicos, que após seu auge, durante o período de supremacia helênica, tem sua decadência com o domínio romano até sua extinção na Idade Média.

Nesse momento uma nova percepção de corpo é adotada, passando a ser “proibido” pela Igreja do Ocidente que prega a supremacia da alma, levando em consideração que o bem desta deve prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo torna-se culpado, perverso, necessitando ser dominado, purificado através da punição. Porém, mesmo nesse período, caracterizado por muitos autores como um período negro para as atividades físicas, havia a presença de jogos que eram realizados entre cavaleiros, denominados de “Justas”, entre outros.

Em todos esses períodos da história da humanidade o entendimento e o uso do corpo passam por inúmeras modificações, sendo aos poucos moldado, levando o Homem a novas condutas e tratos com seu corpo.

Albuquerque (2001, p. 2) afirma que as representações corporais que experimentamos hoje, e que tem para nós a força da natureza, foram gestadas apenas há quatro séculos. Essas representações fazem parte de uma grande transformação que ocorre na modernidade, essas que são marcadas pela culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, mas também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos. (SILVA, 1999, p. 2)

Como apresentado, anteriormente, a modernidade marca esse momento de transformação do homem e suas relações sociais e, inegavelmente, essa nova relação - destacada pela passagem de uma organização de vida em comunidade para os novos laços de sociedade - muito influenciou nas relações do Homem com seu próprio corpo. Essas mudanças tornaram significativas e evidentes a partir do movimento da Revolução Industrial, pois as pessoas passaram a abandonar a vida no campo para viver e trabalhar nas cidades, e assim tomaram contato com a nova ordem social, caracterizada pelo individualismo e a competição, e o corpo, como apresentado por MARQUES (1997, p. 410), transforma-se em um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser utilizada segundo os interesses econômicos, sociais, políticos e ideológicos da classe dominante.

Emerge o esporte moderno, marcado pela instituição de um campo de concorrência entre as pessoas. Porém, Pilatti (1994) observará que se será apontado como equivoco vincular ou correlacionar a história do esporte com a Grécia antiga, sendo que na verdade este período é marcado pela origem de atividades físicas similares aos movimentos também utilizados no esporte moderno.

Dessa forma trata-se de estabelecer um novo ponto de referencia que envolve a transformação do corpo na modernidade. O questionamento que prevalece fica por conta de conceituar as atividades existentes antes do esporte moderno. São essas as atividades que ainda trazem consigo uma cultura própria, ancestral, trazida pelos grupos, e que apesar de serem domínio público e estar presente em varias regiões, encontramos regras e maneiras distintas de vivenciá-las. Estas atividades corporais conceituam-se como “Jogo” (HELAL, 1990), e esses nasceram com um caráter religioso e lúdico.